

Setembro, 2010

IV Série - Nº 20

Trimestral

Macau



FLORA GOMES

A República das Crianças



Wang Jiabao

PRONTOS PARA O FUTURO

O Encontro das Comunidades de 2010

À moda de Macau • Lendas da Lua

集郵訂購 2011

SUBSCRIÇÃO FILATÉLICA
PHILATELIC SUBSCRIPTION



訂購地點：
Local de Subscrição
Location for Subscription

各郵政分局
Todas as Estações Postais
All Post Offices



澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau



電話 Tel: (853) 2832 9490, (853) 2857 4491
傳真 Fax: (853) 8396 8603, (853) 2833 6603
電郵 E-mail: philately@macaupost.gov.mo
網址 Website: www.macaupost.gov.mo



情牽心意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas. Facilitamos Negócios

Director

Victor Chan Chi Ping

Director Executivo

Alberto, Au Kam Va

Editor Executivo

Fernando Sales Lopes

Propriedade

Gabinete de Comunicação Social

da Região Administrativa Especial de Macau

Endereço

Avenida da Praia Grande, nºs. 762 a 804

Edif. China Plaza, 15º andar, Macau

Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426

e-mail: info@gcs.gov.mo

Produção, Gestão e Distribuição

Delta Edições, Lda.

Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601

Editor

Luís Ortet

Direcção Gráfica

José Manuel Cardoso

Graffiti - Arte & Comunicação

Colaboraram nesta edição

António Falcão (fotografia), António-Mil Homens (fotografia), Carlos Picassin, Carmo Correia (fotografia), Gilberto Lopes, Hélder Beja, Ina Chiu, João Cortesão (fotografia), José Simões Morais, Márcia Schmaltz, Marta Curto, Pedro Daniel Oliveira, Ricardo Franco (fotografia) e Rogério Miguel Puga

Administração, Redacção e Publicidade

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600E

Edif. Centro Comercial "First International"

14º andar, Sala 1404

Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601

e-mail: contacto@revistamacau.com

www.revistamacau.com

Impressão

Tipografia Welfare, Macau

Tiragem

3 000 exemplares

ISSN: 0871-004X

■ ANGOLA: AOA 291.00 ■ BRASIL: BRL 6.60 ■ CABO VERDE: CVE 278.00

■ GUINÉ-BISSAU: XOF 1,602.00 ■ MACAU: MOP 30.00

■ MOÇAMBIQUE: MZN 96.00 ■ PORTUGAL: EUROS 2.50

■ S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 56,400.00 ■ TIMOR-LESTE: USD 4.00

■ RESTO DO MUNDO: USD 4.00

Macau

A realização em Macau da Terceira conferência ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa domina esta edição da revista Macau. As medidas que nele foram aprovadas e a forte presença dos países envolvidos deram ao encontro uma dimensão fora do comum.

Neste contexto, o Primeiro-Ministro Wen Jiabao, em representação do país promotor do Fórum, a China, anunciou medidas de grande alcance para a cooperação sino-lusófona. Nomeadamente a criação de um fundo de mil milhões de dólares norte-americanos e de uma linha de crédito de 1600 milhões de renminbis, ambos visando apoiar de maneira muito concreta essa mesma cooperação. Outras medidas de grande alcance foram apresentadas durante a conferência, como o leitor poderá constatar nas páginas dedicadas ao assunto.

Para além da conferência, o chefe do Governo Popular Central encontrou-se com personalidades dos diversos sectores da vida da RAEM, a quem transmitiu as suas ideias sobre os principais problemas e as grandes linhas do desenvolvimento da região administrativa especial, e teve encontros informais com a população, ao visitar pontos de interesse da cidade.

Dez anos depois do retorno de Macau, como estão os católicos em Macau? Um balanço da situação é feito, numa entrevista, pelo Bispo D. José Lai, e também por católicos de diversas origens.

Finalmente, a componente cultural está igualmente em relevo nesta edição, com uma entrevista ao realizador do filme *Amor e Dedinhos de Pé*, Luís Filipe Rocha, e os perfis da nova delegada da Fundação Oriente em Macau, Ana Paula Cleto, e o arquitecto moçambicano José Forjaz. ■

Luís Ortet



Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da revista Macau.

RELIGIÃO

O meu mundo não é deste reino, 6

Carlos Picassinos

EVOCAÇÃO

Escrita feiticeira, 20

Pedro Daniel Oliveira

EVOCAÇÃO

Luís Filipe Rocha, 24

Carlos Picassinos

PERFIL

A anfitriã, 32

Hélder Beja

BIOGRAFIA

Á descoberta de Macau, 36

Rogério Miguel Puga

MACAU

Melhor distribuir a riqueza, 46

Isabel Castro

MACAU

As ideias de Wen Jiabao para a RAEM, 52

COOPERAÇÃO

A nova era do Fórum Macau, 56

Gilberto Lopes

LUSOFONIA

O homem que faz o que pode, 64

Marta Curto

LUSOFONIA

Festival da Lusofonia, 72

CONHECER

Viagens pelo Grande Canal, 78

José Simões Morais

FESTIVIDADES

O ano do coelho, 100

Os coelhos e o gato, 104

Márcia Schmaltz

ALMANAQUE

2011, ano do coelho, 107

Ina Chiu e Luís Ortet

SECÇÕES

ACONTECEU/SETEMBRO, 43-45

ACONTECEU/OUTUBRO, 74-77

ACONTECEU/NOVEMBRO, 96-99

CARTAZ, 114-124

FÓRUM PARA A COOPERAÇÃO



A conferência ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa realizou-se em finais de Outubro, com a presença de um presidente da República e de quatro primeiros-ministros, incluindo Wen Jiabao.

P56

IDEIAS PARA A RAEM



Durante a sua primeira visita à RAEM, Wen Jiabao distribuiu o seu carisma pela cidade e teve encontros com a população. Além de inaugurar a reunião ministerial do Fórum para a Cooperação sino-lusófona, o Primeiro-Ministro discursou perante a elite política e empresarial de Macau e deixou as suas sugestões.

P52

CATÓLICOS EM MACAU



A existência de uma comunidade católica é uma das características típicas de Macau. Duas vezes por ano fiéis enchem as ruas da cidade num tipo de manifestação pública sem paralelo. Dez anos depois do estabelecimento da RAEM, apresentamos um balanço que inclui uma entrevista ao Bispo de Macau, D. José Lai.

P6

VEM AÍ O COELHO



A 3 de Fevereiro de 2011 começará um novo ano lunar chinês, desta vez sob a égide do signo do Coelho. Como sempre acontece nesta altura do ano, as bancas de jornais e livrarias enchem-se de almanaques chineses que trazem as previsões dos astrólogos para o ano que vai chegar. Apresentamos uma súmula do que eles dizem.

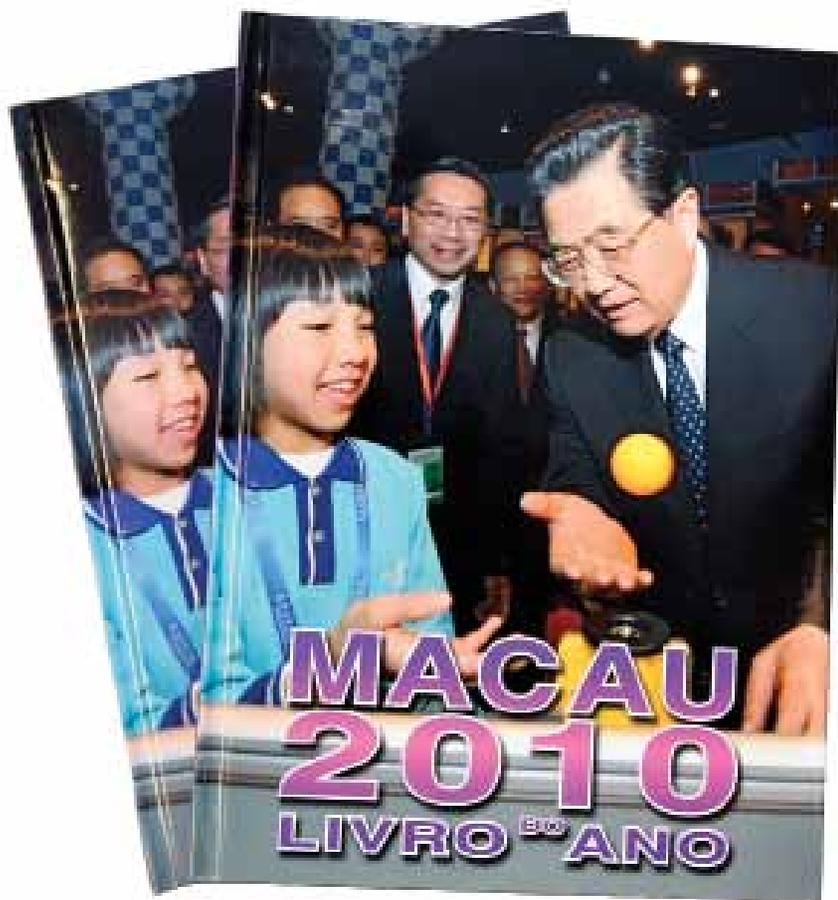
P107

MACAU 2010

Livro do Ano

As edições em língua chinesa e em língua portuguesa do **MACAU 2010** - Livro do Ano, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O **MACAU 2010** - Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O **MACAU 2010** - Livro do Ano, edição portuguesa e chinesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, e na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa.



O meu mundo não é deste reino

A Igreja católica, em Macau, dez anos
depois da transição

TEXTO: CARLOS PICASSINOS

FOTOS: ANTÓNIO FALCÃO



A Igreja é uma barca navegando pelo nevoeiro da história e os católicos o povo de Deus na ressaca de um tempo que se afundou. Agora, a geografia é irreconhecível, os crentes novos, os pastores poucos, o pecado mais capital. Provavelmente, acima de qualquer outra instituição, a Igreja Católica é ainda a que mais se ressentida da transição de poderes. Encurralada numa crise espiritual, de vocações, numa indefinição pastoral e de missões, a instituição procura legitimar-se no ascendente histórico, e sobretudo, simbólico, que ainda conserva sobre alguma elite da nova região administrativa especial, e daí afirmar-se como igreja de ponte e de diálogo. Não é tarefa fácil. Falha o impulso e a ousadia, escasseiam o sentido estratégico e a massa crítica.

Mas há luzes: diplomacia e finanças garantem o sedimento cristão à imagem de tolerância que Macau ostenta, instrumental da estratégia das autoridades civis e políticas.

A influência dos católicos - menos de cinco por cento baptizados do total de uma população predominantemente afecta à religião tradicional chinesa - alarga-se a extractos sociais elevados. Classe política, em que se destaca a Secretária para a Administração e Justiça dos primeiros governos da região administrativa especial, juristas, empresários e profissões liberais, partilhando muitos deles uma mesma formação inspirada na doutrina social católica. É um sinal do esplendor que Macau ainda mantém na cartografia espiritual do Oriente. Apesar dos tempos que correm, o nome da cidade conserva intacto o imaginário religioso, herdeiro do passado. As celebrações do Senhor dos Passos, na Quaresma, ou do 13 de Maio recuperam esse império derramado pela fé.

A 13 de Maio passado, enquanto Bento XVI celebrava em Portugal o aparecimento da Senhora aos pastores, em Ma-

cau a procissão no largo de São Domingos sublinhava o fervor dos católicos ao culto mariano. Fiéis de luz ao peito, anjinhos de rendas alvas e tez escura, o bispo e seu clero, religiosas em cânticos.

Esta teatralidade da fé não deixa de causar espanto. Especialmente, para quem chegou a Macau há pouco tempo, como Luís Rabaça, português, jurista, que, naquele fim de tarde, aguardava em São Domingos, a saída do andor. "Acho interessante esta sensação de estar no outro lado do mundo e estarmos a participar numa celebração trazida por portugueses. E de ver tanto macaenses como chineses". Poderá verificar-se aquilo que Winnie Wong, chinesa de Hong Kong, admite, que esta adesão se deve a uma curiosidade ritualista junto de uma população mais habituada às práticas domésticas do budismo. No seu caso, Fátima "sempre foi uma devoção, reforça a nossa capacidade de amar".

Madalena Dias, macaense, dos seus quarenta anos, fala do hábito enraizado que esta cerimónia tem na sua família. "A Nossa Sr^ª. de Fátima é sempre um momento muito importante para mim. Tenho-lhe grande devoção. Acho que é, mesmo, mais importante do que o Natal ou do que a Páscoa. Peço sempre saúde, para mim e para a família". Lá mais à frente, José Chan, etnia chinesa, nascido em Moçambique, acompanha a récita ora em cantonês, ora em português, ora em inglês. "O 13 de Maio marca um ponto alto da nossa religião, da nossa cultura. É um dia sagrado." - revela o músico. Em Macau desde 1988, Chan lembra que estas celebrações arrastam hoje uma multidão maior do que antes da transição. "Em 1999, a minha família foi para Portugal e todos os anos, sempre que possível, íamos ao santuário. Não fazíamos aquelas caminhadas de peregrinação mas pedia-se sempre saúde para a família".



Uma nova mentalidade

Dez anos depois da transição de poderes, a impecável observância de direitos e liberdades religiosas forneceu à Igreja católica um balão de oxigénio. A Lei Básica estabelecia que a evangelização, a educação, a saúde e a assistência social ou a comunicação social católica haveriam de permanecer sob o critério da diocese. Depois dos já longínquos episódios da Revolução Cultural, a respeitabilidade também tinha sido recuperada e a

pujança financeira garantia optimismo ao futuro próximo da Igreja. Como D. Domingos Lam não se cansava de dizer, dinheiro não era um problema: além das numerosas propriedades na região, a diocese contava com acções e títulos, contas a prazo, um fundo de reserva e investimentos nas bolsas de Nova Iorque, Hong Kong e Londres.

Esta proclamada autonomia financeira da diocese mereceu uma resposta do desassombrado padre Manuel Teixeira, no extinto *Comércio de Macau*: “Valha-nos S.

Bárbara, se o dinheiro é critério de grandeza. Cristo nada possuía e os Apóstolos também não. [...] *Vade retro*, pataca, *patacarum* e *millones millionorum*".

Se, por um lado, a confiança do bispo Lam tinha fundamento, por outro, o comentário de monsenhor Teixeira escondia um alcance profético. É verdade que a dita solidez financeira permitiu garantir toda a rede de infra-estruturas e a integridade do património da Igreja, mas por si só era condição insuficiente para desviar o curso da história. Por dois factores.

Primeiro, a mentalidade a que se referia D. Arquimínio Rodrigues da Costa, em 1987, continuava por mudar. A cristalização institucional e a perda de terreno junto das novas populações imigrantes – assediadas por outras confissões e seitas religiosas.

Chegados aqui “estamos muito fragilizados”, diagnostica o antigo superior dos jesuítas de Macau, Luís Sequeira, radicado aqui desde os anos 70. “A nós, falta rasgo, coragem e inteligência para desafiar esta situação. Por um lado”, continua, “temos a *City of Dreams*, por outro a Cidade do Nome de Deus. Diria que a Igreja não pretende entrar na luta porque ela é dinossáurica, mas pode fazer acções onde a dimensão de Deus é proclamada e vivida”.

A denúncia evangélica dos problemas sociais de Macau não é uma voz isolada. Com Sequeira estão o clero e a hierarquia, e todo o discurso ambiente.

Substituto

“D. Domingos tinha uma característica que não tinha nada que ver com a de D. José Lai. Enquanto D. José Lai estará mais próximo do actual Papa, mais preocupado com as questões da evangelização, o anterior era um operário que procurou preparar muito bem a Igreja para os tempos da transição e acautelar o vasto património da Igreja”, assinala Gilberto Lopes, jornalista, católico, aqui residente há cerca de duas décadas e, actualmente, director do canal em portu-

guês da Rádio Macau. “Mais complicado e preocupante, é que a Igreja vive um drama com a falta de sacerdotes e de celebrações em português”. Daqui o certo sentimento de orfandade dos veteranos portugueses e macaenses sobre a eventualidade de uma redução drástica de missas celebradas em português.

Fosse o seminário maior, capaz de reter em Macau os actuais alunos do curso de Estudos Teológicos da Universidade de São José, que ali funciona, e as esperanças seriam outras. Acontece que as orientações do actual prelado privilegiam a vivência comunal e dois dos quatro seminaristas que recentemente tomaram votos foram enviados para o seminário de Hong Kong. “Aqui é difícil”, assegura o prelado.

O drama das vocações é o drama de uma Igreja que, ao longo desta década, também derrapou na sua tradição devocionista, e em que a iniciativa dos leigos permaneceu fraca e a dos sacerdotes, no contacto com os fiéis, tímida. Continua a faltar um plano pastoral que oriente as várias comunidades e esta carência complica a evangelização e as vocações.

Comunhão e separação

Outro problema prende-se com a unidade da Igreja local. Os momentos de congregação entre as comunidades católicas escasseiam. Na prática, as comunidades ignoram-se e os encontros de comunhão são raros.

A medida do distanciamento é patente no número de missas bilingues. Das 30 eucaristias dominicais actuais (em 1997 eram 43), incluindo as antecipadas, só em São Francisco Xavier, Coloane, existe uma celebração bilingue (a mesma situação de há 13 anos). Prejudicado fica o valor da unidade, como acena João Eleutério, docente, sacerdote, em Macau há cerca de um ano, coordenador do Centro de Estudos Teológicos da Universidade de São José, instalado no seminário homónimo. “Há uma opção que deve ser feita. Podemos querer salvaguardar as dife-

renças culturais e acho que é importante, mas há que entender – e a fronteira é ténue – até onde é que a salvaguarda da diferença não será factor de divisão em vez de factor de comunhão”. “Ora”, prossegue, “o papel da Igreja é gerar comunhão”.

Outro dos escolhos do *aggiornamento* da Igreja católica refere-se a um aspecto orgânico. Ao longo dos anos a autonomia de movimentos e congregações, tão próximos de expressões pré-conciliares quanto adversários do aprofundamento do diálogo ecuménico ou de experiências eclesiais de abertura ao laicado e aos não-crentes, cresceu.

Neste quadro, a escola - pouco menos de metade das instituições de ensino está sob tutela católica - é uma esperança de renovação. Adam Conroy, sacerdote irlandês, aqui estabelecido desde 1975, docente no Instituto Salesiano concorda com a urgência em dar testemunho de valores de Cristo. “Na escola, temos oportunidades de passar a mensagem, seja nas aulas, ou em actividades no recreio”. “Trata-se de pequenas coisas como encorajar os rapazes a ajudar os pobres ou a falar de Cristo”. Só que as barreiras são inúmeras. “O problema é que os miúdos não lêem” e, por isso, “reagem com monotonia e aborrecimento! A vida hoje é demasiado confortável. Acho que essa é a principal razão”.

Festa é filipina

No outro lado do espelho estão os filipinos. O padre Conroy foi também um dos pioneiros no contacto com as comunidades imigrantes. Conhece os problemas e as dinâmicas da que é actualmente uma das maiores comunidades católicas, e cuja actividade religiosa descreve com nítido comprazimento. “Cada celebração é uma festa. É uma comunidade muito dinâmica, de grande entreatajuda, muito distinta de qualquer outra”. Os filipinos associam-se, “estão muito virados para a fa-

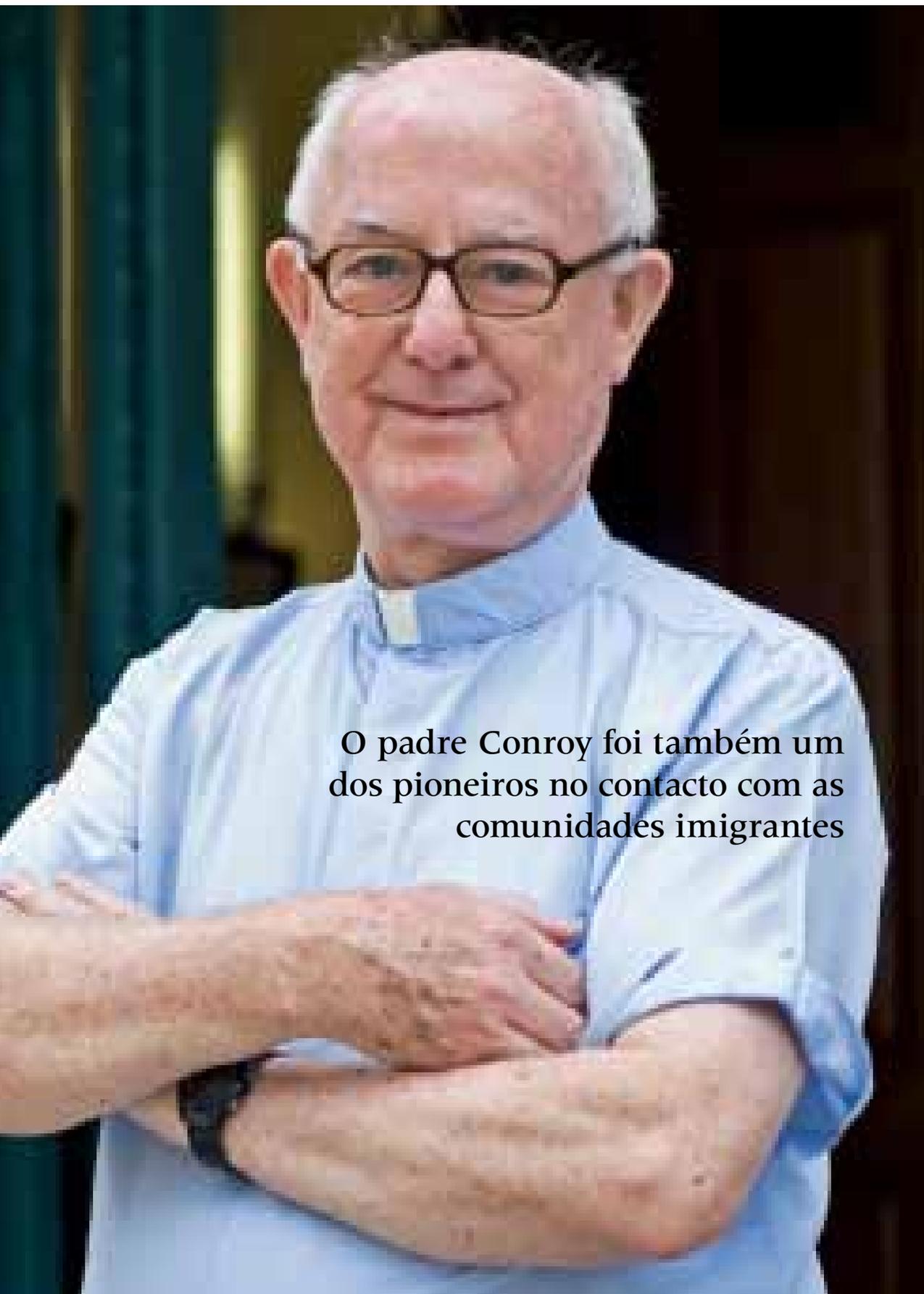
mília, para o trabalho”. A Igreja também tem vindo a implicar-se mais na vida dos leigos, em especial, na dos filipinos, em questões como o recrutamento ilegal. “Avisamos sempre para que não venham para Macau se não tiverem a documentação em regra”, ressalva o sacerdote.

Um dos últimos ordenados pelo bispo Lam, Domingos Un, é descrito como um exemplo de dedicação paroquial e pastoral. Oriundo de uma família desprovida, formado sob o amparo da Igreja católica, o pároco de São Lourenço é um operário de Deus, com evidentes filiações ao espírito do Vaticano II. Nada do que é social lhe é estranho, e os efeitos microscópicos do sistema também não. “A influência dos casinos é um dos maiores problemas que os nossos fiéis enfrentam. As pessoas têm de trabalhar mais, alguns dos paroquianos têm mesmo dois empregos e tudo junto leva a que, por exemplo, as crianças passem o dia inteiro sozinhas” e “acabam muitas vezes por não ir à escola”.

A composição étnica da paróquia, frequentada sobretudo por chineses e filipinos, é um espelho socio-económico do desenvolvimento desta década. Se o nível de vida subiu, o custo acompanhou sem que os benefícios se democratizassem. “Materialmente as pessoas estão melhor! Espiritualmente, mais pobres. Tudo cresceu depressa demais. Sem alma”, proclama, em síntese. “Há problemas de dívidas ao jogo, famílias que ficam sem dinheiro para comprar comida para as crianças ou para pagar a casa. Mas esses vão à Caritas”.

Operários de Deus

O secretário-geral da Caritas Diocesana de Macau é uma figura cuja reputação remonta aos finais da década de noventa, erguida na consciência política que coloca na sua intervenção pública. Paul Pun é um barómetro social. “A Igreja e a sociedade devem andar *pari passu*”, reflecte. “A sociedade não pode perder a espiritualidade.



O padre Conroy foi também um dos pioneiros no contacto com as comunidades imigrantes



Paul Pun (em cima) secretário-geral da Caritas Diocesana de Macau e Padre Luís Sequeira (à direita) antigo superior dos jesuítas de Macau

Hoje as pessoas estão satisfeitas com mais dinheiro e isso é benéfico para Macau. Só que, ao mesmo tempo, é um conflito. Não queremos que venha tanta gente de fora. Somos mais proteccionistas, creio. Claro que trazem uma sabedoria própria mas o que eu digo é que essas pessoas devem integrar-se. E também devem prestar serviço à sociedade”.

O senhor Leong, residente de Zhuhai, nunca foi católico e da mensagem cristã conhece pouco. Optou pelo voluntariado na Caritas porque “é importante ajudar os outros e servi-los com o meu coração.” Não se confessa budista e não frequenta os templos. Mas gosta de sentir-se útil.

De precariedade social é feito o testemunho dos três missionários combonianos que dirigem a paróquia de São José

Operário, no norte da cidade, junto à fronteira com o Interior chinês. A simples presença dos combonianos indica que se trata de um território problemático. Dormitório dos novos imigrantes laborais chineses, com uma densidade populacional que se acentuou, nos últimos cinco anos, a área geográfica sob a alçada de São José Operário constitui uma das zonas mais impermeáveis à acção evangelizadora. É a única paróquia que celebra missa em mandarim, aos domingos às 20h30. “Ali não há muitos católicos. Os que aparecem vêm da Taipa”, começa por clarificar Manuel Machado, o sacerdote encarregado da paróquia. “As pessoas vêm porque precisam de alguma coisa, ou, então, porque são trazidas por amigos que se interessam pelo que é



a Igreja. Pessoas que quando estudaram nas escolas católicas, conheceram a Bíblia, mas nunca passaram disso”.

Não fosse a selva urbana - “no início, tentámos visitar as famílias nas casas delas, tudo prédios altos, só que não estavam muito dispostas a abrir as portas” - seria, sobretudo, a desconfiança cultural que ainda hoje os religiosos enfrentam. O próprio método de conversão implica um esforço incompatível com as condições laborais dos iniciados: um catecumenato de dois anos preparatório do baptismo porque “importa perceber os valores que o Evangelho propõe e ver se estão dispostos a assumi-los na vida”. Daí que alguns, passado tempo, se afastem “porque tiveram certas expectativas, ou as ideias que tinham saíram frustradas, ou então porque, de

facto, devido à carga de trabalho, não têm tempo e o catecumenato exige dedicação”, repara Manuel Machado. Ou, adianta ainda, “porque alguns, num certo momento, acreditam que não é chegado o momento de adesão”. A pressão familiar está na origem desta deserção: “dizem: ‘a minha mãe não me deixa porque me pergunta quando ela morrer quem é que vai cumprir os ritos funerários’. São barreiras culturais.” E os valores propostos pelo catolicismo ultrapassam, com dificuldade, esse obstáculo. “Vamos um bocadinho contra o ar dos tempos, contra algumas práticas mais tradicionais. Numa sociedade muito materialista, dizemos que há coisas mais importantes que o dinheiro, que a moda, que o prazer”. “Há que fazer escolhas e opções”. ■

O império que Deus fez

A história multissecular da presença católica, na Ásia, transparece na actual demografia católica na região. Há dez anos, as comunidades portuguesa e chinesa eram hegemónicas, em termos culturais. Hoje, esse domínio mantém-se mas novos protagonistas estabeleceram-se e organizaram-se – a comunidade de falantes de inglês, filipinos, australianos, americanos, já para não mencionar as minorias vietnamita, indonésia ou birmanesa, e os novos

lusófonos.

Este mundo plural, atomizado, invisível, emerge nas ruas de Macau todos os anos, por altura das procissões de Nossa Sra. de Fátima e do Senhor dos Passos.

Quem se desloca a Macau fá-lo na expectativa de encontrar aqui uma vivência autêntica da fé católica, apostólica, romana, ou no caso da procissão de Fátima, atraído pela representação ritualista e singular do culto mariano.

A procissão de N. Sr^a. de Fátima é uma das maiores atracções do turismo religioso em Macau

É suficiente frequentar as ruas da cidade durante estas celebrações para constatar a afluência de peregrinos às festas e aos santuários de Macau. A 13 de Maio, no Largo Senado, na cauda da procissão, lá está, pela primeira vez, uma família malaia, oriunda de Kuala Lumpur no encalço da caminhada para a colina Penha, onde se situa a Ermida de Nossa Senhora da Penha. Maibel Samuel é atropelada pelas vozes convulsas e excitadas dos seus familiares que pretendem justificar a viagem. Lembram que precisamente àquela hora, o Papa estava, em Fátima, a celebrar missa. Por isso, estão em Macau, a 13 de Maio. E “porque é um dos santuários mais importantes na Ásia”!

Meã de altura, Mabel, trinta anos, dentes brancos de piano, explica o fervor por Fátima. “É muito importante para mim porque deixou uma mensagem de conversão dos pecadores. Vim com a minha família porque ouvimos dizer que aqui se celebrava o 13 de Maio e, na Ásia, Macau está muito próximo de nós.

Bem mais avançada na procissão do que a família malaia está a religiosa indiana Maria Rajinn, de Bangalore. “Em Bangalore, fazemos as procissões em redor das igrejas mas isto de ir caminhando pelas ruas da cidade, e durante tanto tempo, é completamente novo para mim. Acho que há aqui uma maior devoção à Virgem Maria”. A crente enuncia as “grandes experiências pessoais” por que passou e insiste que foi a fé que a livrou de doenças graves. Num país de acentuada hierarquia social, tratar todos por igual arrisca a subversão. “Tratamos todos como nossos irmãos embora prevaleça o sistema de castas. Mas nós seguimos os ensinamentos da Igreja católica e tratamos todos por igual.”

Se, no Serviço Diocesano de Peregrinações, não há informações sistematizadas sobre esta afluência turística a Macau, quem está no terreno conhece o interesse dos turistas pelo património religioso.

Anna Leong, a secretária desse serviço, chinesa de Macau, é uma das guias turísticas que desde a inscrição do centro histórico de Macau no pa-

trimónio da Unesco, em 2005, sob a orientação do vigário-geral, dedica grande parte dos seus itinerários às igrejas da cidade. São, sobretudo, os turistas de Hong Kong, da Malásia, e agora também da Coreia do Sul e do Japão os mais interessados nestes itinerários religiosos.

Anna Leong torna hoje as pequenas igrejas de Macau no livro sagrado dos novos pagãos. Não que espere conversões, “mas há pessoas que choram muito quando lhes conto estas histórias dos santos, e da fé. Choram muito!” - conta a guia. Ela própria recém-convertida e de uma forma assim prosaica, uma fulguração, uma epifania. Foi quando escutou o evangelho o capítulo sete de Mateus, aquele cujos versículos proclamam que não haverás de julgar se não quiseres ser julgado. Passou a frequentar a missa, lentamente, a participar nos encontros organizados pela paróquia até que finalizou no baptismo, em 1995. “Tornei-me melhor pessoa. Espiritualmente, como mãe, de todas as maneiras”. Reza várias vezes ao dia - “por mim, pelas pessoas da família, pelos doentes, pelo meu trabalho”. “Fico muito relaxada, preparada para me abrir ao mundo, enfrentar os problemas”, diz, envergonhada com o rubor na face. “Isto é muito pessoal, sabe!”. A entrada de Cristo na vida da senhora Leong acabou por atrair marido e filhos. Culturalmente a família Leong permanece chinesa - todos festejam o ano novo lunar, os quatro comem as iguarias, vão ao ta pi lu, lançam panchões em busca de fortuna, e nos, dias dos mortos, não deixam de honrar os seus de acordo com os ritos tradicionais. Um sincretismo que, todavia, não entra no templo budista.

Ascéticos na crença como nas festividades cristãs, os Leong celebram o Natal, assistem à missa do Galo, na sé catedral, mas dispensam o pinheiro ou a iconografia ocidental, embora lá em casa sejam frequentes as imagens e os crucifixos; jejuam na sexta-feira de Paixão. Porém, descartam a azáfama das procissões - “muita gente, muito barulho, muita confusão”. ■

C. P.

Caridade

A diocese tem a seu cargo, gerida pela Caritas, uma série de estruturas sócio-caritativas ligadas ao apoio à terceira idade, juventude, doentes do foro mental, apoio à família, aos imigrantes, reabilitação, terapia da fala e da audição, centros comunitários, centros de dia, asilos, residências para crianças pobres, um infantário, desenvolvendo ainda projectos especiais ligados ao apoio social.

Existem ainda dispensários e orfanatos. A Caritas dispõe de um secretariado dirigido, actualmente, pelo leigo Paul Pun.

Comunidades e Pessoal Religioso

Ordens masculinas

Entre os mais significativos contam-se Jesuítas, Salesianos, Paulistas, Dominicanos, Missionários do Verbo Divino, Redemptoristas, Combonianos.

Ordens femininas

Franciscanas Missionárias de N. Sra., Canossianas, Franciscanas, Missionárias de Maria, Filhas de Maria Auxiliadora, Irmãos do Precioso Sangue, Missionárias de N. Sra. Dos Anjos, Missionárias Dominicanas do Rosário, Irmãos de N. Sra. Da Caridade e do Bom Pastor, Ordem Cisterciense da Estrita Observância, Filhas de São Paulo, Missionárias de N. Sra. do Perpétuo Socorro, Irmãzinhas de Jesus, Irmãs Missionárias da Caridade, Irmãs de São Domingos, Irmãs da Caridade de Santa Clara, Movimento das Irmãzinhas de Maria, Irmãs do Sagrado Coração de Jesus e Maria, Missionárias de Jesus Cristo e Irmãs das Beatas Mártires Coreanas.

Pessoal missionário

Sacerdotes diocesanos: 22 (20 no activo e dois aposentados)

Religiosos: 35

Irmãos: 10

Irmãs: 180

Instituto Ricci

Criado em 1999. Sem fins lucrativos dedicado à investigação académica e ao aprofundamento das relações da China e da comunidade mundial.

Director Artur K. Wardega, padre Jesuíta. Docente na Universidade de São José

Universidade de São José

Sob o nome de Instituto Inter-universitário de Macau, a Universidade de S. José foi fundada pela Universidade Católica de Portugal (UCP) e a Diocese de Macau em 1996.

Missão académica: a promoção de valores humanistas e com o reconhecimento da herança histórica e pedagógica da Igreja católica em Macau e no sudeste asiático.

O chanceler: Reitor da UCP, Manuel Braga da Cruz sendo reitor da USJ, actualmente, Ruben Cabral, membro do corpo docente da UCP, doutorado pela Universidade do Massachusetts nos Estados Unidos, e fundador de diversos colégios privados em Portugal.

Colégios e Escolas

- O Colégio Diocesano de São José está distribuído por várias instalações em Macau, compreendendo jardins-de-infância, ensino primário e secundário, em língua chinesa, a escola do Santíssimo Rosário e a Escola D. João Paulino, na Taipa.
- As restantes escolas católicas, cerca de duas dezenas (26 no início da década) são geridas pelas várias congregações e ordens religiosas presentes na RAEM.

Presença Católica em Macau

D. José Lai,

Bispo de Macau

A evangelização não é uma batalha perdida

Dez anos após a transição, quase tantos quantos o episcopado de D. José Lai, o prelado olha para trás e traça um diagnóstico da situação dos católicos em Macau sob administração chinesa. Numa cidade aberta ao mundo, as mudanças afectaram o povo de Deus. Há novos fiéis, com novos problemas e expectativas, novas exigências sociais, de evangelização e de diálogo com o continente. Nesta entrevista a D. José Lai diz que é preciso encontrar vocações nas famílias cristãs de Macau, em nome da subsistência da língua portuguesa

Que mudanças assinala na vida da Igreja católica local ao longo deste dez anos de vida da RAEM?

Durante estes dez anos a composição da população católica alterou-se. Antes era mais simples: chineses, portugueses, macaenses. Agora há várias origens. Existe uma maioria de filipinos, e chegaram vietnamitas, indonésios, de Singapura, Malásia, Austrália, Estados Unidos, Europa, Canadá.

E houve uma mudança de bispo.

Sim, desde 1999, temos dois bispos locais: D. Domingos e D. José Lai.

Neste seu episcopado que preocupações tem?

Que é que considera mais problemático?

Como Bispo de Macau temos preocupações na área da educação, da pastoral nas paróquias, na evangelização, e também, no campo da acção social, obras que a Igreja tinha já desde princípio do século XVI. Acho importante para o serviço dos habitantes de Macau. Neste período, tivemos também de pensar na formação não só do clero, mas na formação de leigos e na participação activa dos leigos naqueles campos de que falei. Pouco a pouco, tivemos de pensar, sob o espírito do [Concílio] Vaticano II, que a diocese necessita

formar leigos.

Ao longo destes dez anos nunca houve uma Carta Pastoral. Porque é que preferiu nunca escrever qualquer documento de orientação?

Sim, não tive essa intenção de escrever. Estou escrevendo todos os anos mensagens, sobretudo, na época de Natal onde transmito as minhas ideias e também tenho tido reuniões com párocos, nas escolas, por minha iniciativa. Para mim, prefiro este trabalho, em conjunto com os meus colaboradores, em vez de publicar apenas um papel.

Em 2007, o actual pontífice



Por mim, não tenho muita
dificuldade de aproximação.
Todos os anos me convidam
para ir visitar o Interior do País.

escreveu uma Carta à Igreja da China, em que defende que a Igreja se faça ao terreno e regresses à evangelização. Que iniciativas concretas é que a diocese tem desenvolvido neste aspecto?

Para mim, é um apelo ao aprofundamento do catolicismo e a fazermos as nossas acções pastoral, educacional e social. O Concílio Vaticano II já tinha essas orientações. Nós, em Macau, perguntamo-nos como implementar esses princípios.

A Igreja católica confronta-se hoje com um clero envelhecido e falta gente fluente em português...

O mais importante é saber se há vocações em Macau, porque muitos dos aqui nascidos já falam português. Para quem vem de fora é mais difícil. O mais importante para mim é saber desta vocação dos habitantes de Macau. Já estamos a fazer alguma coisa nas paróquias, a ver se há possibilidade de uma semente ocasional. Há dois anos, formei a Comissão Promotora para a vocação sacerdotal e chamei vários grupos da Igreja católica, paróquias, associações laicas, dos centros de pastoral juvenil, das congregações, para trabalhar em conjunto neste sentido. Houve já alguns resultados com gente a entrar para o seminário. Enviamos dois seminaristas para o

seminário de Hong Kong porque ali há mais vida comunitária.

Porque existe esse risco de, mais tarde ou mais cedo, se acabarem as missas em português, pois se não há, no clero, falantes da língua...

Por isso é que é importante encontrar vocações dentro das nossas famílias cristãs, nas nossas paróquias e nas nossas escolas.

Mas numa sociedade com as características de Macau, em que o materialismo é omnipresente...

Sim, eu acho importante que os cristãos aqui em Macau façam a sua vida dentro do espírito católico e caritativo. Por exemplo, um patrão deve tratar os seus operários com esse espírito católico. É importante pôr em prática o Evangelho. É importante a vida. Sobre o materialismo e os casinos, a mesma coisa. Se vemos que qualquer membro da família vive com um problema ligado ao jogo, ou à droga, temos de pensar como ajudar essa família cristã.

Há registos anuais de conversões?

Sim, por ano, em média, temos cerca de 200 baptismos de adultos.

Qual deveria ser a missão principal destes dos seminaristas que, em princípio, serão ordenados em breve?

Acho que devem conhecer os principais problemas de Macau. Durante este tempo de formação também podem ver as circunstâncias de Macau e ver as suas possibilidades para ver onde podem vir a ser aplicadas.

Mas onde é que acha que devem ser aplicadas?

Acho que devem ser orientadas, sobretudo, para as famílias e juventude.

Acha que é nesse campo que se sentem maiores fragilidades?

Sim, porque agora os pais estão sempre muito ocupados com os seus empregos e os mais jovens sentem essa falta de comunicação entre pais e filhos. Temos de ver como ajudar o mútuo entendimento entre gerações, como podem as famílias ficar mais unidas.

Senhor D. José, quais são, neste momento, as suas relações com as autoridades do Governo Central?

Por mim, não tenho muita dificuldade de aproximação. Todos os anos me convidam para ir visitar o Interior do País. O Gabinete de Ligação convida-me a escolher o lugar que quero visitar. Tenho feito umas visitas às dioceses da China continental. Acho que isso faz bem: conhecemo-nos uns aos outros e, depois, vemos de que é que a Igreja precisa. ■



Lancelote Miguel Rodrigues,
padre, 87 anos

É uma das figuras emblemáticas da Igreja local. Nasceu em Malaca, descendente dos portugueses que aí se fixaram, em 1923. Reside em Macau há 75 anos e o seu trabalho destacou-se, na Unesco, junto dos refugiados que ao longo do século passado arribaram a Macau. Trabalhou no interior da China junto de populações mais pobres. Era conhecido como o homem dos americanos em Macau.

De forma muita aberta o fazia, admite. O seu trabalho foi elogiado pelo anterior papa João Paulo II e chegou a receber uma medalha das mãos da rainha de Inglaterra, Isabel II, que o designou *Sir Lancelote*. “Mas *Sir Lancelote* é o da Távola Redonda. Eu sou o Lancelote da garrafa redonda”, em referência ao seu apreço pelo bom *whiskey*, que não desdenha.



Luís Ruiz Suarez,
padre jesuíta, 92 anos

Espanhol, chegou à China em 1941, depois de ter ensinado em Cuba, na mesma escola em que estudava Fidel Castro, e exercido na Bélgica na sequência da expulsão dos jesuítas do território espanhol, em 1931, pelo governo republicano. Aprendeu mandarim em Pequim, mas em 1942, com o espoletar da II Guerra Mundial e o conflito entre Estados Unidos e Japão, foi obrigado a sair da capital. Foi ordenado em 1945 e destinado à missão religiosa de Anking. Aí foi feito prisioneiro pelo exército comunista, em 1951, tendo padecido de febre tifóide. Acabou expulso da China e foi nessa circunstância enviado pela hierarquia para o território português de Macau. Assim doente, colaborou no auxílio aos refugiados na distribuição de víveres. Em 1986, já com 73 anos, começou a trabalhar nas leprosas na Província de Guangdong, e chegou a ser responsável por centenas destas instituições em toda a China. Com esta idade, já não percorre Macau de mota, uma das peculiaridades do sacerdote nonagenário, que com este percurso de vida é uma das referências maiores do clero local.



Luís Sequeira,
padre jesuíta

Foi o superior da Sociedade de Jesus, em Macau, e é responsável do Colégio Mateus Ricci. Luís Sequeira, em Macau desde os anos 70, é uma das figuras da Igreja católica intelectualmente mais interventivas na sociedade local. Faz parte dos quadros da Universidade de São José, sendo Pro-Reitor, e é vice-director do Instituto Ricci de Macau. Esteve envolvido em trabalho de orientação espiritual, e foi durante anos responsável pelos Exercícios Espirituais, em Macau e em várias partes do mundo, em especial entre as Irmãs Missionárias da Caridade, tendo feito amizade com a Madre Teresa de Calcutá.

Escrita feiticeira

Henrique de Senna Fernandes era um senhor da escrita. As narrativas, os diálogos, as personagens e os cenários umas vezes imaginados, outras inspirados pela vivência própria de quem era de carne e osso – brotaram com mestria, da ponta dos seus dedos para os escaparates. Também foi professor e advogado. Tudo isto antes de nos deixar, a poucos dias de completar 87 anos

TEXTO: PEDRO DANIEL OLIVEIRA

FOTOS: CARMO CORREIA

Dois dos seus livros, *Amor e Dedinhos de Pé* (Instituto Cultural de Macau, 1986) e *A Trança Feiticeira* (Fundação Oriente, 1993) resultaram em adaptações para a Sétima Arte.

Como autor não precisa de apresentações. Apenas o reconhecimento por tão singular personalidade que faz de si uma lenda viva. Aos quatro ventos bradou ser um “português de Macau”.

Henrique Rodrigues de Senna Fernandes deixou-nos na manhã de 4 de Outubro último. Onze dias depois faria 87 anos.

“O meu pai era um tipo afável, com quem nos predispúnhamos a falar. Tinha uma particular propensão para agradar às pessoas, mas não era um *yes man*”, recorda o advogado Miguel de Senna Fernandes.

A personalidade muito forte e uma vaidade aparente faziam também parte da têmpera do escritor. “Ele sabia ser bastante diplomata. Tinha ideias firmes

em certas coisas tais como a condição de ser português, mas à maneira de Macau”.

O autor de *Nam Van, Contos de Macau* (edição do autor, 1978) dizia que o seu lugar de eleição era Macau, pois sentia um grande apego à terra. E isso vai reflectir-se no inédito que está para ser publicado, *O Pai das Orquídeas*.

A obra descreve de maneira profunda a mulher chinesa, que pode ser calorosa mas, ao mesmo tempo, segundo os padrões culturais ocidentais, revelar-se absolutamente fria nos afectos.

“Foi um livro que o meu pai gostou muito de escrever, embora, pelos manuscritos que nos deixou, o desenvolvimento da trama nunca tivesse sido linear. Numa das versões, o herói é um português que vem de Lisboa e conhece uma chinesa de Macau, com quem se relaciona. Este herói mudou muitas vezes, consoante as versões, passando a ser macaense”, explica

Henrique de Senna Fernandes (1923-2010)



Miguel de Senna Fernandes. A incumbência de digitalizar os manuscritos pertence à irmã Cristina. A versão final vai ser decidida em família, pois é preciso compreender a mensagem que o autor quer fazer passar. “Miguel, desenrasca-te”, foi o recado que lhe deixou o pai antes de partir.

O professor

As qualidades de Henrique de Senna Fernandes como professor ainda perduram na memória de várias gerações. Um dos seus alunos de História chegou a desempenhar cargos de relevo durante a Administração portuguesa de Macau.

Jorge Rangel é hoje o presidente do Instituto Internacional de Macau, mas naquela altura, entre o final da década de 50 e princípios dos anos 60 do século passado, frequentava o Liceu Nacional Infante D. Henrique.

Volvidas quatro décadas ainda sente na memória a forma como o professor descrevia as Guerras Púnicas e como se referia ao Cavalo de Tróia ou às conquistas de Alexandre Magno.

“Imaginávamos o nosso professor com as vestes da época, testemunhando *in loco* os acontecimentos. Parecia mesmo que ele ali tinha estado, podendo, séculos volvidos, transmitir-nos as suas ‘vivências’”, recorda Jorge Rangel.

Um dia - acrescenta – depois de relatar a presença romana no Egipto, lembrou-se do famoso nariz de Cleópatra e da sua influência nos destinos de muitos amantes e na própria manutenção de Roma Imperial nessas paragens do norte de África.

Já no corredor, no fim da aula, aproximaram-se dele alguns alunos. E uma colega de Rangel, enchendo-se de coragem, provocou no docente uma estrondosa gargalhada, quando lhe dirigiu esta observação: o professor descreveu com tanto pormenor as relações de Cleópatra com os seus amantes, que fiquei na dúvida se não

teria sido um deles! “Estes episódios revelavam, afinal, a bonomia e a acessibilidade do professor, pessoa que todos estimavam”, afirma Jorge Rangel. O autor de *Mong-Há, Contos de Macau* (1998) impunha-se pela competência e pela dedicação. Tinha alma de educador, por isso dedicou a vida ao ensino. Foi director da Escola Comercial Pedro Nolasco, além de ter sido professor do Liceu Nacional Infante D. Henrique. Neste contexto, também se envolveu activamente no funcionamento da Associação Promotora da Instrução dos Macaenses.

O advogado

Henrique de Senna Fernandes foi presença assídua no programa de rádio *Macau ao Vivo*. A rubrica passou no canal português da TDM, aos domingos, sensivelmente entre 1986 e 1991. As conversas com os locutores Luís Machado e João Amorim iam desde as vivências do escritor com a família na ilha de Shamian (Cantão) no período anterior à Guerra do Pacífico, até à transferência da administração de Macau.

No programa de rádio não esqueceu também de partilhar as suas memórias dos tempos em que era estudante universitário e a ajuda que recebeu do ilustre Carlos d’Assumpção para que acabasse o curso de Direito.

“O que ele desejava mesmo era tirar Medicina. Mas como ficou retido em Macau após o 7.º ano de escolaridade e teve de se empregar durante o período da Guerra do Pacífico, não lhe restou outra alternativa se não abandonar a ideia da Medicina, por ser um curso muito longo”, recorda Luís Machado.

Assim sendo, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Iniciou o curso em 1946 e terminou-o em 1952. “Ele confessou nas gravações que nunca gostou da advocacia e considerava-se um mau advogado. O seu *métier* era o ensino e a sua paixão



Henrique e Miguel Senna Fernandes - duas gerações da tradição macaense

a Medicina”, acrescenta o actual presidente da Confraria da Gastronomia Macaense, Luís Machado.

Tal facto não impediu Henrique de Senna Fernandes de ter sido um dos fundadores e presidente da Associação dos Advogados de Macau. Chegou também a ser bibliotecário da Biblioteca Nacional de Macau e, respectivamente, presidente do Clube de Macau, do Rotary Club de Macau e da Comissão Organizadora do Grande Prémio de Macau (1967 e 1968).

Ao longo da vida foi agraciado com as distinções de oficial da Ordem da Instrução Pública (1978), de comendador da Ordem do Infante D. Henrique

(1986), com a Medalha de Mérito Cultural do Governo de Macau (1989) e com a Medalha de Valor do Governo de Macau (1995).

Em 1998, recebeu o título de Grão-Oficial da Ordem Militar de S. Tiago de Espada, pelas mãos do presidente português, Jorge Sampaio. A 19 de Dezembro de 2001, o então Chefe do Executivo, Edmund Ho, agraciou-o com a Medalha de Mérito Cultural da RAEM. Entre outras distinções estão também dois doutoramentos *honoris causa* de Literatura, em 2006, pelo Instituto Inter-Universitário de Macau (actual Universidade de S. José) e, em 2008, pela Universidade de Macau. ■

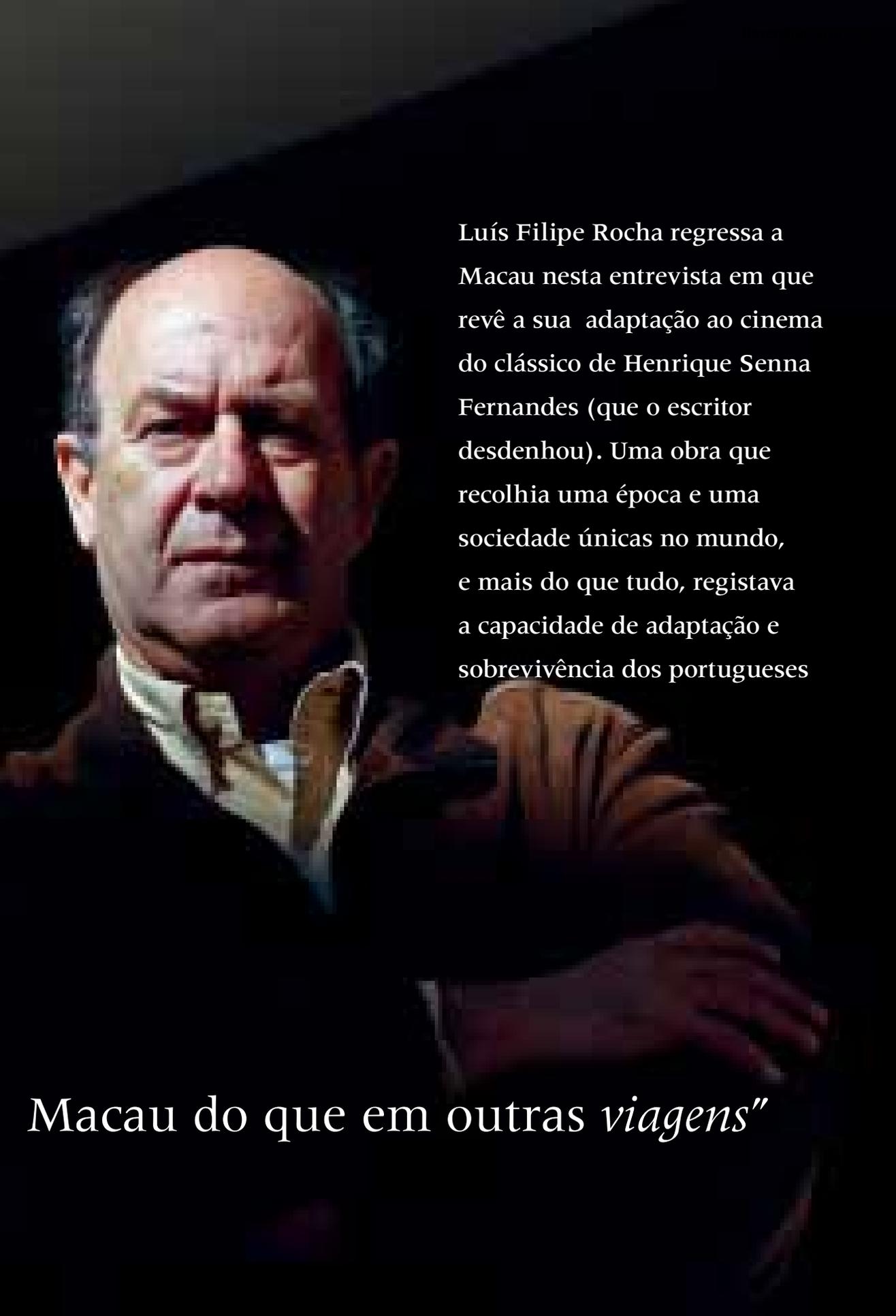
A lição de Macau

Luís Filipe Rocha,
realizador de *Amor e Dedinhos de Pé*

TEXTO: CARLOS PICASSINOS

FOTOS: JOÃO CORTESÃO

“Aprendi e cresci mais em

A close-up portrait of Luís Filipe Rocha, a middle-aged man with a serious expression, wearing a dark jacket over a light-colored shirt and a patterned tie. The background is dark and out of focus.

Luís Filipe Rocha regressa a Macau nesta entrevista em que revê a sua adaptação ao cinema do clássico de Henrique Senna Fernandes (que o escritor desdenhou). Uma obra que recolhia uma época e uma sociedade únicas no mundo, e mais do que tudo, registava a capacidade de adaptação e sobrevivência dos portugueses

Macau do que em outras *viagens*"

■ **O que é que encontrou na leitura de Senna Fernandes sobre a sociedade de Macau que o estimulou a realizar o que filme que realizou? Que sociedade macaense foi aquela que encontrou na obra de Senna Fernandes?**

Em primeiro lugar, encontrei uma história romântica, numa época (final dos anos 80) em que a violência e o cinismo iniciavam o seu domínio, mantido e amplificado até hoje, nas narrativas cinematográficas. Depois, encontrei a irresistível possibilidade de retratar uma sociedade única no mundo, como foi aquela que, durante séculos, portugueses, chineses e vários outros povos e culturas fundaram na cidade de Macau. É bom não esquecer que o encontro entre portugueses e chineses, ao longo de mais de quatrocentos anos, num pequeno enclave territorial da sub-periferia chinesa, foi muito mais rico e variegado do que se pensa: não apenas o oriente e o ocidente se encontraram e mutuamente conheceram, como vários ocidentes e orientes e vários nortes e suís se integraram e fundiram nesse encontro. A sociedade macaense que encontrei na obra do dr. Henrique Senna Fernandes é um corpo vivo e único, onde culturas e tradições civilizacionalmente diversas, em outros locais e tempos irremediavelmente antagónicas, encontraram uma forma especial de convivência e aceitação mútuas.

■ **O que é que simboliza a personagem Francisco Frontaria (o Chico- Pé-Fede), que era um menino bem que a certa altura se transformou numa espécie de *junkie* refugiado nos meandros da cidade chinesa? Que elementos preferiu valorizar e que outros desvalorizou?**

Não vejo nunca as personagens como símbolos, mas sim como seres imaginários que dão corpo e alma a vidas e aspirações, emoções e contradições que todos transportamos dentro de nós de forma fragmentada e nebulosa, e que raramente sintetizamos na imparável roda da vida. O Milan Kundera afirma:



“A personagem não é uma simulação de um ser vivo. É um ser imaginário.” Eu acredito nessa definição e por isso não trato as personagens como símbolos, mas sim como retratos ficcionais, e por isso interessantes, de seres imaginários.

■ **Que pedaço de Portugal é aquele que transparece naquele filme? Passados estes anos como é que olha para o *Amor e***



FOTO: GENTILMENTE CEDIDA POR TINO NAVARRO

Francisco Frontaria (Joaquim de Almeida) numa das cenas de *Amor e Dedinhos de pé*

***Dedinhos de Pé?* E como é que olha para o lugar de Macau, ou do Oriente, na produção e no imaginário cultural português?**

O pedaço de Portugal que, no meu entender, mais profundamente nos caracterizou como povo, sempre que lográmos sair da “choldra”: cidadãos do mundo, escravos ou senhores, capazes do bem e do mal, mas sempre camaleonicamente aptos para sobreviver.

Olho para o meu filme *Amor e Dedinhos de Pé* como olho para todos os outros filmes que dirigi: foram todos feitos por um homem que, sendo sempre eu, não é exactamente o mesmo em cada um deles. Não creio que Macau e o Oriente ocupem algum lugar especial ou sequer relevante no nosso imaginário cultural nacional. O Oriente foi-nos sempre, e penso que

FOTO: GENTILMENTE CEDIDA POR TINO NAVARRO



Ana Torrent no papel de *Victorina Vidal*

“Amor e Dedinhos de Pé”



Com “Amor e Dedinhos de Pé”, baseado no romance do macaense Henrique de Senna Fernandes, o cineasta português retrata um Macau do virar do século. *Francisco Frontaria* (Joaquim de Almeida) é um *bom-vivant* de nome prestigiado, cuja ocupação é fazer correr o tempo agradavelmente. Depois de um primeiro encontro conturbado com *Victorina Vidal* (Ana Torrent), onde faz uso do seu típico sarcasmo para insultar a rapariga menos disputada de Macau, o destino inverte os papéis.

O “menino” Frontaria passa a ser “*persona non grata*” e é agora afectado por uma estranha doença que lhe desfigura os pés e lhe provoca um cheiro nauseabundo. Victorina Vidal, assume o papel de estremada enfermeira, que não desiste de auxiliá-lo. Em circunstâncias muito diferentes, o caminho destes jovens volta a cruzar-se, e faz com que, juntos, descubram o amor. O filme acaba por ter um fim diferente do livro, numa tentativa de o tornar menos romanceado. O realizador não descarta as tradições chinesas, como a luta de grilos, nem os cenários do Oriente e usa o cantonense em várias cenas do filme.

Uma sátira realista que marcou o seu regresso ao Novo Cinema e à sétima Arte. ■

O FILME



continua a ser, longínquo cultural e civilizacionalmente. Não confundamos convivência com compreensão, nem aceitação pragmática e *fazer pela vida* com tolerância ou sequer curiosidade. Os portugueses nunca foram culturalmente apetrechados para a elegância e o refinamento morais que exigem a curiosidade e a tolerância humanas. O catolicismo *imprime carácter*, como dizem os espanhóis, e empequenita as pessoas, digo eu.

■ **O facto de ter passado por Macau teve importância ou decidiu, de alguma forma, o sentido do seu trabalho? Existe um olhar determinado por essa passagem pela Ásia?**
O que sei é que aprendi e cresci mais durante os seis anos que vivi em Macau, do que em qualquer *outra viagem* das várias que fiz ao longo da vida por terras e gentes diferentes. Penso que a minha disponibilidade e a minha sequiosa curiosidade por tudo o que é diferente de mim ajudaram também, por isso acredito

LUÍS FILIPE ROCHA

Luís Filipe Rocha (Lisboa, 16 de Novembro de 1947) é um cineasta português, na linha do Novo Cinema, que explora as técnicas do cinema directo.

Licenciou-se em Direito, pela Universidade de Lisboa (1971). Por volta de 1963 integra o Cénico de Direito e aí trabalha como actor, assistente de direcção, dramaturgista, tradutor e produtor. Exila-se no Brasil em 1973, trabalhando no teatro com Izaías Almada.

Inicia em 1974 a sua actividade cinematográfica como assistente de realização e documentarista, sendo Barronhos - Quem Teve Medo do Poder Popular? (1976) o seu primeiro filme. Em 2003, A Passagem da Noite, protagonizado por Leonor Seixas, conquistou o Prémio de Melhor Filme e Argumento no Festival de Olympia (Pyrgos, Grécia). A Outra Margem (2006) é o seu último trabalho.

Filmografia

Barronhos - Quem Teve Medo do Poder Popular? (1976)

A Fuga (1977)

Cerromaior (1981)

Sinais de Vida (1984)

Amor e Dedinhos de Pé (1991)

Sinais de Fogo (1995)

Adeus Pai (1996)

Camarate (2000)

A Passagem da Noite (2003)

A Outra Margem (2006)

Prémios

Prémio Arco-Íris 2007 da Associação ILGA Portugal pelo seu filme A Outra Margem

que o meu contacto com o Oriente me enriqueceu e melhorou como ser humano. Se tal experiência de vida alterou o meu olhar como cineasta já não sei. Nem sempre o crescimento interior tem directa correspondência no indefinível processo criativo. E nunca o cinema foi para mim mais importante que a vida.

■ **Há uma constante no seu trabalho, o da adaptação para cinema de romances de autores portugueses. O seu próximo trabalho**

enquadra-se nesta linha? Pode fornecer alguns pormenores?

A adaptação de romances de autores portugueses não é uma constante do meu trabalho: em dez filmes que realizei, apenas três são adaptações. Mesmo contabilizando mais duas adaptações que não concretizei em filmes, não se pode falar de uma constante.

O meu eventual próximo trabalho baseia-se num argumento original do Carlos Saboga sobre as invasões francesas. ■

A anfitriã

Há perto de um ano Ana Paula Cleto passou a ser a nova face da Fundação Oriente em Macau. O seu estilo comunicativo fez abrir as portas da Casa Garden às artes e às pessoas

TEXTO: HÉLDER BEJA

FOTOS: CARMO CORREIA





A Casa Garden, é desde Janeiro morada de Ana Paula Cleto – investigadora e coordenadora da Língua Portuguesa na Universidade de Macau (UMAC) – aceitou o convite da FO e preencheu um vazio de seis meses, aberto com a saída de Rui Rocha para a presidência do Instituto Português do Oriente (IPOR). Desde então, abriu as portas da casa construída em 1770.

O escritório de paredes

altas dá para o jardim. É aqui, sem carros e com o chilrear dos pássaros que Cleto, 49 anos, nascida e criada em Alenquer, nos recebe. “Este convite para a FO foi o mais inesperado de todos, porque toda a minha carreira se construiu na área da linguística e do ensino do português como língua estrangeira”, conta a mulher que também foi directora do então Centro de Difusão de Língua Portuguesa e do Centro de Lín-

gua Portuguesa do IPOR. O convite para a FO apareceu para que fizesse mais um interregno numa carreira dedicada ao ensino, que a trouxe pela primeira vez a Macau em 1990.

Mas voltemos à casa. Com o novo cargo que ocupa, o dia-a-dia de Ana Paula Cleto alterou-se substancialmente. A professora mora a cinco minutos da UM e, por isso, “acabava por ficar enredada na universidade”. “Vivia muito

fechada, passava semanas em que não vinha a Macau”, confessa. E agora? “É o paraíso. Trabalhar na Casa Garden todos os dias é agradabilíssimo.” A equipa é pequena – uma pessoa no secretariado, um motorista, dois guardas, um jardineiro, uma empregada e “um cão e um gato”, brinca. Isso, porém, não a impede de cortar caminho.

Quando assumiu a delegação da fundação presidida por Carlos Monjardino, sabia que era “um trabalho de risco, porque a Fundação Oriente era ou é mal amada, por causa de um certo isolamento”. Mas Ana Paula Cleto define-se como aventureira, gosta de arriscar e de coisas que a estimulem. Decidiu aceitar o repto, ainda que avise: “Não vim para ser a salvadora da Fundação”.

As novas funções fazem-na comunicar com instituições, com pessoas que apresentam projectos ou parcerias. Mal começou, fez um périplo pelas associações ligadas às artes, das de matriz portuguesa às completamente chinesas. “É muito interessante o que faço no dia-a-dia, por todos os contactos que se estabelecem, por um manancial de conhecimento desta área cultural. Valeu a pena ter avançado para esse desafio.”

Das actividades organizadas pela FO desde Janeiro, o Salão de Outono, mostra de artistas locais organizada em parceria com a

associação *Art For All*, foi a mais visível. Agradou a Ana Paula Cleto “ter visto tantos chineses dentro da casa”. Isto porque, defende, “às vezes a comunidade portuguesa esquece-se que não deve ser isolada”. A delegada da Fundação Oriente considera que a cultura lusa “tem de ser essencialmente mostrada aos que menos a conhecem”. Apesar de achar que já muito se faz a nível cultural em Macau, aponta que “é importante que aconteçam mais coisas que venham de fora” e, através da Fundação, promete a visita de artistas portugueses. Conta ainda “levar coisas chinesas de Macau para Portugal”.

Projectos não faltam a Ana Paula Cleto. Propôs recentemente à FO a criação de uma bolsa artística que financie um artista chinês para estudar em Portugal, na Faculdade de Belas-Artes, e as coisas estão bem encaminhadas. Para 2011, e depois das obras que em Janeiro interditarão o espaço, a programação da Casa Garden será intensa, com exposições, *workshops*, festivais, concertos. Cleto quer mais e sugere a criação de um mês português. “Seria qualquer coisa não tanto com o carácter da Lusofonia, mas algo que tivesse cinema, teatro ao ar livre. E não poderia ser feito só por nós, mas em parceria. Não temos capacidade de organizar uma coisa dessas sozinhos.”

Aprender a ensinar

A sala de aula está intimamente ligada ao percurso de Ana Paula Cleto. Começou a frequentá-la no externato Damião de Góis, em Alenquer. Foi na capital portuguesa que continuou como estudante, ingressando na licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante Inglês-Alemão, da Faculdade de Letras. Depois de uma passagem de um ano por Munique, encetou a actividade docente em Lisboa.

Por essa altura já o encontro com Maria Antónia Espadinha era um reencontro. “Conheço a Ana Paula desde pequena, porque frequentávamos a mesma praia na zona de Sines”, conta a professora da UMAC. Mais tarde, é Macau que volta a juntá-las. Ana Paula Cleto veio primeiro e, anos depois, juntou-se a Maria Antónia Espadinha que entretanto chegara para dar aulas na UMAC. “Ela é uma pessoa muito disponível, que gosta de partilhar experiências e começar coisas novas. É alguém em quem se pode confiar a todos os níveis, porque cientificamente também é muito boa. Os alunos, apesar de não exagerar nas notas, apreciam-na e reconhecem que é justa”, acrescenta Espadinha.

A nova etapa de Ana Paula Cleto na FO é encarada por Espadinha como “uma escolha”. “Que ela desempenha muito bem o lugar acho que está à vista”, analisa. A



Projectos não faltam a Ana Paula Cleto. O Salão de Outono foi um dos primeiros

professora deixa, no entanto, um desejo: “Espero que ela volte à universidade”.

Tal não acontecerá pelo menos no próximo ano, que Ana Paula Cleto garante querer passar ao leme da delegação da FO. Depois se verá. O regresso à UM para prosseguir investigação aparece como natural e, em paralelo, há já outra ideia: criar uma associação de professores de português na China.

Até agora, a docente conta um mestrado em Linguística Portuguesa e um doutoramento em Linguística Aplicada. A tese de doutoramento, entregue em 2005, versa sobre um dos grandes interesses de Cleto: as especificidades dos alunos chineses que aprendem português. “A Aquisição da Concordância de Plural no Sintagma Nominal por Aprendentes Chineses de Português Língua Estrangeira” levou-a a analisar o discurso de diferentes alunos em duas fases e a perceber evoluções ao nível da concordância. “Nós temos

uma língua muito rica em morfologia flexional e que muda a cada pessoa, tempo, etc. Imagine o quebra-cabeças que isto é para um chinês”, observa.

Por isso, defende que em Macau as crianças têm de ter acesso a um bom ensino de português, já que é nessa fase que a aquisição de outra língua pode ultrapassar os obstáculos da diferença. “Dar uma formação sólida nas nossas escolas primárias e secundárias é muito importante. Esses são os nossos futuros intérpretes, mediadores entre a China e os países de língua portuguesa.” Cleto adita que a RAEM tem “todo o potencial para ser o grande centro de ensino de português como língua não materna”.

Além do ofício

Esta é uma mulher que gosta de trabalhar e di-lo. “Às vezes até me pergunto se não sei fazer outra coisa.” Mas sabe. Nas estantes

da professora não existem apenas livros de linguística. Sabe, por exemplo, de cozinha, e gosta de fazê-la para os amigos. “Tenho uma biblioteca enorme de livros de cozinha; qualquer programa de gastronomia que eu veja, tiro notas; vou a um restaurante e tento perceber que sabores estou a experimentar...”

Gosta de música e cinema, de nadar e jogar ténis. Um dos seus sonhos – além de ter sido música, bailarina ou mesmo estilista – é ter um restaurante de cozinha portuguesa e mediterrânica, um espaço que “não fosse só de comida, fosse também de arte”.

Ana Paula Cleto acredita que as pessoas nascem com vocações. Uma das suas pode estar à volta dos tachos. A outra é a que já sabemos: “Acho que nasci com vocação para ser professora. Tenho saudades, mas se neste momento me perguntar: ‘Quer voltar?’ Não, já não quero”. Só depois de arrumar a casa. ■



FOTO: JOÃO CORTESÃO

À descoberta de Macau

Austin Coates (1922-1997)

a viagem oriental de um diplomata romancista

I always associate Macao with Venice. Whichever one I am in, I always wake up wondering which one it is [...].⁽¹⁾

Austin Coates, *A Macao Narrative*, p. 1

Austin Francis Harrison Coates, diplomata, historiador, romancista e membro da Royal Asiatic Society, de ‘nome’ chinês Gao Ze (elevada responsabilidade), nasce em Londres (16-04-1922), durante o nono ano de casamento do compositor Eric Coates (1886-1957) e da actriz Phyllis Black Coates (1894-1982), sendo filho único do casal. Após uma infância e uma adolescência vividas entre Londres e Sussex, aos 17 anos de idade Coates decide tornar-se dramaturgo e parte para Paris com o objectivo de estudar teatro, ingressando posteriormente na Royal Academy of Dramatic Art.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o jovem viaja, pela primeira vez, rumo à Ásia, desempenhando, entre 1942 e 1947, o cargo de oficial da British Royal Air Force Intelligence na Índia, em Rangum, capital da então recém-fundada Birmânia, em Singapura (1945-1946), e em Jacarta, onde em 1947 se torna observador inglês do processo de descolonização holandesa. As sucessivas viagens do autor pelo Oriente levam a que o contacto com realidades diversas de espaços-Outros se torne um tema recorrente

na sua obra literária. Na Índia em guerra pela independência, o então soldado inglês conhece e acompanha Gandhi em viagem pouco tempo antes do assassinato deste último, em 1948. De regresso a Inglaterra, no ano seguinte, Coates, com 27 anos de idade, alista-se no British Colonial Civil Service e inicia a sua carreira diplomática, sendo nomeado secretário-assistente colonial até 1956 na Hong Kong conturbada pelas transformações políticas na China. Durante as suas funções no governo da colónia britânica o diplomata torna-se assistente do então governador, Sir Alexander Grantham (1899-1978), auxilia os refugiados políticos chineses e escreve *Invitation to the Eastern Feast* (1953) e *Personal and Oriental* (1957), as suas primeiras obras, publicadas simultaneamente em Londres e Nova Iorque. Entre Maio de 1953 e Julho de 1955 Coates desempenha as funções de magistrado e *district officer* nos Novos Territórios da Hong Kong rural, experiência que descreve 13 anos mais tarde numa das suas obras mais famosas, *Myself a Mandarin*, através de 16 casos resolvidos no seu ‘tribunal’.

Durante o primeiro ano em Hong Kong o romancista visita Macau e deixa-se desde logo seduzir pela exótica vivência do primeiro e último entreposto europeu na China, como descreve numa entrevista a Paulo Coutinho («Austin Coates: As Calçadas do Futuro», Ponto Final 14-01-1993: 18-19):



FOTO: JOÃO GUEDES, 1996

“[...] logo depois de ter assumido funções no governo colonial de Hong Kong, em 1949, [...] vim pela primeira vez a Macau. Por sorte. No *ferry* em que viajei estavam José Guterres e a mulher, Maria (que eram de Xangai). Ele era muito interessado em história, na história da comunidade portuguesa do Extremo Oriente, e mostrou-me pessoalmente Macau. Guiou-me num *tour* interessantíssimo em que vimos todos os monumentos históricos durante um fim-de-semana inteiro. [...] Fiquei imediatamente fascinado desde os primeiros contactos com a presença portuguesa no Oriente. O primeiro encontro aconteceu casualmente em Bombaim com a comunidade goesa, em 1944, e o que mais me fascinou foi a beleza da música popular que resultava de uma simbiose entre os ritmos

indiano e português. Depois, numa localidade a norte de Calcutá, onde estive destacado como oficial britânico, vi no interior de templos hindus representações de portugueses, com os seus chapéus típicos, e de caravelas portuguesas. [...] Mais tarde em Malaca, conheci muitos portugueses. [...] Macau foi sempre melhor governado que os outros territórios portugueses [...]. Os britânicos impuseram a sua presença pela força [em Hong Kong] enquanto os portugueses foram convidados para se estabelecer em Macau.”

Em 1957 Austin Coates é transferido, a seu pedido e até 1959, para Sarawak, na Malásia Oriental, como magistrado, conselheiro para os assuntos chineses e administrador do distrito de Kuching, assessorando, entre 1958 e 1959, o governador Sir



FOTO: JOÃO GUEDES, 1996

Anthony Abell. Entre 1959 e 1962 o diplomata é primeiro secretário da British High Commission em Kuala Lumpur e Penang (George Town), na Malásia, e durante a sua permanência no Oriente assiste à descolonização do Império Britânico, antes de se tornar *free-lance travel writer*. O seu primeiro romance, *The Road*, é publicado nos Estados Unidos da América em 1959 e representa a experiência de Sylvia e Richard, este último *district officer* dos Novos Territórios de Hong Kong, durante a construção da nova estrada de Lantau. Em 1962, aos 40 anos de idade, Coates abandona a carreira diplomática, estabelece-se em Londres e dedica-se inteiramente à escrita, tendo visitado África, em 1964, para escrever *Basutoland*. Dois anos depois, o autor publica o seu primeiro estudo sobre Macau e as presenças portuguesa e inglesa no delta do rio das Pérolas, *Prelude to Hong Kong*, mais tarde reeditado com o título *Macao and the British 1637-1842: Prelude to Hong Kong* (1988), apresentando também comunicações sobre a história local na Royal Asiatic Society de Hong Kong.

Em 1967, Coates publica o romance histórico e Bildungsroman feminino *City of Broken Promises* (CBP), cujas preparação e investigação histórica haviam sido iniciadas em Hong Kong e Macau anos antes, e, um ano depois, o estudo que mais tarde viria a considerar a sua mais importante

obra, *Rizal Philippine Nationalist and Martyr* (1968), uma biografia do poeta e herói filipino José Rizal (1861-1896), figura que despertara o interesse do autor quando da sua primeira visita a Manila, em 1950. Em Julho de 1965 o romancista é opositor ao concurso para o cargo de director dos Serviços de Turismo de Singapura, função que desempenha até 1966, ano em que regressa à China para aí viver e escrever durante 27 anos, sendo-lhe comissionadas diversas obras quer pelo Governo de Hong Kong quer por companhias privadas, como por exemplo *Western Pacific Islands* (1970), que o leva em viagem durante cinco meses pelo Oriente, e *Islands of the South* (1974), sobre o período pré-histórico do Pacífico e a influência dos seus povos na Ásia Oriental. É durante a segunda estada em Hong Kong que Coates se deixa envolver de forma mais profunda e pessoal pela Macau pitoresca, que descreve a João Guedes («*The Gentleman of Colares*», Macau, 1997, edição inglesa: 132-139) como:

[...] a fascinating place. Without question another world, charmingly peaceful and quiet. We could picnic in the middle of the Avenida da Praia Grande without getting in the way of the traffic. I think there were 27 cars in the whole town at the time. Nothing ever happened in Macao before eleven in the morning. The local intelligentsia would then gather at the Hotel Riviera for cups of strong coffee. [...] Just the six

of them! The group became seven when I joined them. ⁽²⁾

Durante uma entrevista concedida a Bradley Winterton (*A Season in Macau*, 1999: 14), Coates repete esta mesma ideia: “*I first went to Macau in the 1949, when I began working for the Hong Kong government. My goodness, it was a charming place then! So peaceful, so quiet. You could stand and look at a traffic light - I think they had one in those days - and it would change from green to red and green again, and not a single vehicle would have passed. What a difference from today! [...] When you arrived, there was only one hotel where Europeans could reasonably stay in.*”⁽³⁾ O autor Philippe Pons (*Macao*, 2002: 102) descreve os encontros dos “*afficionados de Macau*” no bar do Hotel Boa Vista, entre os quais se encontra Coates, “[...] *tall, white-haired writer [...], who was both quintessentially British and very rude about his compatriots. Having fled Hong Kong, where he'd based for many years, he went on to write several books relaxing on the Bela Vista's terrace.*”⁽⁴⁾ A representação do *modus vivendi* e da sonolência da urbe é recorrente na literatura inglesa, nomeadamente num breve texto de Shann Davies que descreve a procrastinação como característica de Macau: “Os portugueses têm um termo para definir progresso em Macau: amanhã [...], o dia em que os planos serão implementados, os projectos finalizados e medidas tomadas”.

Numa outra ocasião, no final dos anos 80, Coates enfatiza as dimensões histórica e portuguesa do enclave:

Macau is an extremely interesting place, quite unique, quite unique. There's nowhere like it anywhere else in Asia, and probably not in the world. The problem for a historian is that they don't have records, or at least not very many. You see, in former centuries the Portuguese didn't write things down as a rule - they considered themselves gentlemen, and some of them were gentlemen, and they simply trusted each other's word. (Winterton: 13-14).⁽⁵⁾

O romancista conclui que o território é considerado um local único no mundo não apenas por turistas, mas também por historiadores de renome mundial como Char-

les Ralph Boxer, seu conhecido:

For historians of a place that is unique in the world as an international trading centre it [the lack of historical sources] is a disaster! My old friend the historian Jack Braga used to say 'If only I could find a bill of lading, just one...' Well, Charles Boxer found one - one, I may say - in Lisbon. But the lack of records is the primary problem for Macau historians, particularly records of trading transactions. (Winterton: 14).⁽⁶⁾

Essa ausência de fontes relativamente às vidas de Marta e Thomas Kuyck Van Mierop leva o Autor, impossibilitado de redigir um estudo biográfico ou historiográfico sobre essas figuras, a publicar o romance histórico CBP, o primeiro em língua inglesa cujo local de acção principal é Macau. Durante os passeios e estadas no Hotel Bela Vista os amigos portugueses e macaenses descrevem a Coates a vivência e a presença inglesas na cidade, bem como episódios históricos que o autor investiga e incorpora em obras como *Macao and the British*, *A Macao Narrative* e *CBP*, enquanto viaja em busca de informação por diversas paragens do Oriente. Em 1974 Coates decide abandonar Hong Kong e viver na Europa, escolhendo o seu país favorito, Portugal, para se estabelecer. Essa mesma relação, que dura até à morte do autor, tem início em Macau, através de amizades como as que mantém com os historiadores macaenses Luís Gonzaga Gomes e Jack Maria Braga, tendo este último colaborado na investigação do romancista sobre o enclave, nomeadamente para redigir *CBP*. No décimo dia da estada do escritor em Lisboa, a revolução de Abril e um contrato para um novo livro levam-no de novo a Hong Kong, adiando este a sua decisão de se estabelecer em Portugal durante mais 18 anos, até que em 1992, após mais de 50 anos de aventuras asiáticas, o projecto finalmente se concretiza, data a partir da qual Coates passa a residir em Colares, numa casa adquirida em 1985. Próximo de Sintra, o romancista dedica-se à escrita e à reedição da obra musical do seu pai, rodeado por uma exótica ambiência que o seu jardim ainda hoje reproduz, falecendo, conforme notícia a imprensa portuguesa, vítima de cancro, em 16

de Março de 1997, aos 74 anos de idade, na Rua das Horas da Paz, ligado a Macau por uma profunda nostalgia que as vozes lusas dos seus vizinhos adensam. Os seus restos mortais encontram-se no jazigo da família Coates, no Golders Green Crematorium, em Londres.

Coates caracteriza a sua forma de ‘escrever História’ como *light* e fácil de ler, e a sua obra de cariz historiográfico e biográfico torna-o uma referência recorrente nos estudos e bibliografias de orientalistas e sinólogos mundiais. O diplomata-romancista é autor de 18 obras publicadas e 14 ainda inéditas sobre o Oriente, assumindo-se como um nome proeminente no estudo da história e da etnografia (em língua inglesa) de Macau, a quem não foi prestada a mais que merecida homenagem em Portugal, onde apenas um dos seus estudos foi traduzido.

De seguida apresentamos um quadro com as obras publicadas de Austin Coates, a temática e o ano da primeira edição das mesmas.

De entre estas obras, quatro são sobre Macau, nomeadamente dois estudos ilustrados, *Macao and the British 1637-1842: Prelude to Hong Kong* e *A Macao Narrative*, um poema, «*Macao*» (1950), e um romance histórico/*bildungsroman* feminino, *City of Broken Promises*, mantendo-se o poema «*Macao*» inédito e por estudar até à data da publicação de *A World of Euphemism: Representações de Macau na Obra de Austin Coates: City of Broken Promises* enquanto Romance Histórico e *Bildungsroman* Feminino (Lisboa, 2009), de Rogério Miguel Puga.

O primeiro destes estudos, *Macao and the British*, dedicado a Jack M. Braga, sintetiza a presença britânica no Sul da China desde a chegada da frota de John Weddell, em 1637, até às Guerras do Ópio e à fundação de Hong Kong, tendo como fio condu-

tor a importância de Macau para o *China trade*. Os 14 capítulos da obra abordam, sumariamente e sem recurso directo a fontes históricas, a presença europeia na China meridional; o estabelecimento e os interesses da E. I. C. em Cantão e Macau, sobretudo a partir de 1700; o *country trade* entre a Índia e a China; a embaixada de Lord Macartney; a chegada dos humanitários e das primeiras mulheres inglesas ao enclave; as várias crises comerciais em torno do tráfico de anfião através de Macau e Lintim; a primeira Guerra do Ópio, e a acção de figuras históricas como Thomas Beale, Robert Morrison, e Charles Elliot. Como o título da obra indica, a compreensão da presença inglesa no Império do Meio, nomeadamente em Macau desde meados do século XVII, é essencial para o estudo dos acontecimentos que precedem a Guerra do Ópio e a fundação de Hong Kong em 1841. Na bibliografia final, o autor afirma que a maioria da informação utilizada advém da “tradição oral” de Macau, de jornais como *The Canton Register* e *The Chinese Repository*, de documentos europeus e chineses cedidos por Jack M. Bra-

A obra publicada de Austin Coates

Título	Tema *	Ano da primeira edição
<i>Invitation to an Eastern Feast</i>	VH	1953
<i>Personal and Oriental</i>	VH	1957
<i>The Road</i>	F	1959
<i>Basutoland</i>	VH	1966
<i>Prelude to Hong Kong/Macao and the British</i>	H	1966/1988
<i>City of Broken Promises</i>	F	1967
<i>Rizal, Philippine Nationalist and Martyr</i>	B	1968
<i>Myself a Mandarin: Memoirs of a Special Magistrate</i>	M	1968
<i>Western Pacific Islands</i>	VH	1970
<i>China, India and the Ruins of Washington</i>	VH	1972
<i>Islands of the South</i>	VH	1974
<i>Numerology</i>	N	1974
<i>A Mountain of Light: The Story of the Hong Kong Electric Company</i>	H	1977
<i>A Macao Narrative</i>	H	1978
<i>Whampoa, Ships on the Shore</i>	H	1980
<i>China Races</i>	H	1983
<i>The Commerce in Rubber: The First 250 Years</i>	H	1987
<i>Quick Tidings of Hong Kong</i>	H	1990

* VH: Viagens e História; F: Ficção; H: História; B: Biografia; M: Memórias; N: Numerologia.



ga e da lista de estudos que apresenta no final, sem que essa bibliografia secundária seja citada ao longo do texto.

A Macao Narrative, traduzida para português por Luísa Guedes com o título *Macau: Calçadas da História* (1991), é um esboço geral da história do enclave que contempla a chegada dos portugueses ao Oriente no século XVI, nomeadamente à Índia e à China, de forma a contextualizar o comércio da Nau do Trato entre Macau e o Japão, bem como a ofensiva anglo-holandesa contra os interesses e domínios portugueses; o início da presença inglesa na China; o poderio inglês no século XVIII; a Guerra do Ópio; a fundação de Hong Kong; o governo de Ferreira do Amaral e o tratado sino-português de 1862. O próprio autor define ambas as obras como estudos de síntese realizados a partir de publicações de historiadores por ele referidos e, por essa razão, Coates é considerado um estudioso ‘pouco académico’, gozando, no entanto, os seus textos de algum sucesso editorial em todo o mundo. O próprio autor agradece, nestes estudos, a amigos e investigadores em cujas obras se baseia para formular a sua síntese e confessa a natureza pouco académica dos mesmos, opinião também veiculada por A. E. Brown, num verbete dedicado a Macau no *International Dictionary of Historic Places* (1996), ao reconhecer a importância de *A Macao Narrative* e *The British in Macao* como os principais estudos sobre a história do enclave em língua inglesa. ■

Traduções

⁽¹⁾ *Associo frequentemente Macau a Veneza. Em qualquer das cidades acordo sempre sem saber em qual delas me encontro.*

⁽²⁾ *Um lugar fascinante. Sem qualquer dúvida um outro mundo, sossegado e calmo. Poderíamos fazer um piquenique no meio da Avenida da Praia Grande sem incomodar o trânsito. Penso que no total, haveria uns 27 carros na cidade. Nada acontecia antes das 11 da manhã, hora a que os intelectuais se reuniam para um café forte no Hotel Riviera. Apenas seis, o grupo passou para sete quando me juntei a eles.*

⁽³⁾ *Fui a Macau, pela primeira vez, em 1949 quando comecei a trabalhar para o governos de Hong Kong. Meu deus como era calmo e sossegado! Podia-se parar em frente ao semáforo (penso que existia apenas um na época) esperar que a luz mudasse de verde para vermelho e depois outra vez para verde sem que um único carro passasse. Quão diferente é hoje! À chegada era apenas um hotel onde, realisticamente, os europeus se podiam hospedar.*

⁽⁴⁾ *Um escritor alto de cabelos brancos, inquestionavelmente britânico e muito arrogante em relação aos seus compatriotas. Deixou Hong Kong, que por muitos anos foi a sua base, para se dedicar à escrita, relaxando na varanda do Bela Vista.*

⁽⁵⁾ *Macau é um Lugar extremamente interessante. Único. Não há lugar igual na Ásia nem, provavelmente, no mundo. O problema para o historiador é a falta de registos. Percebe? É que outrora os portugueses não punham nada no papel- eles consideravam-se cavalheiros, muitos eram-no, e por isso confiavam simplesmente na palavra.*

⁽⁶⁾ *Para os historiadores, um lugar que é único no mundo como centro internacional de comércio, isso [a falta de fontes históricas] é um desastre. Como dizia o meu velho amigo e historiador Jack Braga “ se pelo menos eu conseguisse encontrar um registo de propriedade, só um...” Bem, Charles Boxe encontrou um, um que devo dizer, foi encontrado em Lisboa. Mas a falta de registos é o principal problema para os historiadores de Macau, sobretudo os registos de trocas comerciais. ■*

2011 MIECF

Macao International Environmental
Co-operation Forum & Exhibition
2011年澳門國際環保合作發展論壇及展覽



關注環保
Walking Green

親近自然
Going Clean

分享樂活
Living Cool



打造綠色通道 開拓環保產業商機

GREEN GATEWAY TO EXPLORE ENVIRONMENTAL BUSINESS OPPORTUNITIES

澳門特別行政區政府自2008年起，每年邀請舉辦「澳門國際環保合作發展論壇及展覽（MIECF）」，發揮本地貿易平台優勢，促進區域環保合作和技術轉移，協助本地中小企業藉MIECF平台拓展商機。

The Macao SAR Government has been organising the International Environmental Co-operation Forum and Exhibition (MIECF) annually since 2008, to make use of Macao's strength as a trade and business service platform to promote regional environmental co-operation and technology transfer and assist local SMEs to explore business opportunities through MIECF.

2011年3月31日至4月2日

31 March to 2 April 2011

澳門威尼斯人 - 度假村 - 酒店

The Venetian Macao - Resort - Hotel

www.miecf2011.com



Cultura quer “imagem de marca”

O CONSELHO para as Indústrias Culturais reuniu pela primeira vez os seus 43 membros, sob a presidência do Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Cheong U. Um dos principais objectivos do Conselho é a criação de uma imagem de marca para promoção de uma nova indústria, onde se inclui a arte visual, *design*, cinema, espectáculos, publicações, música pop, vestuário, e banda desenhada.

Para o Chefe do Executivo, Chui Sai On o Conselho irá “promover a diversificação adequada da economia, criar novas indústrias, apoiar as pequenas e médias empresas e elevar a qualidade dos recursos humanos”■



“Macau Dinâmico” em Xiamen

O CHEFE do Executivo participou na abertura da 14ª Feira Internacional de Comércio e Investimento da China, que decorreu em Xiamen, província de Fujian. A deslocação representou mais um marco no percurso que Chui Sai On tem traçado pelas zonas económicas especiais da China, no âmbito do

programa “Macau Dinâmico”, que compreende uma bolsa de contactos de empresários locais. Na feira de Xiamen, o Executivo apresentou o Pavilhão de Macau com o objectivo de dar a conhecer o ambiente que se vive [na RAEM] a nível de investimento. Com efeito, o Instituto de Promoção do Comércio e Investimento (IPIM) organizou uma delegação de cerca de 800 empresários que participaram no certame. ■



Terrenos dão receita

O GOVERNO de Macau obteve uma receita de cerca de 1,2 mil milhões de patacas, como resultado da venda de lotes de terreno, junto ao aeroporto, com uma área total de 78.742 metros quadrados. A aquisição dos terrenos coube ao grupo *Moon Ocean* que pagou 1,36 mil milhões de patacas a cinco empresas privadas de Macau, maioritariamente detidas pelo Governo.

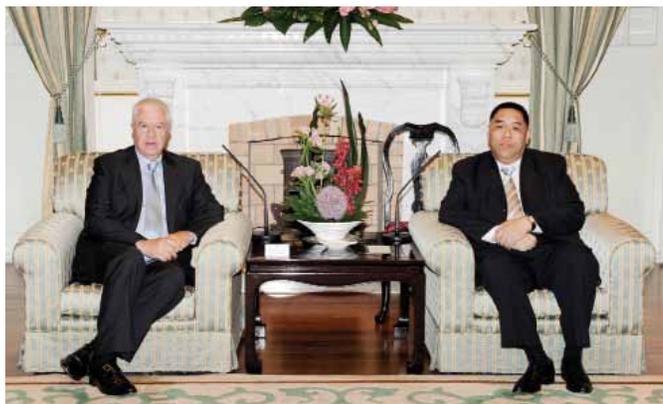
O maior lote transaccionado, com uma área de 33.848 metros quadrados, rendeu 529 milhões de patacas à *Lei Tin Development*, enquanto a *Tai Lei Loi Development*, detentora do lote mais pequeno, com apenas quatro mil metros quadrados, embolsou uns escassos 77 milhões de patacas. Os accionistas das cinco empresas que venderam os lotes de terreno à *Moon Ocean* eram o Governo de Macau, com 88 por cento, a *STDM* e a *CAM*, com cinco por cento cada uma e a *Tai Fok Wah*, com dois por cento. ■



“Invest Lisboa” na China

UMA DELEGAÇÃO da ‘Invest Lisboa’ apresentou-se em Macau como a porta de entrada para a Europa, África e América, na qualidade de centro internacional de negócios e investigação. Antes a comitiva portuguesa - representando a instituição que resultou de uma parceria entre a Câmara Municipal de Lisboa, Associação Comercial de Lisboa, Câmara do Comércio e Indústria Portuguesa, com o apoio da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP) – esteve em Xangai e Hong Kong.

A economia marítima, as energias renováveis, as sedes internacionais e centros de serviços, a tecnologia e a inovação, o turismo e as indústrias criativas foram os sectores promovidos nesta visita. ■



Ministro das Finanças de Portugal procura investidores

O MINISTRO português das Finanças, Teixeira dos Santos, esteve em Macau e Hong Kong com uma agenda direccionada para a diversificação de investimentos quer em Portugal como na China.

O responsável pelas finanças de Portugal foi recebido pelo Chefe do Executivo Chui Sai On, um encontro que, nas palavras de Teixeira dos Santos, serviu para que fosse “reafirmada a importância da presença portuguesa em Macau”.

“O interesse que a China tem em diversificar também as suas operações financeiras vem de encontro ao que é o nosso interesse de diversificação” – disse o ministro. ■



BCP regressa a Macau

O BANCO Comercial Português volta a estar presente em Macau com a abertura de uma sucursal com licença plena *onshore*, visando estabelecer uma plataforma internacional de negócios entre a China, a Europa e África.

A cerimónia de inauguração contou com a presença do presidente da instituição, Carlos Santos Ferreira acompanhado do

Chefe do Executivo Chui Sai On.

O presidente do *Millennium BCP* destacou a importância da abertura da nova delegação em Macau, recordando a presença do banco em Angola, com parceiros fortes como a *Sonangol* e o *Banco Privado Atlântico*, e em Moçambique, onde lidera o mercado.

O *BCP* já teve uma posição em Macau, através da participação no *Banco Comercial de Macau (BCM)*, que vendeu em 2005. ■



Distribuir melhor a riqueza



O Chefe do Executivo da RAEM apresentou para 2011 umas Linhas de Acção Governativa (LAG) fortemente centradas no desígnio de melhor distribuir a riqueza que Macau tem criado de forma exponencial. Chui Sai On, nas suas segundas LAG desde que assumiu a liderança do Governo em Dezembro de 2009, apontou o fortalecimento da qualidade de vida das classes média, média baixa e baixa como a sua grande prioridade, e as medidas anunciadas têm por objectivo precisamente combater algum desfasamento – assumido pelas autoridades - que se vinha fazendo sentir entre a evolução económica da RAEM e o poder de compra e bem estar desta fatia da população.

As isenções e reduções fiscais, bem como os incentivos à compra de habitação própria ou a flexibilização dos requisitos para acesso à habitação pública são, indubitavelmente, a fatia de leão desta ampla reforma social que está em curso. Trata-se, explicou o próprio Chefe do Executivo, de distribuir riqueza de uma forma mais estruturada, com efeitos que se pretende prolongados no tempo e não necessariamente tão imediatos como as anteriores medidas que vinham sendo adoptadas. É esta filosofia, por exemplo, que está subjacente à diminuição do valor absoluto da contribuição pecuniária anual, que

passa das seis mil patacas por residente permanente para quatro mil, mas, em compensação, conferindo ao mesmo tempo um carácter mais permanente às contribuições do Governo para o Fundo de Poupança Central, sendo que cada residente, em 2011, verá ser-lhes depositadas mais seis mil patacas.

No que toca à habitação pública, para além da finalização da construção de mais uns milhares de fogos e do lançamento de mais projectos em diferentes zonas do território, as finanças da RAEM vão investir qualquer coisa como 200 milhões de patacas nos abonos para residência dos candidatos que aguardam pela atribuição de uma fracção.

Este investimento na Poupança Central e as quantias que o Governo prevê deixar de encaixar com as isenções e reduções fiscais podem significar quase dois mil milhões de patacas a menos nas receitas fiscais do próximo ano. Para se ter uma ideia da proporção das isenções, refira-se, a título de exemplo, que a isenção de 25 por cento do imposto profissional vai aplicar-se até ao limite de 144 mil patacas de rendimento anual para os residentes, e de 200 mil no imposto complementar de rendimentos aplicável às empresas. Os residentes permanentes deixam ainda de pagar imposto de selo sobre a compra da primeira casa.

Tal não é, porém, preocupante pois, como justifica no seu relatório o Chefe do Executivo, a totalidade das receitas da RAEM para 2011 deve crescer qualquer coisa como cinquenta por cento, fruto do desenvolvimento exponencial que se adivinha para o sector do Jogo, aliás já verificável ao longo de 2010. As receitas provenientes do Jogo bateram recordes mês após mês e as expectativas do mercado para o próximo ano são a da continuação do ritmo.

A tentativa de controlo do aumento dos custos de vida para as classes sociais acima referidas passa também pela introdução de um amplo pacote de medidas para controlo dos preços da habitação num mercado que se tem manifestado volátil e extremamente sensível à especulação. O governo assume essa preocupação procurando atacar a origem do problema, mas também na procura de fornecer mais “armas” aos residentes para melhor suportarem o aumento do custo de vida. Assim, foram anunciados aumentos para a Função Pública na ordem dos 5,5 por cento, sabendo-se que esta medida tem tradicionalmente um efeito de contágio e deve também conduzir à subida dos salários no sector privado, mesmo que em percentagem mais reduzida. Anunciado foi também o início do pro-

cesso de discussão pública sobre a instituição e aplicação de uma política de salário mínimo. Governo e parceiros sociais vão sentar-se à mesa e partir de uma base de consenso aparentemente já alcançada e procurar atingir um valor a implementar. Até ao final do ano, previu Chui Sai On, deve haver novidades concretas.

Orçamento sobe 50 por cento

Toda esta lógica de investimento público em habitação, isenções fiscais, segurança e previdência social tem uma base de muita segurança e confiança

na continuação do bom desempenho da indústria dragão da economia da RAEM, o sector do Jogo.

Chui Sai On apresentou um projecto de orçamento para 2011 com as receitas a aumentarem qualquer coisa como 50,6 por cento, ou seja para valores próximos dos 80 mil milhões de patacas. Destes, calcula-se que 62,5 mil milhões provenham da indústria do Jogo.

Daqui resultará um saldo projectado de 22 mil milhões de patacas. E foi precisamente a acumulação de saldos orçamentais dos últimos anos que levou o Executivo a programar para 2011 o lan-

çamento de uma medida há muito pedida por vários sectores da população e com a qual o Governo se comprometeu e agora executa: vai ser implementado um Regime de Reserva Financeira, cabendo à Autoridade Monetária a gestão e aplicação das receitas acumuladas. A respectiva proposta de lei está, aliás, já em análise na Assembleia Legislativa.

O orçamento prevê Investimentos do Plano na ordem dos 11,37 mil milhões, 4,5 mil milhões para o Fundo de Segurança Social, quatro mil milhões para os Serviços de Saúde e 2,4 mil milhões para as Forças de Segurança. ■

Principais medidas legislativas

Revisão do Código do Processo Penal

Código Tributário

Lei de Salvaguarda do Património

Regime Jurídico da Construção Urbana

Regime Jurídico do Ensino Superior

Regime de Previdência Central

Alteração à Lei sobre Rendimentos e Interesses Patrimoniais

Regime dos Docentes das Escolas Particulares

PRINCIPAIS LAG

ADMINISTRAÇÃO E JUSTIÇA

- › Aumentos Salariais na Função Pública
- › Formação de Tradutores- Intérpretes
- › Criação do Centro de Segurança Alimentar
- › Fusão do Gabinete para os Assuntos do Direito Internacional com o Gabinete para a Reforma Jurídica
- › Adaptação da Legislação pré-1999 à nova realidade

ECONOMIA E FINANÇAS

- › Isenção Fiscal no Imposto Profissional e Imposto Complementar de Rendimentos
- › Novo Departamento para Indústria das Convenções
- › Reforço da Fiscalização às Concessionárias de Jogo
- › Maiores apoios pecuniários às PME
- › Acções de formação para Desempregados
- › Revisão da Lei Laboral
- › Estudo da questão do Salário Mínimo
- › Manutenção da taxa de aumento das mesas de jogo

SEGURANÇA

- › Optimização do Recrutamento e Gestão de Recursos Humanos
- › Optimização do da Gestão dos Serviços de Imigração
- › Melhor gestão do Trânsito Rodoviário

ASSUNTOS SOCIAIS E CULTURA

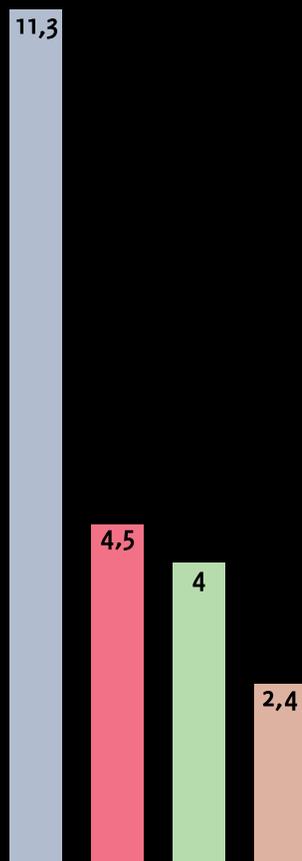
- › Novo Regime do Ensino Superior
- › Atribuição de Subsídio de Educação a maiores de 15 anos
- › Mais lares, serviços de psiquiatria e protecção de idosos
- › Revisão do Regime de Prevenção de Deficiência, reabilitação e reinserção social
- › Lei de Salvaguarda do Património
- › Desenvolvimento do Sistema Público de Bibliotecas

TRANSPORTES E OBRAS PÚBLICAS

- › Lei de Bases do Ordenamento Jurídico
- › Abertura do tabuleiro inferior da Ponte Sai Van
- › Revisão da Lei de Terras
- › Liberalização do Mercado das Telecomunicações

Principais Fatias do Orçamento

(mil milhões MOP*)



■ Investimentos do Plano
■ Fundo Segurança Social
■ Serviços de Saúde
■ Forças de Segurança

* Um dólar norte-americano equivale a cerca de oito patacas

Revitalizar Sai Van, potenciar o Turismo

Paulatinamente pretende o Executivo ir revitalizando – com projectos orientados para a dinamização da vida social dos residentes e atracção de turistas – algumas áreas mais “adormecidas” da cidade. Assim, em 2011 será lançado um projecto pioneiro para a Praça de Sai Van.

À semelhança do que tem sido feito em bairros doutras cidades desta região do Globo, ali será potenciado o desenvolvimento de um foco de diversão nocturna virado para a promoção de Macau. A Praça de Sai Van vai ser transformada num local de culto gastronómico – reflectido a interminável oferta de Macau neste segmento turístico – e numa montra de produtos artesanais. Isto tudo complementado com bastante animação permanente com feiras a realizar em horário exclusivamente nocturno.

Este projecto para Sai Van insere-se na vontade do Governo em relançar a base estrutural do nosso Turismo, procurando, como vem sido focado pelas próprias autoridades, diversificar a oferta. Assim, começar-se-á pela revisão legislativa de alguns diplomas legais, procurando regulamentar de forma moderna e adequada às exigências do mercado a qualidade da prestação de serviços. Paralelamente, serão também lançados vários pacotes de estímulos à diversificação das actividades turísticas e culturais. ■





As ideias de Wen Jiabao para a RAEM



Wen Jiabao quer melhor distribuição da riqueza em Macau, investimento nos recursos humanos e um governo íntegro. Ideias do Primeiro-Ministro, num encontro com personalidades de vários sectores de Macau durante a sua visita à RAEM



Elevar o nível de governação de forma científica, promover o desenvolvimento diversificado da economia, empenhar-se em salvaguardar e melhorar a vida da população e garantir uma sociedade harmoniosa e segura. Foram estas as directrizes que o Primeiro-Ministro deixou a mais de quatro centenas de personalidades de vários sectores de Macau, com quem se encontrou no Centro de Actividades Turísticas.

“Macau tem de dar importância à harmonia social. Aquando de um crescimento tão brusco da economia, é natural que surjam muitos problemas, e o primeiro é um grande fosso entre ricos e pobres”, afirmou Wen Jiabao. “A riqueza tem de ser partilhada por todos e também temos de ser solidários com os mais necessitados. Só assim é que a sociedade consegue tornar-se justa, equilibrada e tolerante”, sustentou.



Wen Jiabao discursa as perante as personalidades de vários sectores

“O desenvolvimento de Macau deve ser partilhado pela população, deve ser aproveitada a elevada capacidade financeira, devendo ainda as despesas públicas ser maioritariamente utilizadas na área relacionada com a vida das pessoas”, precisou. Para o Primeiro-Ministro, o Governo da RAEM “deve dar especial atenção às comunidades mais carenciadas, dando-lhe apoio para resolver os seus problemas, melhorando continuamente as suas condições de vida”. Os transportes públicos e a habitação são duas questões em que Fernando Chui Sai On deve apostar. “Para que Macau seja forte é necessário darmos importância à educação. Na história de Macau desde sempre houve a tradição de saber educar. Macau sempre foi um centro de elites”, acrescentou, frisando que a RAEM “deve ter as melhores universidades, as melhores escolas secundárias, primárias e jardins-de-infância, porque só assim poderá ser forte”. A aposta na formação de recursos humanos de qualidade deve ser um objectivo a desenvolver nos próximos anos.

Reforçar fiscalização

Wen Jiabao falou também na transparência. “É necessário reforçar a fiscalização interna e introduzir a fiscalização pela sociedade, reforçando a transparência e assegurando o direito de conhecimento da população, por forma a criar um Governo íntegro, eficaz, competente e servidor do público”, disse.

No encontro com os titulares dos principais cargos da RAEM, Wen Jiabao apelou à defesa da integridade. “Na sociedade de Macau é indispensável ser íntegro, especialmente no caso dos governantes que devem merecer o respeito dos cidadãos, não pelos cargos que ocupam mas como pessoas incorruptas, e agir de forma justa e imparcial para terem uma noção clara dos factos. A dignidade vem da integridade e, como esta, a confiança das pessoas. O respeito das pessoas conquista-se com a coerência dos actos e das palavras”, frisou.

O Primeiro-Ministro disse que Macau deve construir uma sociedade mais jus-

ta e harmoniosa. Em relação ao futuro, preconizou que o desenvolvimento dos sectores do jogo, turismo, comércio, convenções, exposições e lazer deve ser fomentado “como um todo”, num processo que deve integrar o apoio às indústrias criativas e culturais.

Wen Jiabao destacou a “grande atenção” que o Executivo de Fernando Chui Sai On tem dado à cultura, educação e saúde. “O novo Governo está a envidar esforços vigorosos para alcançar prosperidade e a actuar de forma pragmática e promissora, tendo concretizado um bom início de governação”, notou.

Durante a sua visita a Macau, avistou-se também com o anterior Chefe do Executivo, e agora Vice-presidente da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, Edmund Ho.

Conhecer Macau

O Primeiro-Ministro aproveitou a deslocação ao Fórum Macau para cumprir um desejo de longa data: conhecer Macau.

“Esta é a primeira vez que venho a Macau. Estou muito contente por estar aqui e espero visitar o território”, disse à sua chegada a Macau, minutos antes de presidir à cerimónia de abertura do Fórum Macau. “Queremos conhecer a situação actual de Macau. O Governo Central quer expressar o apoio e o cuidado que tem para com a população, e o apoio que dá à concretização do princípio *um país, dois sistemas* e *Macau governado pelas suas gentes*. É assim que Macau poderá desenvolver-se ainda mais e enfrentar a crise económica e financeira”, adiantou. Durante a visita de dois dias, Wen Jiabao aproveitou para tomar o pulso à RAEM. No domingo, logo pela manhã, cerca das sete horas, foi conhecer a Fortaleza do Monte, onde se cruzou com um grupo de cidadãos que praticava *Tai chi*. O Primeiro-Ministro não perdeu a ocasião de praticar aquela arte marcial, juntando-se ao grupo. No Museu de Macau encontrou um grupo de crianças, com quem cantou uma canção que assinala a trans-



Último discurso da visita do Primeiro-Ministro à RAEM

ferência de administração de Macau para a China. Wen Jiabao ofereceu ao Museu de Macau uma gravura de caligrafia chinesa e tirou, com a sua própria máquina fotográfica, algumas fotos à cidade, desde a Fortaleza do Monte.

Nas Ruínas de S. Paulo, onde muitos residentes e turistas o aguardavam, Wen Jiabao evidenciou o seu estilo descontraído, de grande aproximação à população, cumprimentando os presentes e acenando aos que o saudavam.

No périplo por Macau, visitou ainda a Torre de Macau, de onde avistou a Ilha da Montanha, o Centro Hospitalar Conde de S. Januário e conviveu com uma família de 12 membros, a quem ofereceu um computador portátil.

O Primeiro-Ministro salientou a necessidade de a RAEM ter em conta a gestão do ambiente e o planeamento da construção urbana no processo de desenvolvimento e sublinhou que o Governo de Macau deve apoiar os mais desfavorecidos e resolver os problemas da habitação. ■



A nova era do Fórum Macau

Os próximos três anos podem mudar a vida do Fórum Macau. O Primeiro-Ministro, Wen Jiabao, anunciou um pacote de medidas, que irá reforçar a cooperação e o aumento das trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa

TEXTO: GILBERTO LOPES

FOTOS: GCS



A presença do primeiro-ministro chinês, dos chefes dos governos de Portugal, de Moçambique e Guiné-Bissau e do presidente de Timor-Leste concederam à terceira conferência ministerial do Fórum para a Cooperação Económica entre a China e os Países de Língua Portuguesa um elevado estatuto político.

Na sessão inaugural, Wen Jiabao deu o mote, ao anunciar um enorme pacote de medidas, que deve dar uma nova vida ao chamado Fórum Macau. O primeiro-ministro chinês anunciou a criação de um fundo de cooperação para os países lusófonos de mil milhões de dólares norte-americanos; de uma linha de crédito de 1600 milhões de renminbis e 1000 bolsas de estudo, com a duração de um ano, aos estudantes que pretendam ingressar em instituições de ensino da China.

“Os oito irmãos do Fórum estão em fases diferentes de desenvolvimento. É nossa responsabilidade comum ajudar os países lusófonos a atingir um patamar maior de desenvolvimento e a erradicar a pobreza”, disse Wen Jiabao na abertura da conferência ministerial, acrescentando que a China “acarinha a amizade com os Países de Língua Portuguesa e deseja dar os seus contributos nesse sentido”.

Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor-Leste – Portugal e o Brasil estão numa outra fase de desenvolvimento - vão ainda beneficiar de equipamento médico e aparelhos no valor de dez milhões de renminbis e apoio técnico no desenvolvimento de projectos agrícolas.

Centro de formação em Macau

A criação de um centro de formação em Macau, para treinar 1500 funcionários e pessoal técnico, foi outra das medidas anunciadas por Wen Jiabao. A estrutura, sob a égide do secretariado permanente do Fórum de Macau, vai funcionar na Universidade de Macau.

O plano de formação “será estudado pelo secretariado permanente, respeitando

as solicitações dos países de língua portuguesa, para que seja feito um projecto adequado às necessidades de cada um”, revelou o secretário para a Economia e Finanças. Francis Tam acrescentou que a escolha da Universidade de Macau se justifica “porque tem muitas referências em termos de organização de cursos”. Para o secretário da Economia e Finanças, “o estabelecimento deste centro representa a materialização da importância e do apoio atribuídos pelo Governo Central e pelos países lusófonos participantes ao desenvolvimento de recursos humanos das partes intervenientes”.

Na nova fase de actividade do Fórum Macau, o primeiro-ministro defendeu o reforço da cooperação, que deve passar pela assinatura de acordos que acabem com a dupla tributação.

“Os nossos interesses comuns não param de alargar e a necessidade mútua cresce também. (...) É necessário alargar ainda mais as áreas de cooperação, inovar os métodos e enriquecer o conteúdo da cooperação, para que se alcance um patamar ainda mais elevado”, disse Wen Jiabao, que defendeu a expansão dos mercados, a redução de barreiras comerciais, o reforço da coordenação política e a conjugação de esforços contra o protecçãoismo.

Cooperação mais abrangente

A cooperação não se deve limitar às áreas tradicionais (comércio, recursos humanos e infra-estruturas) mas alargar-se ao turismo e à área financeira. “A China vai promover recursos de turismo de países lusófonos e apoiá-los para que obtenham o estatuto de destino aprovado para turistas chineses”, avançou. Wen Jiabao quer mais ligações aéreas directas entre a China e os países de língua portuguesa e melhores redes de logística, assim como maior cooperação entre bancos e entidades reguladoras. A abertura de filiais de bancos chineses nos países lusófonos

poderá concretizar-se a médio prazo. A Autoridade Monetária de Macau (AMCM) assinou um acordo de cooperação e assistência técnica com o Banco Central dos Estados da África Ocidental, que permitirá que quadros da Guiné-Bissau recebam formação na RAEM. Técnicos da AMCM deverão deslocar-se àquele país africano para formar quadros locais e Macau poderá também colaborar na preparação de diplomas em termos de supervisão bancária.

De acordo com o administrador da AMCM, Félix Pontes, Macau possui acordos de cooperação com quase todos os bancos centrais de língua portuguesa e institutos de supervisão de seguros. “Só não acontece com Angola, com quem andamos desde 2007 a negociar um acordo, e com o Brasil, que não tem dado resposta”, precisou. “Temos recebidos técnicos do *Banco de Cabo-Verde* e do Instituto de Supervisão de Seguros de Angola e estamos a preparar um plano para que técnicos dos bancos de Moçambique e de São Tomé e Príncipe se desloquem a Macau para receber formação”, adiantou.

A *Geocapital – holding* de Stanley Ho e Jorge Ferro Ribeiro, que tem sede em Macau –, em associação com os angolanos do *Banco Privado Atlântico*, já solicitaram à AMCM a criação de uma instituição financeira, vocacionada para a banca de investimentos, projectos de desenvolvimento e gestão de activos e de património.

O *Banco Espírito Santo* (BES) pretende abrir uma sucursal em Hong Kong. “O BES olha muito para a China como uma plataforma de crescimento. Estamos em Macau há 14 anos (*BES Oriente*). Com a aquisição de um banco em Inglaterra, o *Execution Noble*, que já tinha uma licença para operar em Hong Kong, estamos a pedir a transferência dessa licença para o BES”, explicou Ricardo Espírito Santo, líder do banco em Angola e no Brasil. Os bancos portugueses *BCP* e *BES* já assinaram acordos de cooperação com

o *Industrial and Commercial Bank of China* (ICBC) e o *BPI* com o *Bank of China*. A *EDP* assinou um acordo com a *China Power International* (CPI) e a *Portugal Telecom* reforçou a parceria que tem com a chinesa *Huawei*.

Cem mil milhões até 2013

“Hoje em dia, café, caju, vinho e outros produtos famosos provenientes dos países de língua portuguesa são servidos cada vez mais frequentemente na mesa das famílias chinesas”, notou Wen Jiabao, acrescentando que “mercadorias chinesas, sem serem caras, provenientes da China, têm enriquecido os mercados dos países lusófonos”.

E lançou um desafio: atingir trocas comerciais no montante de cem mil milhões de dólares norte-americanos no

A participação da RAEM

Macau vai participar no fundo para o desenvolvimento, que vai ser gerido por Pequim, com a colaboração da RAEM. “Vamos colaborar para o funcionamento do fundo, intervindo com uma pequena verba. Dentro das suas capacidades, o Governo de Macau vai colaborar para o pleno funcionamento desse fundo”, disse Francis Tam. O secretário para a Economia e Finanças revelou que caberá ao Instituto de Promoção do Comércio e do Desenvolvimento (IPIM) coordenar a participação de Macau.

O plano de acção até 2013 aponta ainda que a estrutura de suporte ao Fórum deve sofrer alterações. Para atingir os objectivos traçados “torna-se necessário continuar a aperfeiçoar a estrutura orgânica e as funções do secretariado permanente”. O secretariado permanente deve ter “estatuto legal” na Região Administrativa Especial e reforçar a comunicação com o Grupo dos Chefes de Missão dos Países de Língua Portuguesa, sediado em Pequim.

“Estamos numa época de pós-crise. Todos os países devem estreitar a cooperação e o Fórum é um

prazo de três anos. Até Setembro deste ano, o comércio entre a China e os países lusófonos aumentou 57 por cento, para 68,2 mil milhões de dólares. Quando o Fórum Macau foi criado, em 2003, era apenas de 10 mil milhões de dólares. “A China deseja importar ainda mais e conceder tratamento de taxas alfandegárias zero para a grande maioria das mercadorias importadas dos países de língua portuguesa da Ásia e de África”, referiu.

Segundo dados fornecidos pelo próprio Wen Jiabao, cerca de 700 empresas dos países de língua portuguesa operam na China. A China já investiu nos países lusófonos mil milhões de dólares norteamericanos.

Na sessão inaugural da conferência ministerial, o Primeiro-Ministro recordou o apoio que a China tem

dado aos países lusófonos em vias de desenvolvimento. “Desde a criação do Fórum, a China já forneceu assistência no valor global de 3,56 mil milhões de renminbis a Angola, Cabo Verde, Moçambique e Timor-Leste e cancelou débitos na ordem dos 230 milhões associados a uma linha de crédito governamental sem juros”, salientou. A barragem de Poilão em Cabo Verde, o Estádio Nacional em Moçambique, o Hospital da Amizade na Guiné-Bissau e o edifício dos Gabinetes Governamentais em Timor-Leste foram alguns dos projectos que a China construiu. O líder chinês destacou ainda os esforços realizados na área da formação de recursos humanos: mais de 200 cursos e seminários, que formaram 2100 funcionários e técnicos de países lusófonos (1400, nos últimos três anos). ■

espaço para essa cooperação, porque a ligação não é apenas económica. Há ligações históricas, culturais e linguísticas”, disse o ministro do Comércio da China. Ao falar na cerimónia em que foi assinado o plano de acção até 2013, Chen Deming destacou que “Portugal é um país da União Europeia e a cooperação com Portugal é uma forma de entrar na Europa. O Brasil é o maior país da América do Sul. Cada país tem as suas vantagens e Macau traz benefícios enquanto centro de actividades do Fórum, devido à língua e à cultura, facilitando o contacto entre os países”.

No próximo triénio, deve ser criada uma base de dados sobre oportunidades de investimento e negócios nos países membros, que deve incluir informação em áreas de interesse empresarial, nomeadamente na importação-exportação, as políticas para o aperfeiçoamento do ambiente de investimento, oportunidades sectoriais e projectos de investimento, o âmbito e o grau dos respectivos mercados. Vai ser criado um grupo de trabalho do investimento e o Fórum Macau deverá promover regularmente encontros empresariais e seminários de cooperação financeira. ■



José Sócrates (Portugal)**O papel da comunidade portuguesa de Macau**

“Estou hoje aqui, com muito gosto, para marcar a importância que Portugal atribui ao Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de



Língua Portuguesa. E, ao fazê-lo, marcar igualmente a importância que atribuímos a Macau, como ponte especial, como plataforma única, entre a China e o mundo da Lusofonia, mas também, entre o Oriente e o Ocidente, nomeadamente entre a Europa e a Ásia.

A criação do Fórum, em 2003, concedeu ainda maior relevância política e económica a esta região administrativa especial. O Fórum tem sido, e tem potencial para ser ainda mais, um instrumento eficaz de aprofundamento das relações económicas entre um país em desenvolvimento rápido e consistente, como é a China, e um conjunto de países unidos por laços históricos e uma língua comum e que têm vindo a utilizar cada vez mais esses vínculos especiais para incentivar o desenvolvimento económico e o bem-estar dos seus povos.

O espaço da Lusofonia, que representa uma das línguas mais faladas no Mundo, no qual os empresários portugueses e lusófonos se sentem em casa, é um vector privilegiado desse esforço de internacionalização das nossas economias. Nos últimos cinco anos, as trocas comerciais entre Portugal e os países de Língua Portuguesa aumentaram 75 por cento.

Particularmente no que diz respeito a Macau, as nossas relações são sólidas e

alicerçam-se numa comunidade portuguesa que aqui vive, de forma bem integrada e que contribui de forma activa para o desenvolvimento da região administrativa especial. Mas queremos dinamizar ainda mais as nossas relações, tanto na área económica como na área cultural”. ■

Aires Aly (Moçambique)**Crescimento económico médio de 7%**

“O nosso país tem vindo a alcançar progressos assinaláveis em vários domínios sócio-económicos, fruto do crescimento económico médio de sete por cento,



que registamos nos últimos dez anos, não obstante o efeito nefasto da crise financeira e económica global que tem afectado sobremaneira ainda hoje as nossas economias.

Moçambique testemunhou uma nova dinâmica na sua cooperação com os países participantes no Fórum Macau, em particular com este segmento da República Popular da China, nos domínios da educação e capacitação técnica, saúde, agricultura, infra-estruturas, finanças, comércio, investimentos e empresarial. É nossa firme convicção de que o Plano de Acção para o período de 2010-2013 vai dar um novo impulso e abrir maiores horizontes à nossa cooperação. E, neste longo e importante caminho que temos que percorrer em conjunto, gostaríamos de reiterar a importância da contribuição do sector privado na dinamização das relações económicas e comerciais entre

os nossos países.

De igual forma, gostaríamos de deixar aqui destacada a importância da cooperação bilateral e trilateral, como complemento de relevo deste nosso relacionamento no âmbito do Fórum Macau". ■

Carlos Gomes Júnior (Guiné-Bissau)

Terreno fértil, onde tudo está por fazer

(...) "Apesar da importância do investimento no incremento das relações económicas e comerciais, este ainda não teve o desenvolvimento que as trocas comerciais



tiveram, por isso, teremos de melhorar a legislação e regulamentos relativos ao investimento em cada um dos nossos países, de maneira a que o fluxo de capitais possa circular livremente entre as nossas economias. O fraco investimento deve-se também à falta de um mecanismo de cooperação financeira no próprio fórum. Em 2009 importantes progressos foram realizados na governação da Guiné-Bissau. Espera-se um crescimento económico de 3,3 por cento em 2010, contra 2,9 por cento em 2009, num ambiente de estabilidade de preços, com a inflação inferior a dois por cento.

A última avaliação do Fundo Monetário Internacional, ocorrida em meados de Setembro, deu nota positiva ao desempenho macroeconómico do país, tendo sido destacada a situação muito favorável das Finanças Públicas e do nível da inflação. A Guiné-Bissau é um terreno fértil, onde tudo está por fazer, e é uma terra de oportunidades para os empresários

mais atentos às nossas prioridades de desenvolvimento, que passam pela diversificação da economia, de momento dependente de um único produto, a castanha de caju, quando é bem conhecido o enorme potencial do país noutros sectores, nomeadamente o turismo, a agro-indústria, a pesca, os minérios e o petróleo". ■

Luiz de Mendonça (Brasil)

Novas áreas de cooperação

"O Brasil vê positivamente o Fórum Macau por seu papel na cooperação para o desenvolvimento dos países de língua portuguesa, na África e na Ásia, e para o



acercamento da cooperação entre os países lusófonos e a China. O elo histórico entre o Brasil e os países de língua portuguesa é amplamente conhecido, e está reflectido na constituição da CPLP. Mas nossa história também nos liga fortemente à China, por meio, por exemplo, do comércio e de movimentos migratórios, e pelas influências culturais recíprocas. Macau sempre desempenhou papel de plataforma de ligação entre este grupo de países, e agora o Fórum cria oportunidade de promovermos juntos uma pauta de trabalho em sectores de grande relevância e interesse comum.

(...) O Governo brasileiro vê com interesse a inclusão de novas áreas de cooperação, como educação e saúde. Neste contexto, o Plano de Acção incentiva a ampliação do intercâmbio em diversos sectores e ressalta a importância de promovermos o ensino do português e do

mandarim nos países membros, entre outras metas. De igual importância são as discussões sobre a criação de Fundo de Desenvolvimento, ferramenta que garantiria recursos adequados para a implementação das metas que estamos adoptando.

O Brasil considera significativa a ampliação dos objectivos do Fórum Macau, e continuará prestando sua contribuição, com espírito construtivo, à materialização desses objectivos, com vistas a conferir ao fórum papel cada vez mais relevante na cooperação e no intercâmbio entre os Países de Língua Portuguesa e a República Popular da China". ■

Ramos Horta (Timor-Leste)

Crescimento económico robusto

"Timor-Leste regista, nos últimos três anos, um crescimento económico robusto e uma situação social e política marcadas pela estabilidade. O crescimento económico



tem atingido os 12 por cento ao ano. Os níveis de pobreza reduziram-se em nove por cento por cento nos últimos dois anos. O nosso progresso só é possível devido ao apoio da comunidade internacional e dos parceiros bilaterais.

Macau expressou das mais diversas formas, desde 2000, o seu apoio a Timor-Leste – na compra de equipamentos, no financiamento de quadros timorenses, no acolhimento de jovens estudantes. Universitários timorenses têm tido os estudos – na Universidade de Macau e noutras universidades – financiados com

a atribuição de 25 bolsas de estudo pelo Governo da China e o Executivo de Macau.

O Fórum para a Cooperação beneficiou, com acções de formação, 400 quadros técnicos e profissionais de Timor-Leste. Desde 2003, ano em que teve lugar a 1ª Conferência Ministerial, Timor-Leste tem beneficiado da actividade do Fórum, na Cooperação Económica e Empresarial, Cooperação na área dos Recursos Humanos, Cooperação Intergovernamental e Agrícola, e construção de Infra-Estruturas e captação de investimento directo estrangeiro.

As excelentes relações com o governo central da República Popular da China têm-se aprofundado, quer no plano da ajuda ao desenvolvimento, quer no das relações comerciais.

As trocas comerciais entre a China e Timor-Leste aumentaram significativamente, desde 2008, e ascendem já, no corrente ano, a 24 milhões de dólares". ■

Manuel Inocêncio Sousa (Cabo Verde)

Orgânica e funcionamento do secretariado permanente

(...) "Os resultados encorajadores alcançados entre os nossos Países a nível do comércio, perspectivando aproximar-se de 100 mil milhões até final do corrente ano



(quando em 2003 eram 13,3 mil milhões), convida-nos a ser mais arrojados na prossecução de medidas facilitadoras de promoção de negócios entre as nossas classes empresariais, pois que, só eles

poderão impulsionar a nossa cooperação e parceria a níveis sustentados.

É assim que encaramos com expectativa a criação de um Fundo de financiamento de projectos comuns concretos, que, em estreita articulação com o Grupo de Trabalho de Investimentos, deverá focalizar as suas actividades na promoção de projectos de investimento, de preferência, com efeitos indutores na criação de riqueza e crescimento económico em todos os nossos Países e, com o envolvimento das suas comunidades empresariais, particularmente as PME.

Apraz-nos constatar o reconhecimento colectivo da oportunidade em dar continuidade a recomendação emanada na II Conferência Ministerial em 2006 no sentido do reforço da orgânica e funcionamento do Secretariado Permanente, nomeadamente, conferindo-lhe um estatuto administrativo e legal que propicie e maximize a sua maior visibilidade, operacionalidade e eficácia.

Hoje estamos a viver um momento importante no devir do nosso 'Forum', que, mau grado a adversidade da conjuntura económica e financeira internacional, continuou trilhando o caminho do desenvolvimento, tendo as trocas comerciais em 2008 atingido 77 mil milhões, ultrapassando antecipadamente a meta de 50 mil milhões de dólares definido para o triénio 2006/2009. ■

Abrahão Gourgel (Angola)

Fomento do empresariado privado

“Neste momento o governo angolano debate-se com alguns desafios no campo do desenvolvimento económico,



onde destacamos a necessidade de diversificação da economia, a substituição de importações, a promoção das exportações, o incentivo ao investimento privado e o fomento do empresariado nacional e do emprego.

Com vista a fortalecer a sã concorrência no mercado e aumentar a geração de emprego, o executivo angolano desenvolve uma política de fomento do empresariado privado centrada, por um lado, na promoção das pequenas e médias empresas e, por outro lado, no surgimento de grandes grupos empresariais com participação de empreendedores nacionais.

(...) Angola reitera que os países participantes no Fórum de Macau devem intensificar a cooperação, com base na igualdade, benefícios e vantagens mútuas, através da identificação de necessidades específicas e da definição das melhores formas de prover o seu atendimento, a fim de concretizar o desenvolvimento comum.

Os países participantes no Fórum de Macau, para enfrentarem com sucesso os desafios decorrentes de um mundo cada vez mais globalizado e caracterizado por assimetrias substanciais no plano económico e social, devem fortalecer a cooperação económica e comercial na base dos planos de acção saídos destas conferências ministeriais”. ■

“Os oito irmãos do Fórum estão em fases diferentes de desenvolvimento. É nossa responsabilidade comum ajudar os países lusófonos a atingir um patamar maior de desenvolvimento e a erradicar a pobreza”

Wen Jiabao



O homem que faz o que pode

O arquitecto José Forjaz está em Moçambique há quase 50 anos. Ganhou vários prémios internacionais e é autor de alguns dos principais monumentos de Moçambique. Para ele, a arquitectura tem como primeiro objectivo defender a espécie e a pessoa

TEXTO: MARTA CURTO EM MAPUTO

FOTOS: RICARDO FRANCO

“**C**onhece a história do passarinho?” pergunta o arquitecto José Forjaz, recostado à sua cadeira de *design*, disposta ao longo da longa mesa de madeira, a um fim de tarde de Maputo.

A história conta assim. Vai um boi grande na estrada e encontra um passarinho deitado de pernhas para o ar. “O que estás a fazer, passarinho?”, pergunta o boi. E o passarinho responde: “Ouvir dizer que o céu vai cair. E faço o que posso”.

José Forjaz conta a história a rir. Depois encolhe os ombros, e acrescenta. “Eu sou como o passarinho. Faço o que posso”.

O que mais critica na juventude da arquitectura é o vazio de ideologias. Nem precisavam de ser políticas, mas pelo menos sociais. Chegava uma preocupação, um pensamento, um fio que levasse os jovens arquitectos a verem a profissão não só como um desenho, como um amontoado de cimento, pedra e cal. Mas como um acrescento a uma ideologia social, a um querer que o mundo fosse um sítio melhor. José Forjaz faz o que pode, como o passarinho, em Moçambique. Não é um mecenas, nem um Robin dos bosques. Na arquitectura, tenta que o desenvolvimento susten-

tável seja prioritário. Um edifício pode confundir-se com a natureza, tanto pelo desenho como pelos materiais usados. O desenvolvimento e a ocupação do espaço não precisam de violar nem as pessoas, nem a natureza. José Forjaz faz o que pode, à sua maneira, com uma ideologia antiga de que todos temos o nosso lugar neste mundo e, sobretudo, de que o mundo tem de continuar depois de já não existirmos. A pérola do Índico conheceu-o quando tinha 15 anos. Não veio por querer, mas trazido pelos pais. Já cá estava a família toda, avós, primos. Faltavam eles.



Estátua da Praça OMM



Interior do Monumento aos Heróis Moçambicanos



Assembleia da República - Maputo



Casa de Praia - Ponta do Ouro

Aqui cresceu e se tornou moço. Na idade da adolescência, as experiência têm outro sabor e Moçambique ficou-lhe na pele.

Aos 18 anos foi para a Faculdade de Belas Artes do Porto, em Portugal, conhecida pelas suas ideias vanguardistas e pela intensa vontade de não se ficar pelos dogmas de outros. Mal acabou o curso, voltou homem novo. Foi para a Suazilândia, uma pequena monarquia encastrada entre Moçambique e a África do Sul. Deixou Moçambique e a guerra de lado. De lá, via o seu país a pedir, a querer cada vez mais a independência. E ele, também, a desejar a liberdade.

Quando chegou o dia 25 Junho de 1975, José For-

jaz perguntou aos camaradas moçambicanos se precisavam de ajuda. Eles responderam que sim, que era um país a começar, agradecia-se a presença de todos os homens e mulheres que soubessem fazer.

O Monumento aos Heróis de Moçambique, elevado em 1977, e o projecto da casa de Samora Machel, o primeiro presidente moçambicano, foram feitos – quem diria? – por um português branco. “Eu era visto como pessoa. Uma pessoa válida, experiente e com fortes ligações a Moçambique. Não me viam nem como português, nem como branco”. José Forjaz tinha, na altura, 41 anos. África estava dentro dele há 26.

O conteúdo poético das coisas

A Editorial Caminho, que publicou o livro de Forjaz *Entre o Adobe e o Aço Inox. Ideias e Projectos*, escreve assim: “Toda a sua actividade criativa tem sido sempre orientada no sentido de descobrir a expressão arquitectónica adequada às condições de transformação cultural e equilíbrio ambiental do meio, e nelas encontrar o seu conteúdo poético”.

Como é que um arquitecto encontra o conteúdo poético das coisas? Como o passarinho, como pode.

José Forjaz é um homem que fala pausadamente, pensando nas palavras, nas frases que diz. Sorri quando a pergunta termi-



Caracol - casa onde vive o arquitecto José Forjaz

na, pensa na resposta.

Para Forjaz, a arquitectura assume valores muito diferentes, de acordo com o tipo de encomenda. Mas em todas, há que ter o sentido da preservação da espécie e do respeito pela pessoa.

A maneira como a luz incide sobre uma sala, directa ou indirectamente. A espessura das paredes. Tudo importa, tudo influencia o homem, a mulher, a criança que ali vive, trabalha, estuda, usa o espaço. As formas têm significado, têm simbologia.

No Centro Madre Teresa de Calcutá (2001), os últimos momentos de vida de um doente terminal estão

resguardados da vista das visitas. Naquela sala onde a morte vem com o nome de HIV, nem a luz entra sem ser convidada, mas brilha sem ferir os olhos vazios de vida.

O Parlamento Pan-Africano (2007) é uma bola. Todo o projecto é feito de círculos, como se todos tivessem de dar as mãos, mesmo sem querer, para fazer a imagem geométrica perfeita.

A proposta para o parque de visitantes (2005) do Parque Nacional da Gorongosa, permite ver a fauna no mato, sem ser visto.

É a simplicidade de tudo. Sem grandes brilhos, ou adornos, sem folclore. Só

jogos de luz e perspectiva.

O Monumento a Samora Machel (1999) canta.

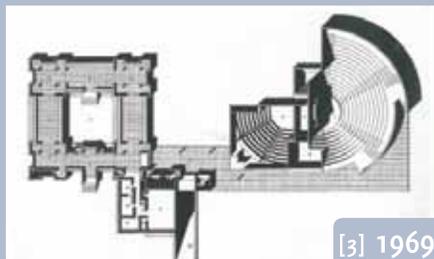
A obra foi erguida no local onde o avião que levava Samora Machel e mais 33 pessoas se despenhou na região montanhosa dos Libombos, em Mbuzini, na República da África do Sul. O monumento é feito de uma plataforma em betão de onde saem 35 tubos de ferro, cada um com cerca de nove metros de altura, com fendas de diferentes tamanhos em diferentes sítios. Sob os tubos existe uma caixa de ar que serve de caixa de ressonância. E com o vento, o monumento murmura o presidente perdido, herói de todos os moçambicanos.



[1] 1960



[2] 1969



[3] 1969



[4] 1972



[5] 1989



[6] 1992



[7] 1998

[1] Casa da Malveira
Malveira da Serra, Portugal, 1960-62

[2] Casa Forjaz
Mbabane, Suazilândia, 1969-70

[3] Swaziland National Centre
Lobamba, Suazilândia, 1969-70

[4] Residências Universitárias
Manzini, 1970-72

[5] Capela Seminário da Matola
Moçambique, 1989-90

[6] Casa Óscar Monteiro
Maputo, Moçambique, 1992-94

[7] Banco de Fomento Exterior
Maputo, 1998

Ainda hoje, é uma das obras que José Forjaz elege como preferida. “Os projectos têm muitos valores e emoções associadas a eles. As nossas emoções, as emoções intrínsecas ao próprio projecto, o próprio conteúdo do projecto e a sua história. Mas se tivesse de dizer quais os que preferi era o Monumento a Samora Machel – que me ficou na memória por ser de uma grande tristeza e valor emocional -, e, por razões completamente diferentes, o Campus da Universidade de Botswana e Lesotho, na Suazilândia.” No campus universitário, José Forjaz teve de pensar em espaços de lazer, residências, estudos, refeitório. “Era como desenhar uma pequena cidade, e organizá-la de maneira a ser confortável, prática e com capacidade para dar qualidade de vida a quem o utilizasse. Eu também era novo na altura, penso que isso também influenciou o meu entusiasmo.” Tinha 40 anos. Hoje tem 73.

O que é bom fazer, e o que dói ver

No currículo, José Forjaz tem dezenas de projectos. O Monumento à Mulher Moçambicana, residências de representantes de organismos internacionais, de embaixadores e até de Chefes de Estado, pólos universitários e culturais. Entre esses desenhos que mudaram a vida de centenas de pessoas estão os trabalhos *pro bono* que José Forjaz faz para instituições de beneficência, simplesmente porque lhe pedem. Porquê? “Porque posso e não me custa nada. A maior dádiva que a humanidade tem é poder responder aos problemas do seu tempo.”

José Forjaz tem fama no país, e no mundo. Já escreveu livros, ganhou prémios internacionais. E ainda assim, presunção não tem nenhuma. Adianta logo que não trabalha sozinho, mas sim, com outros 14 arquitectos. Admite também que, mesmo trabalhando 80 horas semanais, precisaria de outras tantas para ler e estudar tudo o que gostaria.

Hoje em dia, o que mais o entristece é rever algumas das suas obras. Massacradas, desfalcadas, violadas. “Manutenção é uma coisa ainda pouco habitual neste país”. Ainda assim, pelo menos por enquanto, é o seu país. Quando lhe perguntamos se se sente moçambicano, responde que, cada vez mais, é um ci-



José Forjaz aguarda pelo futuro, optimista. E até lá? “Conhece a história do passarinho?” pergunta o arquitecto José Forjaz, recostado à sua cadeira de design, disposta ao longo da longa mesa de madeira, a um fim de tarde de Maputo.

dadão do mundo. Ou seja, onde quer que esteja, só quer é sentir-se bem. Por enquanto, é em Moçambique que ele faz o que pode para que a arquitectura sirva as pessoas, e não para que as pessoas sejam obrigadas a viver os espaços que lhes dão ou que devem ter.

As casas tradicionais moçambicanas são exemplo

disso. São feitas da mesma forma, com os mesmos métodos e materiais, há séculos. Não se muda porque é tradicional, não se muda porque a pobreza é a mesma. As casas tradicionais moçambicanas, que hoje em dia só se encontram nas zonas rurais, são feitas de palha, adobe, trançado vegetal, entre outros materiais na-

turais. Embora o método e os elementos mudem de região para região, a base é a mesma: casas pequenas - com raras ou nenhuma janelas, sempre sem vidros - e folhas - de palmeira ou outras - a fazer de telhado. Embora seja uma arquitectura tradicional, José Forjaz diz que “há obrigação de dizer que as pessoas ha-

Chineses com maior capacidade de realização

JOSÉ FORJAZ acabou de fazer uma obra para a Presidência da República de Moçambique. A construtora era chinesa. E José Forjaz ficou espantado com a diferença. “São muito mais minuciosos, estão sempre em contacto comigo para ver se está tudo a correr bem, muito rápidos. Até agora, foi a melhor empresa com quem trabalhei, com maior capacidade de realização”.

De facto há cada vez mais construtoras chinesas em Moçambique. Entre as suas obras, estão o Centro de Conferências Joaquim Chissano, o Estádio Nacional do Zimpeto (ainda em construção), a Procuradoria Geral da República, entre outros. ■



bitam mal". As casas não têm ventilação, nem iluminação, têm muita humidade, não protegem as pessoas de mosquitos e outros insectos, que podem matar. "E as pessoas pagam o preço com uma mortalidade elevada, com uma esperança de vida na ordem dos 40 anos, com reumatismo, vermes intestinais, malária, etc." Para Forjaz, habitar bem tem parâmetros universais. "Respirar um ar puro dentro de casa, ter espaço suficiente - mais de nove metros quadrados por pessoa -, não ter humidade, proteger do frio no Inverno e do calor no Verão". José Forjaz sabe que não virá um milagre. Cerca de 80 por cento da população moçambicana vive nas zonas rurais e Moçambique ainda é muito pobre. Mas considera criminoso que, num país onde faz sol mais de 300 dias por ano, não se tenha explorado mais os colectores solares nesses sítios recônditos. A electricidade daria muito mais qualidade de vida às pessoas, já que anoitece às 18 horas praticamente o ano inteiro. José Forjaz aguarda pelo futuro, optimista. E até lá? "Conhece a história do passarinho?" pergunta o arquitecto José Forjaz, recostado à sua cadeira de design, disposta ao longo da longa mesa de madeira, a um fim de tarde de Maputo. ■

A photograph of a woman in a gold top and floral skirt dancing at night. She is smiling and has her arms raised. In the background, there are other people and a colorful banner. The scene is illuminated by streetlights, creating a festive atmosphere.

Festival junta falantes de português

SEGUNDO dados do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM), responsáveis pela organização do evento, cerca de 15 mil pessoas passaram pela Avenida da Praia, na zona do Carmo, na Taipa, durante os últimos três dias do Festival da Lusofonia, muitos provenientes de Hong Kong e do Interior.

Uma das novidades do evento foi a realização de uma Feira de Artesanato dos países de língua portuguesa.

O Festival é um evento que atrai a participação das diversas comunidades de língua portuguesa de Macau mas também desperta interesse das comunidades não-lusófonas e de turistas.

O festival inclui a realização de espectáculos musicais e, nos últimos três dias, de diversas iniciativas na zona do Carmo, incluindo a presença de tendas dos diversos países de língua portuguesa. ■



FOTO: Miguel Senna Fernandes



Celebrados os 61 anos da RPC

UMA RECEPÇÃO promovida pelo Governo da Região Administrativa Especial de Macau assinalou a passagem do 61º aniversário da fundação da República Popular da China.

A cerimónia contou com a presença de Bai Zhijian, director do Gabinete de Ligação do Governo Central na RAEM, Edmund Ho, vice-presidente da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, Lu Shumin, comissário do Comissariado do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Popular da China na RAEM, Zhu Qingsheng, comandante da Guarnição do Exército de Libertação do Povo Chinês em Macau, Ho Iat Seng, presidente substituto da Assembleia Legislativa, Sam Hou Fai, presidente do Tribunal de Última Instância, e outras personalidades dos diversos quadrantes da sociedade, num total de cerca de mil convidados. ■

Henrique de Senna Fernandes

MORREU, a 4 de Outubro, o escritor e advogado macaense Henrique de Senna Fernandes, com 86 anos de idade.

O assunto dominou as edições de 5 de Outubro dos jornais de língua portuguesa publicados em Macau, que recordaram a sua vida e a sua obra.

O Instituto Cultural emitiu uma nota à imprensa em que afirma que os livros do escritor “constituem uma importante herança cultural de Macau”.

Leia nesta edição da revista Macau um artigo sobre Henrique de Senna Fernandes e uma entrevista a Luís Filipe Rocha, realizador do filme *Amor e Dedinhos de Pé*, baseado na obra homónima do autor macaense. ■



Novo ano judiciário com discursos variados

A SESSÃO solene da Abertura do Ano Judiciário teve lugar no Centro Cultural com a presença do Chefe do Executivo e as mais altas individualidades do aparelho judiciário da Região. Na sessão solene, Chui Sai On sublinhou que “a independência do poder judicial é a base fundamental da concretização da autonomia da RAEM” e que “os nossos órgãos judiciais concretizaram o sublime princípio do Primado da Lei, exercendo com independência o poder judicial e as funções jurisdicionais, viabilizando um sistema de Justiça próprio da RAEM, correspondente à realidade local”. Discursaram na mesma cerimónia o pre-

sidente do Tribunal de Última Instância, Sam Hou Fai, o Procurador da RAEM, Ho Chio Meng, e o presidente da Associação dos Advogados, Jorge Neto Valente, que expressaram diferentes, e por vezes divergentes, pontos de vista sobre a situação actual do aparelho judiciário. Questões ligadas à simplificação dos meios processuais, a eventual adopção em Macau de mecanismos típicos da *common law* e a melhoria, a curto prazo, da eficiência do sistema judicial foram temas abordados, tendo sido igualmente destacada a necessidade do reforço do espírito próprio da cultura jurídica local. ■

Lusofonia em cinema

FERNANDO ELOY foi o autor de “O Restaurante” documentário apresentado no dia 6 de Outubro no Clube Militar. Parte da série Doc-TV, um conjunto de nove documentários que pretende dar a conhecer os nove países lusófonos, “Restaurante” pretende mostrar como as diferentes comunidades e culturas conseguem co-habitar no espaço reduzido da RAEM e de como as suas vidas acabam, inevitavelmente, por se cruzar.

“Nos Trilhos culturais da Angola Contemporânea” de Miguel Grangeia, “Exterior” (Brasil) de Matias Mariani, “Eugénio Tavares ‘Coração Crioulo’” (Cabo Verde) de Júlio Silvão Tavares, “O Rio

da Verdade” (Guiné-Bissau) de Domingos Sanca, Timbila e Marimba Chope (Moçambique) de Aldino Languana, “Li Ké Terra” (Portugal) de Filipa Reis, “Tchiloli ‘identidade de um povo’ ” (São Tomé e Príncipe) de Felisberto Branco e finalmente “Uma Lulik” (Timor) de Victor de Souza, são os outros títulos da série que passa todos os Domingos às 9:30 na TDM. ■





MIF foi destino de investidores

REALIZOU-SE entre os dias 21 e 24 de Outubro a 15ª Feira Internacional de Macau (MIF – Macao International Trade and Investment Fair), com a participação de 1400 stands, o que representa um aumento de 30 por cento, em comparação com a edição de 2009. O evento teve lugar no resort *The Venetian Macao*, situado no Cotai, a zona de aterros entre as ilhas da Taipa e Coloane.

O número de visitantes foi superior a 80

mil, tendo-se realizado 1151 bolsas de contactos e sido assinados 62 protocolos. Pela primeira vez a feira contou com a presença de um Pavilhão Criativo, que juntou 21 associações e instituições culturais. O pavilhão foi uma iniciativa do Instituto Cultural.

A MIF é organizada pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM). A próxima edição da MIF, em 2011, decorrerá entre os dias 20 e 23 de Outubro. ■

Recolha de opiniões para revisão de leis

O GABINETE de Comunicação Social (GCS) anunciou que vai ser lançado um concurso público para realização de sondagens sobre os trabalhos de revisão da Lei de Imprensa e da Lei Radiodifusão. O director do GCS, Victor Chan, afirmou, num encontro com os jornalistas, que se pretende seleccionar uma instituição académica

ou da especialidade com capacidade profissional e experiências adequadas para recolher as opiniões e sugestões da comunicação social e dos demais sectores da sociedade sobre a revisão das duas leis.

Victor Chan disse ainda que o Governo da RAEM vai levar, pelo menos, dois anos para concluir os trabalhos de revisão das leis e que, caso a sociedade necessite de uma discussão mais aprofundada, as autoridades irão certamente ter isso em conta. ■

Vinhos de Portugal querem mercado chinês



MACAU como “porta de entrada” de produtos portugueses no mercado chinês foi o mote para um memorando de entendimento assinado entre a Direcção dos Serviços de Economia (DSE) e institutos portugueses do vinho.

O documento, assinado na residência consular portuguesa em Macau na presença do ministro da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas, António Serrano, foi rubricado pelo director da DSE, Sou Tim Peng, pelo presidente do Instituto do Vinho do Douro e do Porto, Luciano Vilhena, e pela vice-presidente do Instituto da Vinha e do Vinho, Edite Azenha. ■

Terminou a Expo 2010

TERMINOU a 31 de Outubro a Exposição Mundial de Xangai (Expo 2010). Considerada a maior Expo de sempre, o evento, que abriu portas a 1 de Maio, registou dimensões nunca dantes alcançadas, com a participação de 189 países e um número de visitantes que ultrapassou os 73 milhões.

A Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) e os países de língua portuguesa marcaram a sua presença, ou através de pavilhões próprios ou integrados no pavilhão colectivo de África.

Alguns destes pavilhões foram distinguidos com prémios que destacaram diversos aspectos.

O *Bureau International des Expositions* (BIE), que é a comissão responsável pelas linhas orientadoras das exposições mundiais, classificou o *design* do pavilhão de Portugal como o melhor no grupo dos que foram alugados, isto é, não foram construídos de raiz.

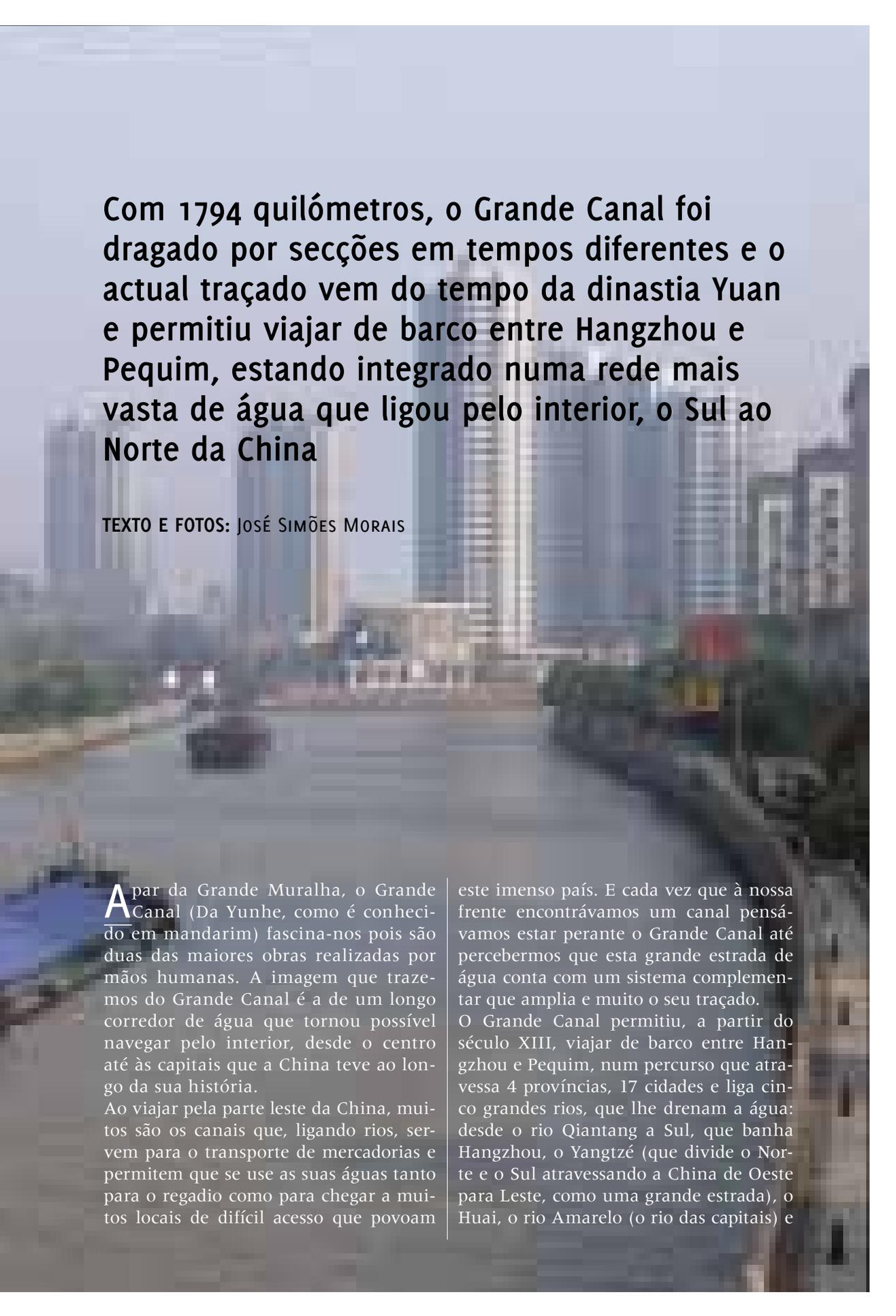
Por seu turno, a bancada de Cabo Verde, integrada no pavilhão colectivo de África, alcançou a medalha de bronze, atribuída pelo BIE, na categoria “desenvolvimento do tema”.

Finalmente o pavilhão de Macau, que registou uma media diária de nove mil visitantes, ganhou o prestigiado prémio alemão *Red Dot*, na categoria de comunicação, pela “ideia inovadora e a excelente correspondência entre o interior [do pavilhão] e a expressão de conteúdos e de mensagens”. ■





Viagens pelo **Grande Canal**



Com 1794 quilómetros, o Grande Canal foi dragado por secções em tempos diferentes e o actual traçado vem do tempo da dinastia Yuan e permitiu viajar de barco entre Hangzhou e Pequim, estando integrado numa rede mais vasta de água que ligou pelo interior, o Sul ao Norte da China

TEXTO E FOTOS: JOSÉ SIMÕES MORAIS

A par da Grande Muralha, o Grande Canal (Da Yunhe, como é conhecido em mandarim) fascina-nos pois são duas das maiores obras realizadas por mãos humanas. A imagem que trazemos do Grande Canal é a de um longo corredor de água que tornou possível navegar pelo interior, desde o centro até às capitais que a China teve ao longo da sua história.

Ao viajar pela parte leste da China, muitos são os canais que, ligando rios, servem para o transporte de mercadorias e permitem que se use as suas águas tanto para o regadio como para chegar a muitos locais de difícil acesso que povoam

este imenso país. E cada vez que à nossa frente encontrávamos um canal pensávamos estar perante o Grande Canal até percebermos que esta grande estrada de água conta com um sistema complementar que amplia e muito o seu traçado.

O Grande Canal permitiu, a partir do século XIII, viajar de barco entre Hangzhou e Pequim, num percurso que atravessa 4 províncias, 17 cidades e liga cinco grandes rios, que lhe drenam a água: desde o rio Qiantang a Sul, que banha Hangzhou, o Yangtzé (que divide o Norte e o Sul atravessando a China de Oeste para Leste, como uma grande estrada), o Huai, o rio Amarelo (o rio das capitais) e



Gravura ilustrando a queda da ponte Tingsiqiao (Museu do Grande Canal Hangzhou)

o rio Hai.

A motivação para viajar por esta via ganhou forma com uma notícia do jornal *China Daily*. Contava esta que, na primeira semana de Setembro de 2004, um raro congestionamento de barcos ocorreu no Grande Canal na zona de Suzhou. Um comboio de barcos, para não colidir com outra embarcação, foi embater num dos pilares da ponte Tingsiqiao, que caiu. Com o desmoronamento desta ponte, de 80 metros de comprimento e cinco de largura, milhares de barcos ficaram impedidos de continuar o seu percurso. Foi a partir daí que procurámos mais informações sobre o Grande Canal. (ver caixa)

Se há 2700 anos, no Período da Primavera-Ou-

tono, os diferentes reinos começaram a dragar pequenos canais ligando rios, com fins militares e económicos, o projecto de criar uma via privilegiada paralela ao litoral, pelo interior da China, apareceu durante a dinastia Sui, no início do século VII. Desde então, com os mesmos objectivos, acrescidos com o de transportar os alimentos produzidos nos vales férteis de Jiangnan (sul do rio Yangtzé) até às capitais das diferentes dinastias, o Grande Canal foi sendo ampliado e, por isso, o seu curso por vezes mudado.

Quem maior incremento deu a esta vasta estrada de água, o Grande Canal, foi o imperador Sui, Yangdi, que da sua capital de Leste, Luoyang, navegou

por três vezes em magistrais e extensos cortejos, com dois barcos-dragão de vários andares e muitos, mesmo muitos, barcos, que com ele seguiram até Yangzhou. O barco era um palácio flutuante com telhado em cristal de onde pendiam lanternas e as colunas eram gravadas com dragões dourados.

Marco Polo, como mandarim oficial de Kublai Khan, o primeiro imperador mongol da dinastia Yuan, partiu de Pequim e viajou pelo Grande Canal até Yangzhou, onde foi governador. A embaixada de Manuel de Saldanha a Pequim teve lugar em 1670, com partes do trajecto percorrido pelo Grande Canal. Os padres jesuítas foram esperar Manuel de Saldanha a Tianjin para,





Entrada do museu do Grande Canal Hangzhou

com o embaixador português, fazerem o último percurso do Grande Canal até Pequim, enquanto lhe ensinavam as regras do cerimonial chinês para ser recebido pelo imperador da dinastia Qing, Kangxi (1661-1722).

Outro registo de uma viagem pelo Grande Canal fala do regresso de Pequim até Macau da primeira embaixada diplomática britânica liderada pelo Lorde Macartney, que ocorreu entre 1793 a 1794. Dos 3000 quilómetros de distância entre as duas cidades apenas uma centena foi por terra e demorou três meses, tendo usado o Grande Canal e os rios que, daí para sul, as ligavam. Meio século depois, esta estrada de água colapsou.

Por outro lado, devido ao desvio para Norte do curso do rio Amarelo em 1855 e à sedimentação do canal pelas areias dos rios, a parte do Grande Canal na região de Shandong ficou desactivada. Com o aparecimento do comboio, outras partes do Grande Canal foram entulhando, fechando assim muitos dos canais.

Mais tarde, com a nova abertura do país ao turismo, realizada a partir de 1978, cresceu novamente o interesse pela exploração desta grande obra de engenharia. Como muito do antigo traçado do Grande Canal estava intransitável, alguns novos canais foram abertos e outros desentulhados.

Em 1981 foi criada pelas entidades turísticas de

Wuxi uma viagem entre Suzhou e Yangzhou e outra, desde o lago Tai, até Hangzhou. O barco colocado à disposição do turismo era uma réplica fiel do barco-dragão do imperador Sui, Yangdi. Nos finais dos anos 90, as viagens fazem-se entre Hangzhou e Suzhou e daí até Wuxi e os barcos são já normais barcos de passageiros, com dois andares. Depois, no segundo ou terceiro ano após o início deste século, a viagem deixou de se fazer para Wuxi e apenas se realizava entre Hangzhou e Suzhou, tendo sido interrompida no ano 2007. Creemos nós para ser reestruturada e colocar novos barcos, mais bem preparados para os tempos que correm e aproveitar as belezas e a História do Grande Canal.

De barco por Jiangnan

Resolvemos começar em Hangzhou, onde durante 1400 anos o Grande Canal terminava. Chegamos à praça central Wulin, o antigo cais terminal do Grande Canal, onde sabemos sair todos os dias um barco para Suzhou. Compramos para o dia seguinte o bilhete de uma cama, num compartimento de dois beliches já que os para as cabinas de duas camas estão esgotados.

Pedem para chegarmos às cinco da tarde, meia hora antes da partida. Quinze minutos depois da hora estamos a navegar pelas águas do Grande Canal. O atraso deve-se ao arrumar as bicicletas no barco do grupo de cicloturismo.

A viagem é feita à noite pela região conhecida por Jiangnan, que atravessa

as terras a sul do rio Yangtzé e que dá também o nome ao canal com 85 quilómetros de comprimento construído na dinastia Qin. Partindo de Hangzhou, passa Huzhou e Tongxiang e, saindo da província de Zhejiang, entra na de Jiangsu onde, em Suzhou, terminará a nossa viagem. Mas o Canal Jiangnan segue por Wuxi, Changzhou e em Zhenjiang encontra-se com o rio Yangtzé.

A noite cai em Hangzhou quando cruzamos a ponte Gongzhen, toda de pedra com três arcos, construída em 1631. Um barco de passageiros passa transportando apenas uma pessoa, o que não é de estranhar já que a neblina e o choviscar durante toda a tarde retira o prazer da viagem.

Os choupos enfileirados ao longo das margens empedradas são subitamente



iluminados pelas lanternas vermelhas de um restaurante que, à borda da água e com estilo antigo, espera clientes. A beleza da paisagem talvez apenas se deva às sombras da noite.

O trânsito de barcos é intenso e todos são de carga, alguns grandes, onde cabem contentores, outros transportando areia, carvão ou toros de madeira. O barco com o casco plano e a proa em U, navega a rasar a borda de água. Na popa do barco, é no topo da cabina-habituação que se encontram as luzes de sinalização, com a verde no lado direito e, no esquerdo, a vermelha, deixando às escuras toda a parte da frente. Antes de se cruzarem com outros barcos, uns em sentido contrário, outros para serem ultrapassados, acendem um holofote para avisar e visualizar o tamanho

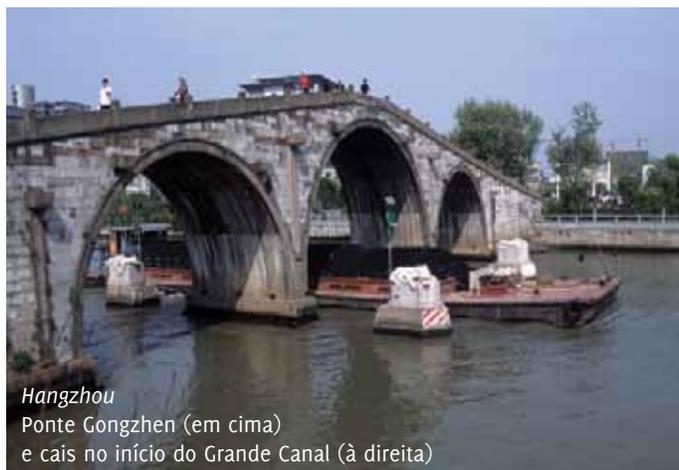
da embarcação.

Junto a um desvio do canal, uma bomba de gásóleo na margem espera para reabastecer de combustível quem por aqui passa. As águas transportam detritos de esfervite e ramos de árvores. De vez em quando, uma fábrica nas margens tem o seu cais fazendo proveito desta via privilegiada de transporte.

O tamanho em largura do canal vai variando e por vezes permite que quatro barcos cruzem ao mesmo tempo, mas noutros locais a passagem de dois já é apertada.

Cruzamos com um comboio de barcos puxado por um rebocador, onde se situam as cabinas dos trabalhadores, levando atrelados dez longos barcos contentores. Um ligeiro toque no nosso barco faz-se sentir.





Hangzhou
Ponte Gongzhen (em cima)
e cais no início do Grande Canal (à direita)



Se nas primeiras duas horas de viagem o buzinar é constante, depois apenas solta um estridente som ao passar por um conjunto de casas e quando se cruza com o da companhia que faz o trajecto em sentido inverso.

O barco onde viajamos tem dois andares e aproximadamente vinte cabinas, com quartos de banho comuns, a cozinha e um pequeno salão, onde são tomadas as refeições, jantar e pequeno-almoço.

Adormecemos, não sem antes sentirmos mais um toque entre embarcações e, desta vez, a pancada é mais forte.

Chegamos de manhã cedo ao destino, após mais de nove horas de viagem. Às 5h30 o barco aporta na parte sudoeste de Suzhou, junto à ponte do Precioso Cintro (Baodai Qiao) mas só nos é permitida a saída às 6h30. Dois autocarros esperam para nos levar para dentro do centro da cidade. Baodai Qiao é considerada uma das pontes mais representativas da China

e tem esse nome pois foi à custa da venda de um valioso cinto de Wang Zhongshu, governador de Suzhou durante a dinastia Tang, que esta foi construída, entre 816 e 819. Com uma extensão de 317 metros, conta com 53 arcos, tendo três dos arcos abertura suficiente para permitir que os barcos passassem para o Grande Canal. O resto da ponte servia como cais, já que ficava ao nível das embarcações que aí acostavam e facilmente descarregavam as mercadorias.

Continuamos a viagem, agora por terra, pela zona de Jiangnan. Vamos a Wuxi, que vive espartilhada por canais que a enchem de vida. Se na primeira vez que por aí passámos a confusão era grande, com um grande número de barcos em segunda e terceira filas, o que permite adivinhar que muitos deles já dali não saem há muito tempo, servindo simplesmente de habitação a famílias numerosas, o canal está

actualmente limpo dessas embarcações. Por um dos extremos da cidade encontramos um extenso lago de água doce, Taihe, local de boas pescarias e onde, nas margens, crescem o arroz e os citrinos que inundam os mercados da cidade. É pelo lago Tai (Taihe) que os barcos chegam até muito próximo de Suzhou.

Seguimos para Changzhou, onde visitamos Yang Cheng, local onde se pode ver o que era uma povoação no tempo da dinastia Zhou. Em Zhenjiang chegamos ao rio Yangtzé e, atravessando-o pela nova ponte, encontramos-nos em Yangzhou. Impossibilitados de percorrer de barco o Grande Canal, desde o rio Yangtzé (Changjiang) até Pequim, preparamo-nos para visitar as povoações ao longo do seu percurso.

Ao longo do Grande Canal

Recomeçamos a nossa viagem para norte do rio Yangtzé (Changjiang), na



Suzhou
Ponte Baodai



Quotidiano
no Grande Canal

cidade de Yangzhou, construída no início do século V a.C. pelo rei Fuchai, do estado Wu, ao mesmo tempo que abriu o Canal Hangou, para atacar o reino Qi. Este tornou-se a mais antiga secção do Grande Canal e liga o rio Yangtzé ao Huaihe. Em viagem para norte, o autocarro passa por Jiangdu e vai ao longo do lago Gaoyou, seguindo por Gaoyou e Baoying para chegar a Huai'an. São 200 quilómetros com a estrada a seguir ao longo do Grande Canal.

A partir de Huai'an vamos a Chuzhou, que dista 20 quilómetros. Chuzhou é, a partir de 2000, o novo nome da antiga povoação de Huai'na, que, até ao século XIX, era um importante pólo a nível regional, devido à sua localização no Grande Canal.

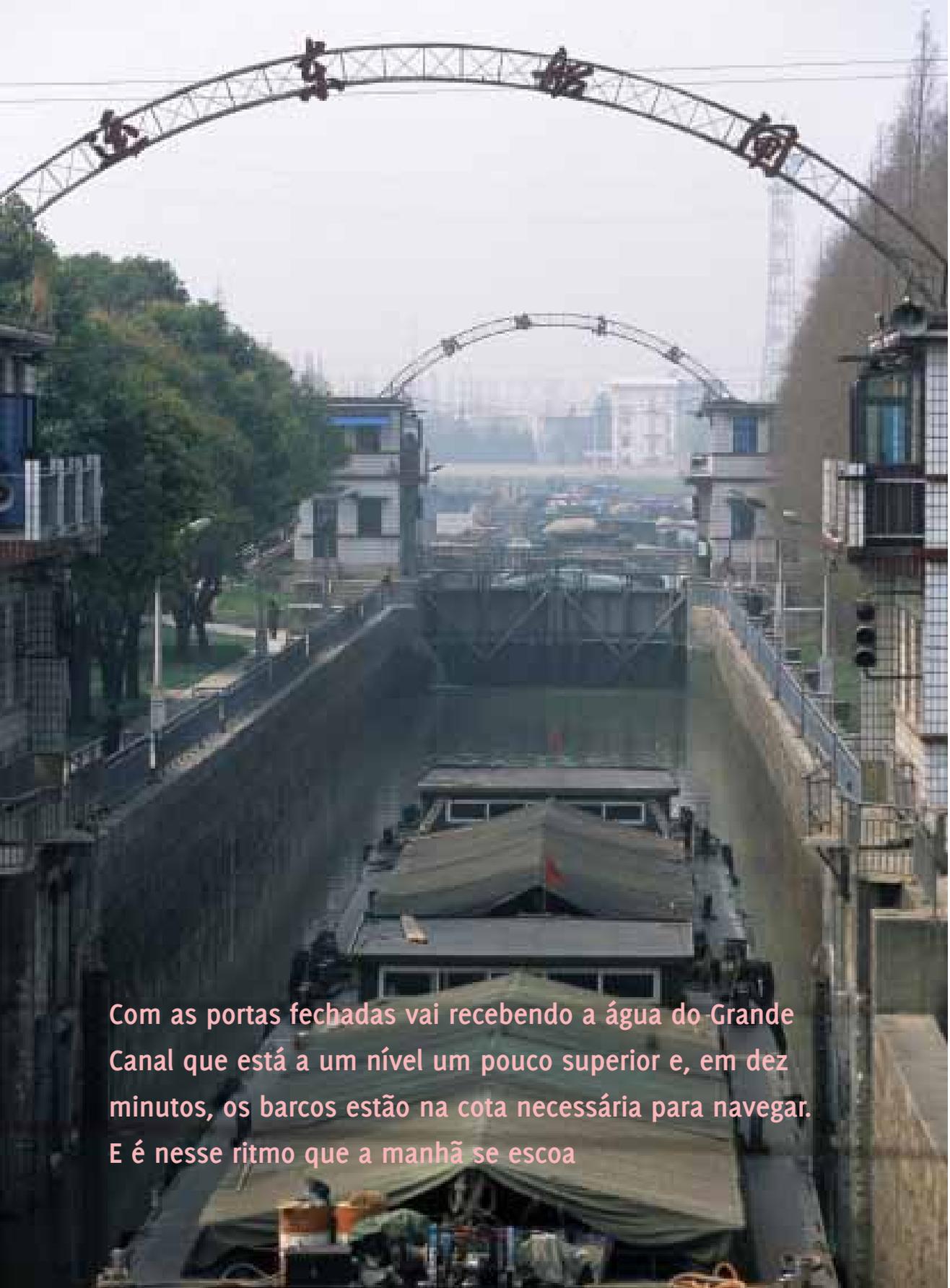
Visitamos o Museu Memorial de Zhou Enlai e daí seguimos para a casa-memorial de Wu Cheng'en, o autor do livro "Peregrinação para Oeste". Visitamos o templo tauista da cidade

e seguimos para a parte norte, onde, junto à casa museu de Wu Cheng'en, encontramos a antiga cidade de He Xia. Era um antigo local onde passava o Grande Canal e havia um armazém para guardar os produtos que circulavam por esta grande via, assim como um posto alfandegário onde era paga a passagem dos barcos. O transporte de sal fora durante muito tempo um grande negócio por estas paragens. Depois vamos à entrada sul de Chuzhou, por onde tínhamos passado dias antes e visto a estação de elevação de águas de Jiaoling que, para além de servir para precaver as cheias, produz também energia eléctrica.

Um pouco mais à frente, encontramos a comporta 10, que liga o Grande Canal ao canal que segue para Yancheng. Ela está momentaneamente obstruída, já que o número de barcos em fila formam um comboio que se estende até para além de uma das portas da comporta e

interrompe o trânsito que se aglomera em ambos os lados. Esperam um rebocador para continuar. À força de braços e com ajuda de longas canas de bambu e cordas, as manobras permitem puxar os barcos mais para a frente e assim fica livre a passagem para quatro barcos de duas toneladas, mas com os contentores vazios, entrarem para a comporta. Com as portas fechadas vai recebendo a água do Grande Canal que está a um nível um pouco superior e, em dez minutos, os barcos estão na cota necessária para navegar por entre a série de barcos mais pequenos que se preparam para se juntar aos outros no canal de Yancheng. E é nesse ritmo que a manhã se escoia.

Seguimos para Xuzhou, despertados por uma notícia de jornal que nos informa sobre a vontade da cidade de construir um museu do Grande Canal. Num lugar habitado desde o segundo milénio a.C. foi fundada a cidade de



Com as portas fechadas vai recebendo a água do Grande Canal que está a um nível um pouco superior e, em dez minutos, os barcos estão na cota necessária para navegar. E é nesse ritmo que a manhã se esco



Pengcheng pelo reino Chu, no século III a.C.. Esse era o antigo nome de Xuzhou, onde nasceu Liu Bang, que em 206 a.C. se tornou o primeiro imperador Han, com o nome de Gao Zu (206-195 a.C.). E é a partir daí que Xuzhou ganha um estatuto que a eleva a segunda mais importante cidade chinesa, só atrás de Chang'an (actual Xian), a capital. Por isso visitamos o Museu de Terracota da Dinastia Han, que revela os privilégios dados à cidade durante esse período. Nas primeiras décadas do século XX Xuzhou foi palco de muitos confrontos, já que se situava num ponto estratégico. Aí os japoneses perderam dez mil soldados

e muitos tanques de guerra.

É na cidade de Jining, já na província de Shandong, que actualmente termina a navegabilidade do Grande Canal. Os barcos estacionados pelos canais vão sendo carregados de carvão e areia para, numa viagem de dias, serem transportados para sul, podendo navegar até Ningbo. Em 2005, o Grande Canal foi prolongado desde Hangzhou até Ningpo, adicionando-lhe assim mais 252 quilómetros.

Entre Jining e Liaocheng, o Grande Canal cruza com o rio Amarelo (Huang He). Depois de Liaocheng, com as águas do Grande Canal a envolver a parte antiga



Rio Amarelo (em cima) e comporta a sul de Chuzhou (à esquerda)

da povoação, passamos por Linqing e Dezhou, onde o Canal conta apenas com um fio de água. Já em Hebei, Cangzhou, o Grande Canal seguia para as municipalidades de Tianjin e Pequim. Esta última secção do Grande Canal foi obra do engenho de Guo Shoujing que, em 1292, pelo Canal Tongxian, ligou a capital ao rio Hai, que atravessa a cidade de Tianjin e atinge o mar em Tanggu.

Chegados a Pequim, procuramos o início do Grande Canal. As águas que alimentam o Grande Canal no seu primeiro lanço nascem nas nascentes de Baifu, a norte de Pequim e depois vão até ao Lago Kunming, no Palácio de Verão, e daí passam ao parque de Behai. Circulam em torno do Palácio Imperial e, por pequenos canais, seguem pelo sul da cidade. É por trás da estação central de caminhos-de-ferro que entram no canal Tonghui.

O Museu do Grande Canal

Em 2007 fomos visitar o Museu do Grande Canal



Mural à entrada do Museu do Grande Canal

em Hangzhou, mas encontrámo-lo fechado por três dias. Só anos mais tarde, quando aí voltámos, soubemos que faltavam apenas três dias para ser inaugurado.

Preparamo-nos para repetir a viagem de barco no Grande Canal, mas ao chegar ao cais, este está a ser demolido. Os barcos que faziam tal viagem aí continuam ancorados, mas esta agora está suspensa por período indeterminado. Depois apercebendo-nos da movimentação que no cais ao lado se regista, com pessoas à espera e resolvemos indagar. Ficamos a saber da abertura de uma carreira de barco, que, numa curta viagem de dez minutos para jusante, encosta por breves momentos no cais de embarque de Nanxingqiao, um pouco antes de chegar ao

templo Sanlang, próximo do terminal sul de autocarros, para voltar ao cais de onde tinha partido. Na viagem passa-se por uma das comportas dos canais da cidade que, apesar de fechada, deixa escorrer água para o Grande Canal e por uma ponte com três arcos e cobertura com um telhado de madeira, que a torna um lugar atraente. Também por cinco yuan, navegamos pelas águas do Grande Canal e somos levados até à ponte de três arcos, Gongchen, construída em 1631, que se encontra junto à praça onde está o museu do Grande Canal. E é assim que voltamos para visitar esse excelente museu, onde foi criado um novo pólo turístico à cidade de Hangzhou. No museu estão expostas miniaturas de barcos, as viagens marítimas ao longo dos séculos

e os séculos de construção do Grande Canal, os seus patrocinadores e o modo como foram resolvidos os obstáculos que se apresentaram para fazer desta via uma ligação directa entre a capital do Norte e o resto da China.

Voltamos de barco à praça central de Hangzhou. Wulin terá sido a principal praça da cidade, pois era o local do mercado e do cais terminal do Grande Canal, onde eram descarregadas as mercadorias vindas do Norte, como peles e carvão. Em sentido inverso partiam barcos carregados com cereais e arroz. Na dinastia Xia este lugar tinha o nome Yuhang, pois foi onde de barco (=hang) chegou DaYu, o primeiro imperador da dinastia Xia, escolhido por conseguir controlar as inundações através da abertura de canais. ■

Novos projectos

A IDEIA do Presidente Mao Zedong em transferir água do caudaloso rio Yangtzé para o Norte da China, que se debate com problemas de seca, é de 1952. O primeiro-ministro Zhou Enlai patrocinou o projecto para desviar a água do rio Yangtzé a partir de Jiangdu, próximo de Yangzhou e transferi-la para o rio Amarelo e o Haihe (que banha Tianjin), permitindo que barcos de grande porte passassem a poder usar de novo o antigo Canal. O Grande Canal entre Xuzhou e Yangzhou foi dragado e desde 1958 ficou navegável e a partir dos anos 80 do século XX o Grande Canal está navegável até Jining, tendo sido recuperado

para aproveitar uma das grandes obras realizadas pelo Homem. Desde 1977, a estação de elevação de Jiangdu, próximo de Yangzhou para além de fornecer energia eléctrica, serve a irrigação e tem cinco comportas para a navegação. O governo de Jiangsu no início do nosso século procedeu à desobstrução do canal que atravessa a província, retirando milhares de pequenas embarcações antigas, muitas delas ancoradas há dezenas de anos que aí apodreciam e alojou em terra as poucas famílias que ainda habitavam nos barcos. Este projecto é parte de um mega projecto que consta ainda abrir um canal no

curso superior do rio Yangtzé para fazer a transferência de água potável para as cidades do Norte da China. Está projectado para começar em 2010 e espera-se que esteja concluído em 2050. Outra parte do projecto refere-se no captar a água do curso médio do rio Yangtzé, servindo para alimentar o rio Amarelo que por vezes se encontra quase sem água, permitindo o regadio dos vales entre os dois rios. Assim, quando este grande projecto estiver concluído a China terá três grandes canais a ligar o Sul com o Norte e outros tantos rios que correm desde o Oeste para o Leste do país, criando uma vastíssima estrada de água. ■



História do Grande Canal

Ainda na dinastia Qin dá-se início à construção do canal Jiangnan, com 85 quilômetros de comprimento. Começando no rio Yangtzé, vai para Sul até Suzhou. Assim ficaram ligados três rios e cinco lagos

O Grande Canal foi dragado por secções em tempos diferentes e o traçado que hoje temos dele remonta à dinastia Yuan e conta com sete partes, as secções dos canais. Começando em Pequim, o canal Tonghui terminava em Tongzhou e, daí a Tianjin, era conhecido como o canal Norte. O canal Sul partindo de Tianjin atravessa a Província de Hebei até Linqing. Já na Província de Shangdong, a secção do Grande Canal conhecida como Huitong vai até Jijing.

Seguindo para Sudeste, entre Jining e Xuzhou, já na Província de Jiangsu, é o canal Jiahe. Entre Xuzhou e Huai'na é o canal Central que acaba no rio Huai (Huaihe). A seguir vêm o canal mais antigo, o canal Interior, entre o rio Huai e o rio Yangtzé e, por fim, o canal Jiangnan, a sul do rio Yangtzé, que chega a Hangzhou, já na Província de Zhejiang.

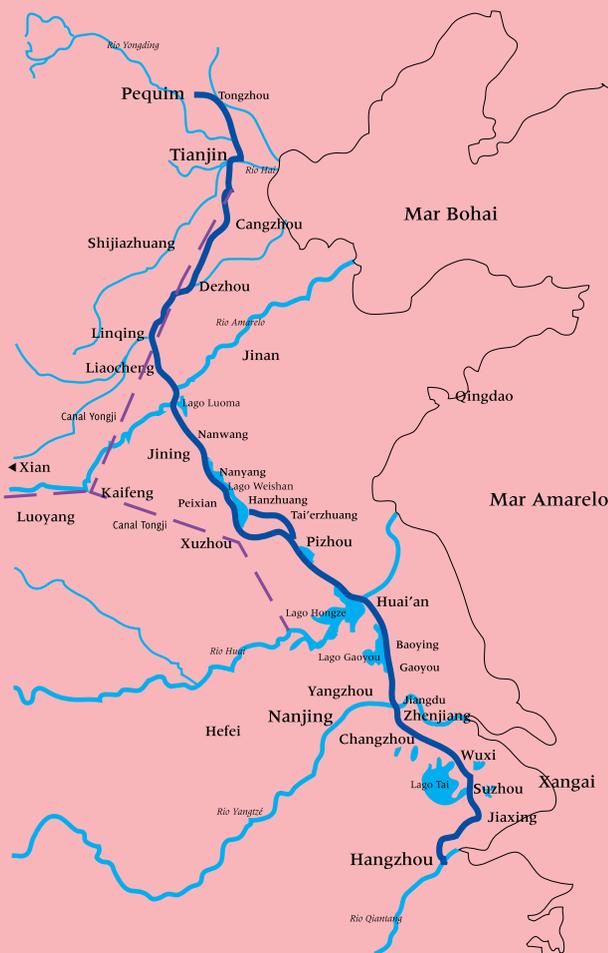
Mas o Grande Canal nem sempre teve este trajecto construído no século XIII e que aproveitou partes dos dois grandes canais rasgados no século VII para ligar Luoyang ao Sul, pelo canal Tongji e para Norte, seguia o Canal Yongji até Zhouxian. O canal Tongji usou uma das secções mais antigas, o canal Hangou, feita no século V a.C. e partes do troço para Sul do Yangtzé até ao lago Tai, e que mais tarde será o canal Jiangnan.

O dragar dos canais

Os enormes rios que atravessam a China de Oeste para Leste devem ter despertado na imaginação dos seus habitantes a vontade de tirar proveito deste enorme recurso. E é pelo grande historiador chinês Sima Qian (145 a.C.-87 a.C.), no livro *Shi Ji*, escrito durante a dinastia Han do Oeste (206 a.C.-25 a.C.), em que, no capítulo sobre rios e canais, se lê estar a haver uma intensa construção em torno dos rios Yangtzé, Huaihe e Huanghe (rio Amarelo). O Estado Chu abriu (nos finais do século VII a.C.) um canal situado entre os rios Yangtzé e Huai e o reino Wu construiu um outro canal entre os mesmos rios.

Em 361 a.C. o reino de Wei abriu outro canal denominado Bianqu. Este canal seguia

O Grande Canal ao longo do tempo



■ Grande Canal séc XIII

— Grande Canal séc. VII



para leste, a partir de Kaifeng, quando o rio Amarelo virava nordeste, e chegava a Xuzhou.

Em 221 a.C. o imperador Qin Shihuang, abrindo o canal Ling, com 34 quilómetros de comprimento, ligou o rio Yangtzé ao rio das Pérolas, estabelecendo uma estrada de água que ligava o sul da China com o norte, passando assim a ser possível navegar entre aqueles dois rios.

Ainda na dinastia Qin dá-se início à construção do canal Jiangnan, com 85 quilómetros de comprimento. Começando no rio Yangtzé, vai para Sul até Suzhou. Assim ficaram ligados três rios e cinco lagos.

Na dinastia Han do Oeste foi dragado o canal Chaoqu, entre Luoyang e Chang'an (Xian), para facilitar o transporte da corte. E é entre esta dinastia e a dinastia Sui que muitos outros canais são rasgados e comportas construídas, criando uma rede fluvial que substituiu a viária onde era possível, promovendo a comunicação entre áreas até então separadas. Esse uso constante da água dos rios proporcionava uma via mais fácil de transporte, permitindo fugir ao terreno montanhoso, aproveitar a força da água e evitar a insegurança da viagem por mar. Mas estava por fazer uma rede fluvial integrada, ideia que ganhou força na dinastia Sui (581-618), quando o imperador Yang Di (605-618) idealizou um grande projecto para a abertura de uma extensa estrada de água com 2400 quilómetros, aproveitando um sistema de rios, lagos, canais e comportas já

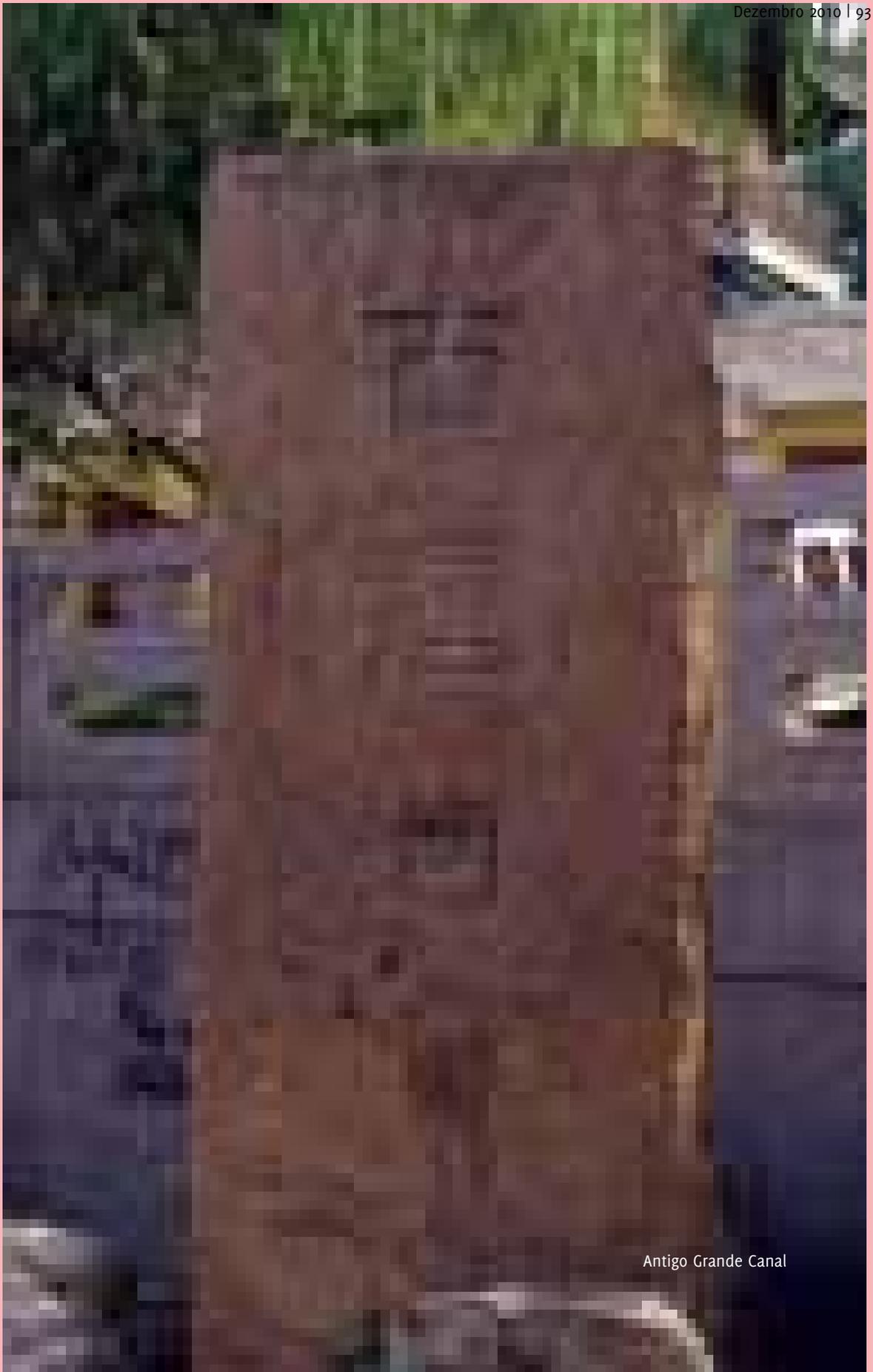
de grandes dimensões. Pretendia fazer chegar a Chang'an (mais tarde denominada Xian), que estava a construir para ser a nova capital, um Grande Canal, que atravessava também a ainda capital Luoyang e ligar essas duas cidades às regiões férteis do centro e sul do país, de novo reunificado.

Entre 605 a 610, este imperador manda milhões de homens dragar secções de canais para ligar os grandes rios que drenam a água para o Grande Canal. E é assim que, em 610, Yuhang (Hangzhou) fica ligada à capital Luoyang e, durante a dinastia Tang, chega a Chang'an (Xian) usando o rio Wei que corre até ao rio Amarelo.

A dinastia Sui, com um projecto de caminho usando a água, liga a capital Luoyang a Hangzhou. Era uma via privilegiada, que ficou pronta em seis anos e servia para fazer chegar os alimentos à capital, vindos das ricas regiões agrícolas do Sul da China. Este canal passava ainda por Kaifeng e Zhengzhou.

Os canais serviam para regularizar os leitos do rio, ao desviar a água das inundações periódicas, para onde e quando ela era mais necessária. Por vezes, os barcos só conseguiam navegar com a ajuda de cavalos e homens, que puxavam as embarcações ao longo das margens, método que deixou de ser necessário à medida que foram sendo construídas comportas. O sistema de canais permitiu na dinastia Song o controlo das inundações, o que trouxe um desenvolvimento extraordinário a uma China agrícola.

Desde então, foram construídas, nas margens desses canais, cidades onde a vida pulsava activamente. Assim um sistema de estradas de água foi evoluindo até chegar ao que hoje conhecemos como Grande Canal, cujo percurso atravessa quatro províncias, (Zhejiang, Jiangsu, Shandong e Hebei), 17 cidades e liga cinco grandes rios, que lhe drenam a água: desde o rio Qiantang, a sul, que banha Hangzhou, o Yangtzé (que divide o Norte e o Sul, atravessando a China de oeste para leste, como uma grande estrada), o Huaihe, o rio Amarelo (Huanghe, o rio



Antigo Grande Canal

das capitais) e o rio Hai.

O percurso definitivo, com 1794 quilómetros, foi feito durante a dinastia Yuan, quando a capital passou do centro do país para Pequim, no Norte da China. A secção que maior trabalho deu à dinastia Yuan foi a passagem pelas regiões mais montanhosas da Província de Shandong. A tarefa era difícil já que o terreno levantava uma série de questões, resolvidas com a ajuda de reservatórios e comportas (zhakou) que permitiram refazer os desníveis. Terminado em 1327, foi construído com vários níveis, sendo o mais elevado em que os barcos navegavam a 42 metros de altitude. Essa secção do Grande Canal, de Jining até Pequim, encurtou o caminho que fora feito para ligar as anteriores capitais como Luoyang e Chang'an (Xian) a Hangzhou e para Norte, até Zhuoxian, próximo de Pequim. Assim o Grande Canal mudou a sua trajectória e, numa linha recta, ligou Hangzhou a Pequim. Este grande empreendimento, ampliado por outros pequenos canais que durante diferentes tempos se foram construindo, permitiu que uma boa parte do país fosse acessível por barco, desde Pequim a Cantão, de Sichuan ao Mar da China.

É durante a dinastia Ming, quando esta decide fechar o País ao exterior e retirar as populações do litoral, que o Grande Canal atinge o seu apogeu e se torna a via de transporte mais importante. Em 1525, um édito imperial promove a destruição de todos os barcos que navegassem no mar e o aprisionamento de todos os mercadores que tivessem intenções de comercializar com outros países, ficando apenas os barcos e a indústria naval ligada à navegação pelos rios e, sobretudo, pelo Grande Canal. Foi nesta dinastia que ficou resolvido o problema da grande turbulência criada nas águas do Grande Canal quando as águas agitadas do rio Amarelo, a um nível mais alto, nele caíam. Um problema difícil de resolver cuja solução foi dada por um cidadão, Bai Ying, durante o reinado do imperador Chengzu (Yongle), que propôs que fosse escolhido um lugar onde o leito do canal fosse mais alto. Assim foi escolhido

o local onde desaguava o rio Wen e assim o Grande Canal passou a alimentar com as suas águas o rio Amarelo, eliminando o problema dos sedimentos que este rio transporta. Um sistema de comportas e reservatórios permitiu criar um fluxo de água equilibrado, separado para o sul e para o norte do Grande Canal.

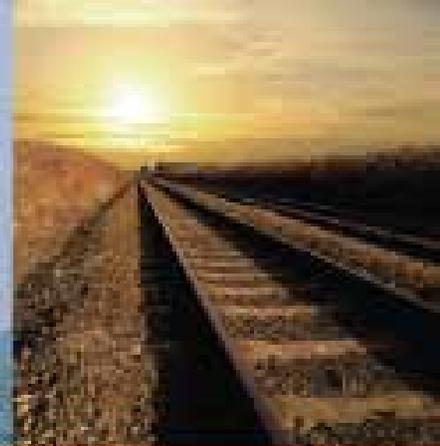
Mas na dinastia Qing, no reinado do imperador Qianlong (1736-1795), os diques e comportas deixaram de merecer atenção, já que pouco era o volume transportado, e começaram a degradar-se. Os sedimentos passaram para as águas do Canal e este foi entupindo, principalmente na Província de Shandong, em meados do século XIX, muito devido às grandes secas. Esse fenómeno acentuou-se quando, em 1855, se operou uma mudança do curso do rio Amarelo.

Se o Grande Canal a norte do rio Amarelo se tornou impraticável para a navegação, a entrada em cena do caminho-de-ferro, no início do século XX, foi a machadada final. Tudo isto concorreu para o abandono quase total desta via que, durante séculos, ligou a capital ao centro do país e que continuava para Sul da China por outros canais.

Zhou Enlai patrocinou um projecto para desviar a água do rio Yangtzé para norte, a partir de Jiangdu, próximo de Yangzhou. Esse projecto pretendia fazer a transferência dessas águas para o rio Amarelo e o Haihe e permitir que barcos de grande porte pudessem usar de novo o antigo Canal. Como muito do antigo traçado do Grande Canal estava intransitável, o Grande Canal foi dragado, em 1958, desde Xuzhou até Yangzhou. Desde 1977, a estação de elevação de Jiangdu, próximo de Yangzhou, para além de fornecer energia eléctrica, serve a irrigação e tem cinco comportas para a navegação.

Desde os anos 80 do século passado que o Grande Canal está navegável até Jining, tendo sido recuperado para aproveitar uma das grandes obras realizadas pelo Homem. ■

J. S. M.



ANGOLA-CHINA

Parceiros em África



CONSULADO GERAL DA REPÚBLICA DE ANGOLA
Região Administrativa Especial de Macau
República Popular da China

Edif. FIT (Financial & Information Technology), 7º Floor I & II, Av. Comercial
Telefone: 00 853 28716229 - Fax: 28716230 - Website: www.consgeralangola.org.mo



CEM: concessão por mais 15 anos

A COMPANHIA de Electricidade de Macau (CEM) continuará a ser a concessionária do fornecimento de energia eléctrica à RAEM durante mais 15 anos, na sequência da assinatura, em princípios de Novembro, de um novo contrato que prorroga a concessão.

O contrato entrou em vigor no dia 1 de Dezembro e foi assinado pelos representantes do Governo, o secretário Lau Si Io, e da CEM S.A, o presidente da Comissão Executiva, Franklin Willemyns.

Segundo uma nota do Gabinete para o Desenvolvimento do Sector Energético (GDSE), o novo contrato prorroga o exclusivo do transporte, distribuição e venda de energia eléctrica no segmento a jusante, não abrangendo a produção e importação de energia eléctrica no segmento a montante que será aberto ao mercado com o lançamento de um concurso público em 2013.

Por outro lado, os lucros anuais da CEM diminuirão em cerca de 100 milhões de patacas devido à redução da taxa de retorno sobre o investimento de 12 por cento para 9,5 por cento. “No entanto, considerando as deduções resultantes da inflação, da valorização do renminbi, do investimento em infra-estruturas básicas, bem como o saldo da Provisão para a Estabilização Tarifária, não existe margem para redução das tarifas de electricidade” – ainda de acordo com o GDSE.

A mesma entidade sublinha que “o Governo tem dado especial atenção à possibilidade de as tarifas trazerem encargos demasiado pesados para os sectores comercial, industrial e residencial”, pelo que irá adoptar uma política de concessão de subsídios aos utentes e reestruturar o sistema tarifário. ■

Comida para todos os gostos

NOVENTA E CINCO expositores participaram na 10ª Festa da Gastronomia de Macau. Do exterior, o festival contou com representantes da Índia, Malásia, Portugal, Tailândia, Mongólia Interior, Hong Kong, Taiwan e de diversas províncias chinesas.

A secretária para a Administração e Justiça, Florinda Chan, presidiu à cerimónia de abertura do evento, durante a qual o presidente da União

das Associações dos Proprietários de Estabelecimentos de Restauração e Bebidas de Macau, Chan Chak Mo, manifestou o seu regozijo pela comemoração de uma década em que Macau dá a conhecer todos os seus sabores gastronómicos e promove o ingresso de mais turistas ao território. Além da apresentação das iguarias das diversas cozinhas presentes, também foram organizados espectáculos de música, jogos e outras actividades. No âmbito do festival assistiu-se a várias sessões de fogo de artifício e os Correios de Macau emitiram pagelas especiais comemorativas dos dez anos de festa da gastronomia. ■

Macau mostrou-se em Londres

MACAU esteve presente uma vez mais no *World Travel Market (WTM)*, em Londres, para dar a conhecer os últimos desenvolvimentos da RAEM e os seus projectos futuros bem como incrementar o turismo para o destino a partir do Reino Unido e do resto do mundo.

Considerada uma das principais feiras de turismo do mundo, o WTM proporcionou uma oportunidade única aos operadores turísticos para se encontrarem, re-

alizarem contactos, negociarem e conduzirem negócios debaixo do mesmo tecto, e manterem-se actualizados em relação às últimas novidades na indústria.

A Direcção dos Serviços de Turismo (DST) esteve representada pela subdirectora Maria Helena de Senna Fernandes que, na oportunidade, referiu-se a Macau como “um destino internacional, onde é essencial manter uma estrutura diversificada do mercado de visitantes”. Durante a WTM 2010, a DST apresentou ao público um novo guia *How to Sell Macau (Como Vender Macau)* destinado aos operadores turísticos do Reino Unido. ■

Stanley Ho condecorado em Hong Kong

O PRESIDENTE da Sociedade de Jogos de Macau (SJM), Stanley Ho, foi condecorado em Hong Kong com a medalha “Grand Bauhinia”, o mais alto galardão atribuído por esta região. O magnata do jogo recebeu a distinção das mãos do Chefe do Executivo de Hong Kong, Donald Tsang, numa cerimónia

que decorreu na sede do Governo, no dia 19 de Novembro.

Foi a primeira aparição em público de Stanley Ho desde as comemorações dos dez anos do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau, em Dezembro do ano passado. O presidente da SJM foi submetido a uma intervenção cirúrgica em Agosto de 2009, na sequência de uma queda.

Stanley Ho tinha já sido agraciado com o Grande Lótus de 2007 tornando-se assim a única individualidade a receber as mais altas condecorações das duas regiões especiais da China. ■

Ouro para Macau

A PARTICIPAÇÃO de Macau na 16ª edição dos Jogos Asiáticos, que decorreu na cidade de Cantão, saldou-se na conquista de seis medalhas. O atleta Jia Rui conquistou uma medalha de ouro, na modalidade de wushu (na prova *gunshu-all round*), e Cai Liangchan, uma medalha de prata, enquanto Paula Carion, Kuong Cheong Lei e Pui Si Cheung, em Karaté, e Choi Sut Ian, em saltos para a água, conquistaram medalhas de prata. Na participação na edição de 2006, em Doha, Macau tinha conquistado sete medalhas, mas nenhuma de ouro, o que aconteceu pela primeira vez na edição



deste ano.

A China foi a grande vencedora dos jogos, com 416 medalhas, 199 das quais de ouro, seguida da Coreia do SUL, do Japão, do Irão e do Cazaquistão. ■



Hu Jintao em Portugal

O PRESIDENTE Hu Jintao disse, durante a sua visita a Portugal, em Novembro, que a China está disposta a apoiar Portugal, através de medidas concretas, nos seus esforços "para enfrentar os impactos causados pela crise financeira internacional e alargar a nossa cooperação económica e comercial". A posição foi expressa num discurso antes de um almoço com o primeiro-ministro português, José Sócrates, no segundo dia da desloca-

ção oficial.

No dia anterior Hu Jintao tinha elogiado a cooperação entre os dois países, declarações prestadas à imprensa depois de um encontro com o seu homólogo português, Aníbal Cavaco Silva, no Palácio de Belém. A cooperação e o intercâmbio entre os nossos dois países, nos diversos sectores, tem apresentado avanços significativos. O lado chinês aprecia a compreensão e o apoio que a parte portuguesa sempre tem dado às posições chi-

nesas nos nossos grandes temas de preocupação - disse Hu Jintao.

Num ambiente de grande cordialidade e de estreitamento de laços políticos e económicos, os representantes dos dois países proporcionaram ao tecido empresarial linhas de acção e concretizaram diversos acordos, especialmente, no campo empresarial que engloba as áreas da energia, alimentação, banca e indústria transformadora.

Ao nível institucional, os



Grande Prémio de Macau na 57ª edição

EDOARDO MORTARA, de ascendência italiana e suíça, voltou a ganhar o Grande Prémio de F3 de Macau, sendo a primeira vez na história da competição que o mesmo piloto vence em dois anos consecutivos.

Outros vencedores em destaque nesta edição do Grande Prémio de Macau foram, no campeonato de Carros de Turismo (WTCC), o britânico Robert Huff, na primeira corrida, e o húngaro Norbert Michlisz, na segunda.

No Grande Prémio de Motos, o britânico Stuart Easton obteve a terceira vitória consecutiva em Macau.

A edição deste ano decorreu no fim-de-semana de 20 e 21 de Novembro. ■

dois países assinaram uma declaração, no âmbito da Parceria Estratégica sino-portuguesa, visando o reforço da cooperação económica entre os dois países e um acordo no domínio do turismo, para além de um programa de cooperação nos domínios da cultura, língua, educação, ensino superior, ciência e tecnologia e desporto. O Presidente prometeu ainda fazer tudo para que as trocas comerciais entre a China e Portugal possam duplicar até ao ano de 2015.

No decorrer da estada do Presidente Hu Jintao mereceu especial relevo o anúncio de que a *China Power Internacional* (CPI), empresa de energia detida pelo Estado chinês, está interessada em entrar no capital da EDP, tendo a empresa de electricidade portuguesa e a CPI assinado um memorando de entendimento para uma possível parceria de cooperação empresarial relativa à Companhia de *Electricidade*



de Macau (CEM) e ao aproveitamento de oportunidades de negócio por ambos os grupos no domínio energético, tanto nos mercados asiáticos como nos mercados em que a EDP opera actualmente.

O jornal chinês em língua inglesa, *China Daily*, estimou em mil milhões de dólares norte-americanos o montante dos acordos e contratos empresariais assinados em Lisboa durante a visita. Hu Jintao, que foi o primeiro presidente chinês recebi-

do em Lisboa em mais de uma década, encontrou-se também com o presidente do Parlamento português, Jaime Gama.

A visita ficou marcada pela assinatura de quatro acordos de cooperação institucional e nove acordos comerciais envolvendo grandes empresas dos dois países, entre as quais a PT, EDP, Huawei, Millenium BCP e o ICBC (*Industrial and Commercial Bank of China*), considerado o maior banco do mundo. ■

A despedida de Afonso Couto

TINHA SETE anos e não resistiu a complicações causadas pela leucemia linfoblástica aguda que lhe foi diagnosticada em 2009. Afonso Couto, natural de Macau e filho do piloto André Couto, faleceu a 3 de Novembro no Hospital de São João, no Porto, onde estava internado. Tinha recebido um transplante de medula óssea em Maio passado, na sequência de uma campanha sem precedentes que ultrapassou fronteiras e comunidades, mas tal não bastou para combater uma doença

que tem um número crescente de vítimas entre as crianças.

As iniciativas lançadas pela família fizeram com que o número de inscritos no banco mundial de dadores de medula óssea tivesse conhecido um aumento substancial.

A história de Afonso sensibilizou ainda várias figuras de destaque do mundo do desporto que, em diferentes pontos do planeta, participaram nas acções de consciencialização para a importância de se ser dador.

O seu funeral realizou-se no cemitério de S. Miguel Arcanjo, em Macau, com uma expressiva presença da comunidade de língua portuguesa. ■



O ano do coelho

O Ano Novo lunar vindouro em 3 de fevereiro de 2011 corresponde ao coelho no zodíaco chinês. A tradição de identificar um dado ano a um animal remonta a mais de 3000 anos e visava facilitar a contagem da passagem das horas, dos meses e do ano.

Os estudos antropológicos realizados a partir dos achados em escavações arqueológicas indicam que o surgimento desse sistema astrológico está relacionado aos doze clãs primitivos existentes na planície central chinesa e seus respectivos totems, figuras de devoção e protecção, do qual o coelho não fazia parte. No seu lugar, assentava-se o *qilin*

(麒麟), animal mitológico com o aspecto de cervo, coberto por escamas, que passou a ser de uso exclusivo do clã Ji (姬), quando fundou a dinastia Zhou (1100-256 a.C.).

As investigações também indicam que o elenco dos animais no zodíaco sofreu alterações ao longo do tempo e a sua presença reflecte importância cultural à sociedade chinesa. Nesse sentido a presença de um animal pode relacionar-se ao aspecto de ameaça, como o tigre, a serpente e o rato, ao aspecto económico, como o búfalo, o cavalo, a cabra, o galo, o cão e o porco, ou ao aspecto da representação mitológica, como o dragão.

O “registo oficial” do coelho no zodíaco chinês apenas ocorreu na dinastia Han

(206 a.C. – 220), através do registo em *Sobre a balança* de Wang Chong (27-97), onde relaciona os animais zodiacais aos ramos terrestres (地支), associado ao tempo, para facilitar a memorização.

Num dos mitos sobre o surgimento do zodíaco chinês consta que, numa determinada altura, a Terra foi atingida por uma grande seca e os homens ainda não dominavam a arte do cultivo do arroz. O imperador celestial, apiedado com a situação calamitosa humana, resolveu promover uma corrida com início pela hora *mào* (卯) (correspondente às cinco horas da manhã) do dia *mào* (卯), do mês *mào* (卯), do ano *mào* (卯). Os doze primeiros animais que primeiro chegassem ao palácio celestial levariam as sementes para o plano terrestre e seriam imortalizados como constelações.

Naquele tempo, o galo possuía chifres e o dragão pediu-lhe emprestado, já que não tinha nada para lhe enfeitar a cabeça e prometeu-lhe devolver no palácio celestial. O galo de boa-fé emprestou-lhe.

Chegada à hora da largada, o rato que ia ao lombo do búfalo, ao aproximar-se do portão celestial, pulou na sua frente e obteve o primeiro lugar, enquanto o búfalo ficou em segundo. O porco, ao ver a trapaça, grunhiu em protesto e foi castigado com o último lugar. O tigre que vinha logo depois ocupou a terceira posição. O coelho vinha atrás, seguido

A presença do coelho na astrologia, apesar de ainda ser matéria controversa, encontra-se apoiada principalmente na característica de velocidade, enquanto outros reportam à respectiva capacidade reprodutiva



pelo cão que lhe mordeu a perna. A falta grave impingiu ao cão o castigo de penúltima posição, e o coelho classificou-se em quarto lugar. O dragão devido ao seu porte vistoso e ao chifre elegante, foi avistado de longe pelo imperador celestial que o condecorou com a quinta colocação e, tanto agradou o deus, que anunciou que o seu filhote ficaria em sexto. Contudo, como o filho do dragão estava muito retardatário, surgiu a serpente que disse: “Então eu fico em sexto, pois sou o seu parente mais próximo e o dragão é o meu padrinho!”, e assim, a cobra num gesto oportunista, ficou classificada em sexto lugar. O cavalo e a cabra chegaram juntos, um querendo dar lugar ao outro. O imperador celestial muito apreciou a educação deles, e os condecorou com a sétima e a oitava classificação. O macaco estava ainda longe, contudo, no último momento se agarrou numa e noutra nuvem,

e chegou a tempo de se colocar em nono lugar, seguido pelo galo. O cão e o porco devido às faltas cometidas ficaram em décimo primeiro e décimo segundo.

Depois das condecorações, os animais retornaram ao plano terrestre com as sementes de arroz, as quais as pessoas passaram a cultivá-las. O dragão depois de receber o elogio do imperador celestial, decidiu ficar com os chifres do galo. Para se esconder da ave, nunca mais apareceu na Terra, enquanto o galo, todos os dias, cocoreja ao céu pedindo ao dragão que lhe devolva os seus chifres. Como o gato é de origem egípcia, o felino não constava na versão original do mito, apenas mais tarde é que o emendaram, justificando a ausência do gato, devido ao rato não tê-lo acordado a tempo para participar da prova. Outros estudiosos dizem que tendo a presença do maior felino no zodíaco, dispensou o gato.

Assim, o coelho figura como o quarto animal e corresponde ao quarto ramo terrestre *mào* (卯), que compreende das cinco às sete horas do dia, ao quarto mês e ao elemento madeira. A presença do coelho na astrologia, apesar de ainda ser matéria controversa, encontra-se apoiada principalmente na característica de velocidade, enquanto outros reportam à respectiva capacidade reprodutiva. Os que defendem o ponto de vista da velocidade baseiam-se no mito, contado acima, e nas alegorias decorativas com coelhos voadores nos acessórios em coches e vasos cerâmicos ao lado do dragão, do cavalo e do cão, do período da dinastia Xia (2100-1600 a.C.). Dentre os desenhos rupestres, ainda encontra-se um grande pássaro que possui em seu ventre um círculo, cujo interior possui um coelho de jade, o qual é interpretado como eclipse solar. Pois na mitologia chinesa, o símbolo do sol é o pássaro. A grande quantidade de gravações com o coelho na lua em espelhos de bronze, datados do período dos Reinos Combatentes (475-221 a.C.), comprovam a ligação da lua com o coelho que iremos explicar abaixo.

Na natureza, o coelho é um animal indefeso que está na base da cadeia alimentar, o que lhe exige estar sempre em posição de alerta, pronto a correr para sobreviver. Provavelmente, devido a essas observações empíricas, o homem associou o leporídeo às propriedades de velocidade, esperteza, vivacidade e bondade. E independente de sua aparente inferioridade em relação aos outros animais, apenas ao coelho foi conferida a mais alta distinção na simbologia chinesa, ao torná-lo a insígnia da lua, correlacionada as crateras da face do satélite. Essas eram (ou são) vistas como um coelho de jade com um pilão a preparar o elixir da imortalidade, relacionado à longevidade, ao lado de um sapo de três patas¹. Segundo os historiadores, a partir da dinastia Song, o coelho de jade adquiriu cada

¹ Leia o conto “Hou Yi e Chang’E, a lenda do arqueiro que flechou os sóis”, na Revista Macau, 19, 2010.

vez mais importância e se tornou como a principal simbologia da lua, preferência possivelmente associada à beleza da lebre em relação ao sapo.

O coelho e a relação com os outros animais do zodíaco

Apesar da época tecnológica e científica que vivemos sempre temos uma pitada de curiosidade em relação à combinação astrológica. Sumarizo algumas interessantes, afim de entreter o leitor. São elas: O coelho e o rato são semelhantes na forma e no tamanho, são também considerados como mamíferos roedores pela biologia. Alguns estudiosos justificam a presença dos dois devido à capacidade reprodutiva, que simboliza a fortuna.

O coelho e o búfalo são a corporificação da bondade. Em muitas gravuras rupestres os dois animais encontram-se juntos.

O coelho e o tigre são os extremos opostos quanto à força e à fragilidade. É conferido ao tigre o carácter intrépido, enquanto ao coelho, o da cautela. Se tiver mais coragem do que providência, resulta em temeridade; mas caso contrário, é considerado covardia. Por isso, o tigre encontra-se na frente do coelho no zodíaco chinês, para alertar para a conjunção das qualidades de coragem e prudência.

O coelho e o dragão se complementam em termos energéticos, mas não é recomendado o casamento se tiverem pouca diferença de idade.

O coelho e a serpente, são opostos duais em relação ao carácter simbólico de bondade e de maldade. Porém, como os dois habitam em tocas, são ambos considerados *yins*. A imagem da serpente engolindo um coelho é considerada um símbolo auspicioso de riqueza.

A inter-relação entre coelho e cavalo é estabelecida pela característica comum de velocidade, sendo que o primeiro é mais rápido em relação ao segundo, por isso, muitos cavalos recebem o nome de coelho e os componentes dos coches são adornados com o roedor sinalizando o desejo de agilidade.

O coelho e cabra têm em comum a mesma alimentação. A presença dos animais nas gravuras é sinal da busca pela paz e pela harmonia.

No coração das pessoas, é atribuída ao coelho e ao macaco a característica de astúcia. E os respectivos mitos estão relacionados às lendas indianas que entraram na China a partir da dinastia Han.

O coelho e o galo fazem a dupla perfeita, pois o coelho simboliza a lua, *yin*, enquanto a ave representa o sol, *yang*. O sol nasce no Este, correspondente ao ramo terrestre *mao* (卯) que está ligado ao coelho.

O coelho e o cão são inimigos naturais. Um é a caça e o outro caçador, representados em antigas pinturas rupestres. Contudo, essa situação pode vir a mudar e se tornarem aliados, como o registado na história, onde pessoas que estão em posição de vantagem, não eliminam o seu inimigo, para não ser dispensado pelo rei, por ter atingido o objectivo. O casamento entre as pessoas desse signo é também bem-visto devido à complementaridade.

Por fim, o coelho e o porco são considerados pela credence popular como o par perfeito, ao lado da cabra.

Uma antiga tradição cantonesa

No décimo quinto dia do ano novo chinês, paira no céu a lua cheia, cujo luar

ilumina os enamorados sobre a Terra. Diz-se que na Antiguidade, na região de Cantão era moda dos solteiros dirigirem até a horta próxima, na calada da noite, para furtarem verduras (偷青 *touqing*), como uma superstição para obter um casamento (偷情 *touqing*), os termos se relacionam por serem homófonos. Era uma pequena brincadeira, onde os jovens pegavam apenas alguns exemplares, como cebolinho (葱 *cong*), homófono de inteligência (聰 *cong*); aipo (芹 *qín*), homófono de diligência (勤 *qín*) e alface (生菜 *shengcài*), homófono de enriquecer (生财 *shengcái*), em sinal do desejo de encontrarem uma cara-metade com estas características. E, sob os raios do luar, quem guia o caminho é justamente o coelho de jade que reside na lua e os jovens nessa caminhada furtiva à noite, muitas vezes encontravam o seu par ideal.

Apesar da ordem de colocação no zodíaco, não existe uma diferença hierárquica entre esses animais. O coelho apesar de ser um animal frágil, está ao lado do tigre e do dragão, os animais zodiacais preferidos pelas pessoas, o animal está relacionado à velocidade e simboliza a lua. Seja como for, os animais entre si se revezam e o coelho será o animal regente do ano de 2011 e, desejamos a todos um próspero ano novo e *Gongxi facai* (恭喜发财)! ■

Bibliografia

Eberhard, Wolfram (2000). *A Dictionary of Chinese Symbols*. Londres: Routledge.

He, Xingliang (1991). «图腾文化与人类诸文化的起源» [A cultura do totem e a origem da civilização]. Pequim: Zhongguo Wenlian.

Wang, Chong (1990). «论衡» [Sobre a balança]. Yuan Huanzhong (glosa). Guizhou: Guizhou Renmin chubanshe.

Wang, Xun (1998). «兔寄明月» [O coelho na lua]. Série cultura zodiacal Chinesa. Pequim: Academia Chinesa de Ciências Sociais.

Os doze animais zodiacais. Acessado em 25/09/2010.

Disponível em: <http://baike.baidu.com/view/11006.htm>.

Lu Xun

Os coelhos e o gato

Do folclore chinês

A senhora Três que morava próxima ao pátio dos fundos de nossa casa, comprou um casal de coelhos brancos durante o verão, na intenção de divertir seus filhos. Aquele casal de coelhos brancos, pareciam desmamados há pouco tempo. Apesar de serem de outra espécie, percebia-se irradiar inocência e pureza, enquanto empinavam suas orelhinhas compridas, mexiam seus narizinhos rosados, e de seus olhos refletiam certo ar de desconfiança e estranhamento das pessoas e das coisas, talvez por ser diferente da tranquilidade de seu lar.

Caso fosse comprar coelhos no período da feira no templo, pagaria no máximo alguns centavos por cada um, mas a senhora Três gastou um *Yuan*, porque mandou o empregado comprar numa loja.

Claro que as crianças gritaram de contentamento e cercaram os coelhos para olhar. Havia um cãozinho chamado S que veio correndo atrapalhadamente, e foi se metendo entre as pessoas para dar uma farejada. Espirrou e deu alguns passos para

trás. A senhora Três bradou: “S, preste atenção, não é para mordê-los!” e deu-lhe um tabefe na cabeça. S se afastou e, a partir de então, nunca mais se aproximou dos coelhos.

Na maioria das vezes, o casal de coelhos ficava trancafiado atrás da janela no fundo do pátio. Ouvi dizer que adorava roer papel de parede e os pés dos móveis. Nesse pátio pequeno havia um pé de amoreira agreste, os coelhos preferiam comer as suas folhas ao invés do espinafre. Quando os corvos e as pegas pousavam, o casal pegava impulso com suas pernas traseiras e como se fosse uma bola de neve, pulava para cima dos pássaros que saíam voando assustados

algumas vezes depois, as aves nunca mais tiveram coragem de pousar por ali. A senhora Três não se preocupava com as aves, pois no máximo disputavam alguma ra-

ção com os coelhos. O mais odioso era um grande gato negro que ficava espreitando malévolo em cima do muro baixo — isso sim, era preocupante. Ainda bem que S e o gato eram inimigos e assim os coelhos ficavam a salvos.

As crianças vinham pegar os coelhos para brincar a toda hora. Eles eram muito dóceis, levantavam a orelha, mexiam o nariz, ficavam paradinhos nas mãos das crianças, mas ao vacilo de uma, escapavam. De noite, dormiam numa caixinha de madeira, coberta por palha, colocada em baixo da varanda da janela dos fundos.

Passou-se assim alguns meses e de uma hora para outra, os coelhos começaram a cavar uma toca, numa velocidade muito rápida: cavavam com as patas dianteiras e chutavam com as traseiras o montinho de terra para trás e em menos de um turno, tinham feito uma toca profunda. Todo mundo estranhou, mas ao prestar atenção, se percebeu que o ventre de um estava bem maior do que o do outro. Os coelhos levaram o dia seguinte inteiro enfiando palhas para dentro da toca.

Todos estavam contentes, diziam que logo teriam mais coelhinhos para apreciarem; logo a senhora Três proibiu as crianças de pegá-los. Minha mãe estava feliz com o aumento dos membros leporídeos, esperava que assim que desmamassem, também pegaria um casal para criar em baixo de sua janela.

A partir de então, os coelhos passaram a residir na casa que eles mesmos construíram. Às vezes saíam para comer, mas depois sumiram e não se sabia se eles estavam comendo o que haviam armazenado ou simplesmente não comiam. Em pouco mais de dez dias, a senhora Três me disse que o casal saiu outra vez e talvez os coelhinhos tivessem todos sucumbidos, porque a fêmea estava com bastante leite, mas não via sinal de entrar para amamentar os filhotes. As suas palavras estavam entremeadas de indignação, mas também não tinha o que se fazer.

Até que um dia sem vento, onde as folhas nem se mexiam e o sol apareceu morno, ouvi risadas, saí e vi as pessoas encostadas na janela da senhora Três olhando

para um coelhinho que pulava no pátio. Ele era bem menor do que quando os seus pais vieram para cá, mas já conseguia pular com suas patas traseiras. As crianças disputaram para me contar que ainda viram outro, que só colocou a cabecinha para fora da toca para espreitar, mas se recolheu de imediato, deveria ser o irmão menor daquele.

O coelhinho apanhou umas folhas do chão para comer, contudo o coelho mais velho não deixou, arrancou a folha dele e também não o comeu. As gargalhadas das crianças assustaram o coelho menor que se enfiou rapidamente para dentro da toca; o maior o acompanhou até a entrada e o empurrou para dentro com as patas dianteiras, para depois vedar a entrada com terra.

Desse dia em diante, o pátio ficou ainda mais animado e sempre havia alguém espreitando a toca.

Contudo, os dois filhotes sumiram. Passaram-se vários dias nublados seguidos, o que fez a senhora Três se preocupar, se os coelhos não sucumbiram sob as malévolas garras do grande gato negro. Tranquilei-a, dizendo que deveriam estar recolhidos devido ao frio e assim que o sol aparecesse, haveriam de sair.

O sol apareceu, mas nada dos coelhos. E assim, todos se esqueceram deles.

Só a senhora Três, que os alimentava com espinafre, é que não conseguia esquecer-se deles. Até que um dia quando ia em direção ao pátio dos fundos, percebeu no canto da parede outra toca, e ao comparar com a mais antiga, viu várias marcas de ranhuras que não deveriam ser de coelho por não ter uma pata tão grande. Desconfiada, foi até o muro onde costumava ficar aquele grande gato negro e determinou-se. Trouxe uma enxada e começou a cavar, mesmo receosa, queria encontrar por acaso os coelhinhos, cavou até o final e apenas encontrou uns pelos brancos entre as palhas, que até poderiam ser da época em que fizeram o ninho, mas a toca estava abandonada, não havia nenhum rastro de coelhinhos brancos, nem ao menos do menor que não tinha nem saído da toca.

Movida pela indignação, decepção e triste-

za; ela só poderia cavar aquele novo buraco do muro. Foi começar e os dois coelhos mais velhos saíram da toca. Ela achou que eles haviam se mudado de casa, ficou feliz, mas continuou a cavar, quando chegou ao fundo, observou que também estava coberto de palha e pêlos, mas em cima estavam deitados sete coelhinhos minúsculos dormindo, nus de coloração avermelhada e ao se aproximar, percebeu que nem haviam aberto os olhos ainda.

Tudo ficou esclarecido, o pressentimento da Senhora Três estava correcto. Para evitar o perigo eminente, colocou os sete pequenos num caixote de madeira e os levou para dentro de seu quarto. Também enfiou a grande para dentro e a forçava amamentar.

Depois disso, passou a odiar profundamente o grande gato negro, bem como também não facilitou aos coelhos. Segundo se averiguou, aqueles dois menores devem ter sido os primeiros a serem capturados, mas os outros também deviam ter sucumbido, porque a cada ninhada nasciam mais de dois, mas como não se conseguia amamentar todos de forma igual, os que não conseguiam vencer a corrida pelo alimento, morriam primeiro. Isso tinha lá a sua própria lógica, mesmo agora, dentre os sete, tinham dois mais fracos. Por isso, quando a senhora Três tinha uma folga, pegava a coelha-mãe e colocava os coelhinhos um a um no seu ventre para mamar, de forma igualitária.

A minha mãe me disse que jamais vira ou soubera de uma forma tão incômoda de criação de animais e era capaz de ser recolhido ao livro *Histórias Singulares* da dinastia Han.

A prosperidade do clã dos coelhos foi a alegria geral.

Mas uma imensa tristeza assolou-se sobre mim, a partir de então. Sentado sob a luz, pensava naquelas duas vidas que foram perdidas imperceptivelmente, não deixando rastro algum e nem S latiu uma vez sequer. Isso, fez lembrar-me de quando eu morava numa pensão e ao me levantar cedo, vi apenas umas penas de pombos espalhadas em baixo de uma sófora, que certamente virara manjar de uma águia. Após

o serviço de limpeza do servente, sumiu por completo. Quem saberia que uma vida se encerrou ali?

Tempos depois, ao passar pelo pavilhão Xisi, vi um pequeno cão ser atropelado por uma charrete, quando voltei, havia sumido, conjecturei que tinha sido removido dali. Saberiam os transeuntes apressados que uma vida sucumbira naquele lugar? Numa noite de verão é frequente se ouvir o zunido prolongado das moscas, a não ser quando são fígadas pela lagartixa. Conquanto me toque a piedade, outros nem ao menos se percebem de nada...

Caso possa ser criticada a criação, então, digo que ela fez a vida muito frágil, frágil demais.

Rompeu um regougar - era outra vez dois gatos a brigar lá fora.

Xun'er! Está outra vez a bater nos gatos?

Não! Não tenho nada a ver com isso. Que disparate eu bater neles! argumentei.

Minha mãe, via de regra, reprimia-me por maltratar os gatos, e agora, talvez desconfiasse que eu fosse fazer justiça pelos coelhinhos, lançando alguma malvadeza, por isso ficava a vigiar-me. De fato, eu já tinha consolidado a fama da rivalidade com os gatos na família. Maltratei-os com frequência, especialmente em épocas de acasalamento. Mas não fazia mal a eles por causa disso e sim, por causa de seus miados estridentes, miavam tanto que não me deixavam dormir. Acredito que não precisam fazer tamanho barulho para se acasalar.

Além do mais, o gato negro foi o malfeitor dos coelhinhos, me permitia agir por "justa causa". Acho minha mãe bondosa demais, por isso que respondi a ela de forma ambígua, quase em negação.

O criador cometeu um disparate, tenho que apresentar a minha resistência, talvez até esteja o ajudando...

Definitivamente, aquele gato negro não poderia ficar recostado a espreitar no muro por muito mais tempo, pensei e olhei de relance para o vidro de cianureto escondido atrás dos livros. ■

Outubro de 1922.

Tradução de Márcia Schmaltz

Extraído do livro *O Chamado* 《呐喊》

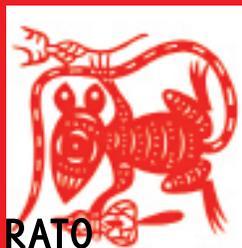
2011

Ano do Coelho

INA CHIU E LUÍS ORTET



Amor à porta


RATO

Os nativos do Rato, diz a tradição, sabem ser cativantes. Aparecem, dão um ar da sua graça e, pouco depois, desapareceram, deixando à sua passa-

gem uma certa auréola de mistério e carisma.

Neste ano do Coelho estarão particularmente atraentes, devido à aparição de uma estrela simbólica conhecida como a “casamenteira vermelha”. Para os Ratos será um tempo em que a sua atractividade estará no seu melhor e será o factor dominante do ano.

É claro que o amor será uma das áreas privilegiadas, sobretudo para os solteiros. Em relação aos casados (ou envolvidos numa relação estável), os almanaques unanimemente alertam para as vertentes negativas da “casamenteira vermelha”, que poderá semear tempestades conjugais...

Mesmo no trabalho, essa “estrela” promete desempenhar um papel positivo e construtivo, em conjugação com outras influências. No conjunto elas representam “energias” capazes de transformar eventuais dificuldades que surjam em oportunidade e sucesso. Terão pois uma espécie de magnetismo que lhes permitirá resolver problemas e abrir oportunidades sem esforço aparente.

Quanto ao dinheiro, na maior parte dos casos este não será o aspecto que mais atrairá os Ratos neste ano, em que em princípio andarão com preocupações de outra ordem.

Em primeiro lugar poderá estar a predisposição para gastar demais e para não prestar muito atenção ao lado prático da vida. Em segundo lugar, dizem os astrólogos, a “boa sorte” financeira não se mostrará por si própria. Primeiro será necessário que os Ratos façam alguma coisa para a merecerem. Só então ela se revelará. ■

AMOR ****

TRABALHO ***

DINHEIRO **

SAÚDE ***

1924, 1936, 1948, 1960, 1972, 1984, 1996, 2008

Caminhando


BÚFALO

As previsões dos almanaques são relativamente pacíficas, prevendo um ano nem demasiado bom nem suficientemente mau.

Os nascidos sob o Búfalo devem caminhar com cautela, devido à presença de algumas “estrelas” negativas, que no entanto não são suficientemente fortes para provocar problemas sérios.

Por outro lado, há influências positivas que poderão demorar algum tempo a manifestar o seu poder. Mas as oportunidades lá estarão, à espera que os Búfalos cumpram a sua parte, tomando a cada momento as decisões acertadas, trabalhando incansavelmente para abrir caminho à concretização do sucesso.

Alguns almanaques sublinham a existência de uma “estrela” positiva que promete golpes de sorte, que se repetirão por diversas vezes ao longo do ano.

No amor, o ambiente tende a ser calmo, talvez excessivamente calmo, sobretudo para os solteiros, que terão dificuldade em iniciar novos relacionamentos.

Quanto ao trabalho, aplica-se de novo o princípio da cautela, para impedir que as “estrelas” negativas possam criar obstáculos inesperados. Mas esta será a área onde se guardam as melhores notícias: os Búfalos poderão adquirir um estatuto profissional mais elevado. O seu nome passará a valer mais.

De um ponto de vista financeiro, o que os almanaques mais sublinham é a predisposição para gastar muito. Por vezes isso resultará de meros impulsos, mas, noutras situações, os Búfalos poderão ser obrigados pelas circunstâncias (familiares ou outras) a despesas inesperadas. ■

AMOR **

TRABALHO ***

DINHEIRO **

SAÚDE ***

1925, 1937, 1949, 1961, 1973, 1985, 1997, 2009

Mais poderosos



TIGRE

Os primeiros tempos do ano chinês ainda estarão dominados pelo ambiente do ano anterior (ano do Tigre), isto é, um ambiente de desafios.

Mas depois tudo acalmará um pouco e chegará um tempo mais inequivocamente positivo.

A vida profissional será o aspecto da vida em que essa faceta mais favorável do ano se mostrará de forma mais óbvia. Dizem os astrólogos que uma combinação de estrelas positivas permitirá que os Tigres alcancem um maior estatuto no trabalho e vejam a sua reputação reforçada.

Pela sua natureza felina, o Tigre aprecia desafios. Em quando lhe surge um pela frente todas as suas energias renascem – é o seu momento!

Para o amor, os almanaques prevêem alguma animação e uma facilidade acima do habitual em iniciar relacionamentos. Isso poderá traduzir-se, sobretudo para os solteiros, numa certa instabilidade, o que todavia não chegará a ser um problema. Tudo decorrerá com a maior das naturalidades e sem dramas.

O mesmo não se poderá dizer para os que estão casados ou envolvidos numa relação estável e duradoura. Embora varie de caso para caso, o certo é que – alertam os astrólogos - há algum risco de que o seu *sex appeal* acrescido venha a criar “efeitos secundários” indesejáveis...

Finalmente, quanto às finanças e a eventuais negócios, o ambiente é positivo. Sem prometer a saída da “sorte grande”, as previsões apontam para alguma facilidade em conseguir que os projectos e as iniciativas devidamente ponderados se venham a desenvolver. ■

AMOR ***
TRABALHO ****
DINHEIRO ***
SAÚDE **

1926, 1938, 1950, 1962, 1974, 1986, 1998, 2010

Tempo de sair da toca



COELHO

Por natureza, os nascidos sob o signo do Coelho apreciam particularmente o conforto e a segurança que lhes proporcionam o recato dos

seus lares e de uma vida profissional discreta. Por outras palavras, sentem-se bem nas suas tocas.

Segundo os almanaques, este ano do Coelho (2011) reserva aos nascidos sob este mesmo signo boas oportunidades e boas notícias. Mas para que possam tirar proveito das mesmas, os Coelhos terão de abandonar, pelo menos temporariamente, as suas tocas. Ou seja, terão de aceitar os desafios com que se depararem e estar dispostos a suportar eventuais desconfortos daí decorrentes.

O aspecto mais prometedor das suas vidas em 2011 será o financeiro, em especial para os que trabalham por conta própria. Em qualquer dos casos contudo há ganhos inesperados no horizonte. Para os que lidam com negócios, as estrelas do destino também ajudarão.

Quanto ao amor, embora alguns astrólogos apresentem perspectivas mais optimistas, na generalidade os almanaques prevêem, na melhor das hipóteses, um ano sem problemas para relacionamentos que durem há já algum tempo. Porém o ponto vulnerável dos Coelhos para este ano, a instabilidade emocional, de grandes entusiasmos alternando com o espírito negativo, poderá criar problemas.

A chave para o ano será dedicarem uma especial atenção ao seu bem-estar psicológico. A organização de bons programas de férias e viagens de recreio poderá ajudar. ■

AMOR ***
TRABALHO ***
DINHEIRO ***
SAÚDE **

1927, 1939, 1951, 1963, 1975, 1987, 1999, 2011

Voando baixinho



Os signos do Dragão e do Coelho – que é o que domina 2011 – pertencem a simbologias consideravelmente diferentes. De um lado, a utopia das missões impossíveis, de outro, a estratégia

defensiva e o aconchego da toca.

Esse contraste sugere alguma dificuldade de adaptação dos Dragões perante circunstâncias diferentes das que eles mais apreciam. Em vez de grandes projectos ou grandes desafios, é possível que este ano tenham de enfrentar pequenos e pouco interessantes problemas.

No amor, está prevista a estabilidade, apesar da predisposição para discussões e conflitos. Estes, contudo, não serão graves.

Em termos de circulação da energia universal, qi, o Coelho tende a disciplinar o Dragão. Isto significa um ano bom para os Dragões imprimirem uma direcção bem definida às suas vidas, o que terá implicações positivas no seu futuro.

Por outro lado, brilhará nas suas vidas a estrela simbólica O Sol, que claramente fará pender a balança do “destino” para o lado positivo. Essa influência dará aos Dragões o poder mágico de transformar as adversidades em boa sorte. Dizem os almanaques que os chamados *gui ren* (“homens nobres”) surgirão a socorrê-los quando eles mais precisarem de ajuda. Os *gui ren* são as pessoas que exercem uma influência benéfica sobre as nossas vidas.

Segundo alguns astrólogos, este será, para os Dragões, um ano de oportunidades no campo financeiro e na vida dos negócios. Outros astrólogos sublinham a necessidade de se progredir *step by step*, com prudência, não dando um novo passo antes de consolidar o anterior. ■

AMOR **
TRABALHO ***
DINHEIRO ***
SAÚDE ****

1928, 1940, 1952, 1964, 1976, 1988, 2000, 2012

Ordem para viajar



Os almanaques prevêem, para os nascidos sob a Serpente, um ano com uma tónica positiva. A característica dominante será uma grande predisposição para viagens e mudanças.

Sublinham os astrólogos que quantas mais viagens e mudanças, melhor, pois o movimento tenderá a despertar a “boa sorte”.

Por exemplo, nos negócios e na vida profissional, as deslocações e os contactos com o estrangeiro poderão pôr em evidência oportunidades que estavam adormecidas. Mesmo na vida sentimental – e nos relacionamentos em geral – as viagens prometem notícias e surpresas boas.

Neste ano do Coelho, a energia universal qi circula do Coelho para a Serpente, isto é, o primeiro signo “alimentará” o segundo. A Madeira de um gerará o Fogo do outro. Isto significa que os nativos da Serpente se sentirão apoiados por outras pessoas e pelas circunstâncias, ao mesmo tempo que as suas energias interiores estarão reforçadas, preparando-os para aceitarem grandes desafios. Obviamente que devem aceitar os desafios!

Simbolicamente a Serpente “enrola-se” sobre si própria, como que adormecida, conservando assim as suas energias para acções futuras. É agora chegada a altura de passar à acção.

Os relacionamentos e a vida sentimental são um ponto fraco do ano. Os prognósticos dos almanaques não são todos negativos mas é sublinhada a predisposição para a instabilidade (nada está seguro ou garantido) e, nos casos de relacionamentos já estabilizados, como no casamento, há predisposição para conflitos. ■

AMOR *
TRABALHO ***
DINHEIRO ***
SAÚDE **

1929, 1941, 1953, 1965, 1977, 1989, 2001, 2013

Viva a felicidade!



CAVALO

Para os nascidos no ano do Cavalo, duas “estrelas” simbólicas dominarão este ano (2011) sob a égide do Coelho: a Felicidade Celestial e A Lua.

Para os nascidos sob o Cavalo, a tónica positiva do ano derivará do relacionamento com outras pessoas. Ou seja, o esforço e o mérito manterão o seu papel inquestionável mas a chave do sucesso, da “boa sorte” e da felicidade terá sempre a ver com o papel de outras pessoas.

É claro que a vida sentimental será a primeira a sentir o impacto da Felicidade Celestial. Os solteiros terão mais oportunidade de conhecer potenciais parceiros, enquanto os casados deverão – recomendam os almanaques – canalizar a sua atractividade e as energias harmoniosas do ano no sentido do enriquecimento da vida a dois. Em qualquer dos casos, os nascidos sob o Cavalo andarão com uma capacidade acrescida de transmitir aos outros uma imagem positiva de si próprios.

A vida profissional e os negócios serão outras áreas em que o tom do ano se fará sentir. A capacidade de se entender com os outros abrirá portas e permitirá a concretização de sonhos quase impossíveis.

Em termos financeiros serão mais beneficiados os que trabalham por conta própria e aqueles cujas receitas dependem do volume de trabalho produzido.

Quanto à “estrela” A Lua, significa que os nativos do Cavalo serão ajudados e beneficiados de forma mais significativa por pessoas do sexo feminino, sejam elas superiores hierárquicos, subordinados, colegas, sócios ou clientes. ■

AMOR ****

TRABALHO ***

DINHEIRO ***

SAÚDE ****

Jogando “em casa”



CABRA

O factor dominante para os prognósticos dos almanaques para 2011 resulta do facto de os signos da Cabra e do Coelho pertencerem à mesma família zodiacal. O Coelho, a Cabra e o Porco

formam um triângulo equilátero no zodíaco chinês. Há algo de familiar entre os três signos.

O facto de este ser o ano do Coelho faz com que os nativos da Cabra se sintam em casa, já que estarão em terreno que lhes é familiar. O seu relacionamento com os outros tende a estar particularmente favorecida, e deve ser estimulada. Os almanaques recomendam, diga-se de passagem, que eles evitem actuar isoladas. Com parceiros adequados e uma boa rede de contactos, devidamente alimentada, conseguirão alcançar resultados apreciáveis.

Mas, prevêem muitos almanaques, os primeiros tempos poderão ser algo turbulentos. Primeiro surgirão os problemas, mas isso despertará a acção das estrelas protectoras que dominam o ano e permitem transformar os problemas em oportunidades.

Na verdade, será um ano com grandes potencialidades, pelo que, recomendam os astrólogos, deve-se ser proactivo e não ficar apenas à espera que as oportunidades se mostrem por si próprias. O que há de bom só se mostrará na medida em que houver alguma acção e esforço.

Bom para investimentos, mas, ao mesmo tempo, predisposição para gastos avultados.

O relacionamento com os outros terá um papel construtivo e será importante para o sucesso. Mas isso não é suficiente para garantir um ano romântico, avisam os almanaques. ■

AMOR **

TRABALHO ****

DINHEIRO ***

SAÚDE ***

Uma certa bonança



MACACO

Ano de relativa paz e de maior estabilidade. No ano do Tigre (2010) os nativos do Macaco foram desafiados por “energias” felinas. O *statu quo* foi posto em causa e houve muita coisa que

mudou à sua volta.

O ano de 2011 será um tempo de assimilar as mudanças ocorridas no ano do Tigre. Haverá uma relativa bonança e serão introduzidos os reajustamentos decorrentes de uma nova situação.

A energia universal, qi, circula do Macaco para o Coelho, em que o Metal, elemento do Macaco, tenta controlar a Madeira, do Coelho. Isso significa que os nascidos no ano do Macaco farão grandes esforços no sentido de manterem os acontecimentos (e, de certo modo, as pessoas à sua volta) sob seu controlo.

Terão muito a ganhar se definirem objectivos muito concretos a serem alcançados.

As “estrelas” simbólicas que dominam o ano atraem os chamados *gui ren*, isto é, as pessoas que surgem nas nossas vidas e nos ajudam. Essa influência tem um grande poder protector. Sempre que surgirem problemas, surgirão ajudas e será relativamente fácil transformar as crises em oportunidades.

Os que trabalham por conta própria conseguirão tirar mais benefícios financeiros da sua actividade. Ao passo que os restantes poderão ver os seus méritos reconhecidos, mas sem grandes repercussões salariais.

Os astrólogos recomendam muita prudência em questões financeiras e nos investimentos. Finalmente no campo sentimental alguns almanaques falam na existência de “admiradores secretos”, que no entanto serão difíceis de descobrir... ■

AMOR ***
 TRABALHO ****
 DINHEIRO **
 SAÚDE ****

1920, 1932, 1944, 1956, 1968, 1980, 1992, 2004

Desafios e mudanças



GALO

De certa maneira o signo do Galo será a “estrela” deste ano do Coelho (2011). Isto porque os dois signos se opõem no Zodíaco chinês. O que significa, para os astrólogos chineses, um “choque de energias”. Ou seja, mudanças e desafios.

O *statu quo* é desafiado. Tudo o que até aqui era dado como adquirido pode ser posto em causa. O que não implica necessariamente situações negativas. Por exemplo, para aqueles que nos últimos anos tenham vivido numa situação estagnada e improdutiva, o ano do Coelho pode significar o fim desse marasmo. Finalmente as coisas começarão a mexer e as notícias esperadas chegarão.

Todavia, os que têm vivido nos últimos anos em estabilidade e segurança poderão sentir, neste ano do Coelho, o chão tremer-lhes por baixo dos pés. A estabilidade não é eterna. Mais tarde ou mais cedo, a hora da mudança chega.

Qual a estratégia mais adequada para os Galos enfrentarem esta conjuntura? Em primeiro lugar, deverão esforçar-se por assumir uma atitude um bocado mais humilde do que o habitual. Dizem os astrólogos que os nascidos sob o Galo vivem num mundo de grande auto-exigência que os leva a sentirem-se um tanto superiores em relação aos seus semelhantes. Só que, perante os movimentos timoratos, mas astutos, do Coelho, poderão sentir-se inseguros – e mais vale que se preparem para isso.

Finalmente, há que registar que os astrólogos não prevêm para este signo um ano catastrófico, o que quer dizer que, no meio dos desafios e da agitação, surjam oportunidades e o saldo, no fim do ano, poderá ser claramente positivo. ■

AMOR **
 TRABALHO ***
 DINHEIRO **
 SAÚDE **

1921, 1933, 1945, 1957, 1969, 1981, 1993, 2005

Um ano bom!



CÃO

Os signos do Cão e do Coelho (signo que domina o ano de 2011) formam, no Zodíaco chinês, uma parceria muito especial. Compreendem-se, ajudam-se e completam-se.

Será particularmente no relacionamento com os outros que os nativos do Cão sentirão de forma mais imediata os efeitos benéficos do ano do Coelho. Para os solteiros, significará a oportunidade de uma nova relação, para os casados, a estabilidade e a consolidação do relacionamento existente.

Mesmo em assuntos práticos da vida e no trabalho, a mesma magia do contacto empático com os outros operará pequenos milagres. Uma atenção maior e cuidado no relacionamento com colegas e clientes gerará o progresso sem muito esforço. As coisas, pura e simplesmente, acontecerão!

Aliás há que não esquecer que é da atenção particular que os nativos do Cão dedicam à família, aos amigos e aos colegas que deriva o respeito com que são olhados pelos outros.

Mas, como consequência do ambiente positivo em que se desenrola o ano, os astrólogos recomendam que os nascidos sob este signo evitem a estagnação pessoal, baseada na convicção ilusória de que a vida correrá sempre bem. Pelo contrário, devem investir muito no desenvolvimento dos seus conhecimentos e na valorização profissional – o que acabará por se revelar muito compensador.

O dinheiro será o seu ponto mais fraco, sobretudo devido a uma predisposição para gastar para além do razoável. Mesmo assim, o ano é positivo para investimentos de longo prazo. ■

AMOR ****

TRABALHO ***

DINHEIRO **

SAÚDE **

1922, 1934, 1946, 1958, 1970, 1982, 1994, 2006

No seu elemento



PORCO

Para o bem e para o mal, este deverá ser um ano confortável para os nascidos sob o Porco. É que este signo pertence à mesma família do signo do ano, o Coelho. Os dois signos e a Cabra formam, aliás, um triângulo equilátero no Zodíaco chinês, no qual circula a energia do elemento Madeira.

É assim que as pessoas do signo do Porco têm pela frente não só um ano que lhes garantirá alguma segurança e estabilidade, pelo menos em relação ao que é essencial, mas também um mundo de oportunidades.

Aqui, todavia, se abrem duas possibilidades. A primeira é a tentação da preguiça. Habitados a conseguir muita coisa na vida sem qualquer esforço aparente, os nativos do Porco poderão sentir-se invulgarmente seguros e confiantes, ao ponto de julgarem que não precisam de investir energias para o seu futuro. Este é certamente o caminho menos aconselhável, um desperdício.

A via recomendável é a do esforço e da pró-actividade. Devem ter a iniciativa de tentar alguma coisa de novo, esforçarem-se por trabalhar melhor e responder afirmativamente aos desafios. Qualquer esforço será recompensado, de modo directo ou indirecto. Por exemplo, poderão fazer esforço numa determinada direcção, sem resultado, mas a “sorte” aparecer a bater à porta, vinda de outra direcção.

Finalmente, o relacionamento com os outros deverá ser privilegiado: familiares, colegas e amigos. Dessa rede humana virá a “boa sorte”. E, quanto mais desinteressada for a alimentação dessa rede, melhores efeitos surtirá. ■

Finalmente, o relacionamento com os outros deverá ser privilegiado: familiares, colegas e amigos. Dessa rede humana virá a “boa sorte”. E, quanto mais desinteressada for a alimentação dessa rede, melhores efeitos surtirá. ■

AMOR **

TRABALHO ***

DINHEIRO ***

SAÚDE ****

1923, 1935, 1947, 1959, 1971, 1983, 1995, 2007



Conto de Macau,

Concerto anual pelo Coro Infantil do Centro Cultural de Macau

SÃO OS PEQUENOS cantores de Macau. Têm entre 8 a 16 anos e sobem mais uma vez ao palco para dar a conhecer o que aprenderam durante o ano que agora termina. Sob a batuta da professora de música Maria Vanessa Leão, o Coro Infantil sobe ao palco para interpretar clássicos da Broadway. Um espectáculo onde não vão faltar temas quase obrigatórios como *Música no Coração*, *A Bela e o Monstro* e *O Rei Leão*. Haverá também algumas novidades no concerto deste ano, como interpretações de música popular de vários países.

12 Dezembro, Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau

AO LONGO da história, os homens sempre foram considerados como a base da família, tendo sido educados para serem fortes e responsáveis. No entanto, na sociedade moderna, qual é verdadeiramente o desejo dos homens? Como gerem ou enfrentam a família e a sociedade? Perguntas (e talvez respostas) que o coreógrafo Yuri Ng quer transpor para palco naquela que é a terceira série do segmento *Conto de Macau*. Para este espectáculo o coreógrafo vai apenas trabalhar com homens, entre eles Popey Hong, Lok Ian-san e Leung Heng-un, três bailarinos locais que prosseguiram as suas carreiras profissionais fora de Macau. Para esta série de *Conto de Macau* foram eleitas a dança tradicional chinesa e as danças étnicas como ponto de partida para o espectáculo.

Yuri nasceu em Hong Kong onde começou por estudar Ballet, seguiram-se o Canadá e Inglaterra. Em 1983, recebeu a “Medalha de Ouro Adeline Genee” da Academia Real de Dança antes de se tornar bailarino do Ballet Nacional do Canadá. Em 1993 regressou à Ásia e desde então tem assinado várias coreografias para diversas companhias de dança.

18 e 19 Dezembro,
Pequeno Auditório
Centro Cultural de Macau

A sala de estar

Ontem para sempre

Fotografias de Macau

por Fong Chi Fung

A EXPOSIÇÃO APRESENTA 150 trabalhos do espólio do falecido fotógrafo local Fong Chi Fung. São sobretudo registos dos anos 60 e 70 do século passado, desde fotografia documental a fotografia de estúdio.

As imagens foram escolhidas entre um espólio de mais de quatro mil rolos que foram oferecidos pela família ao Museu de Arte e a escolha foi tanta que as imagens surgem organizadas em quatro áreas temáticas. Em *Divertir-se em Macau* retratam-se momentos de lazer, como as viagens entre Macau e Taipa. Como professor, Fung registou muitos momentos das actividades educativas que surgem compilados na temática *Dentro e Fora da Escola*.

Em *Memórias da Cidade* e em *Indústrias do Passado* os registos de Fung centram-se nas paisagens de Macau e nas actividades dos seus habitantes numa época em que se trabalhava nos campos hortícolas e nas muitas oficinas do território.

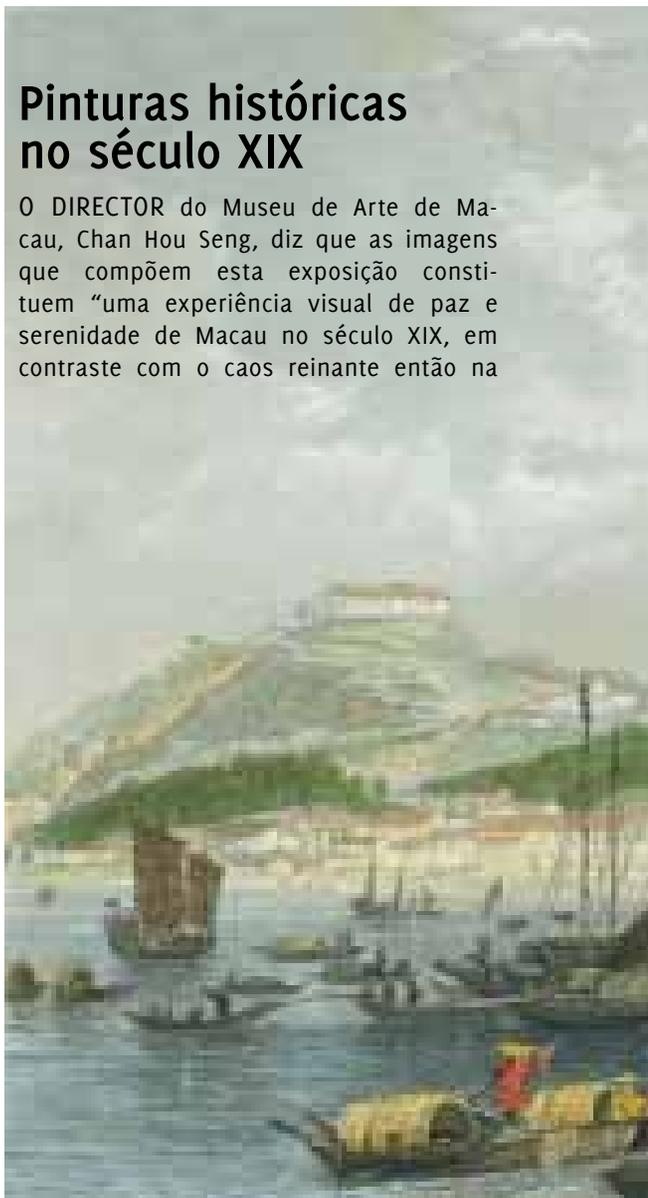
O curador da exposição Choi Pui Leng lembra que Fong Chi Fung era “fascinado pela fotografia”, e que “dedicou-se a esta arte, fazendo da fotografia a sua companheira de vida.” ■

Até 9 de Dezembro, Museu das Ofertas sobre a Transferência de Soberania de Macau

Pinturas históricas

no século XIX

O DIRECTOR do Museu de Arte de Macau, Chan Hou Seng, diz que as imagens que compõem esta exposição constituem “uma experiência visual de paz e serenidade de Macau no século XIX, em contraste com o caos reinante então na



A Nova Imagem, Uma Herança do Passado

O Sucesso da RAEM

MACAU DEZ ANOS DEPOIS da transferência de administração para a China. É o mote para esta exposição que pretendeu mostrar a evolução da RAEM desde que foi criada a 20 de Dezembro de 1999. E poder-se-ia dizer que, em apenas uma década, há já muito para contar sobre Macau a todos os níveis, incluindo económico e político. Como não podia deixar de ser, esta exposição começa com as imagens da cerimónia de transferência de poderes, que contou com a presença do Presidente Jiang Zemin. Há também uma referência ao período das nego-

ciações entre Portugal e a China.

A exposição é composta por fotografias, informação descritiva e meios audiovisuais, que dão igualmente uma imagem sobre a moderna Macau.

A Exposição do 10º Aniversário foi inaugurada a 11 de Dezembro de 2009 no Museu da Capital em Pequim, onde foi vista por mais de 140 mil pessoas. Desde Abril esta mostra percorreu mais de uma dezena de cidades no país como Hangzhou, Harbin, Urumqi, Xangai e Nanjing. ■

Até 15 de Dezembro, Fórum de Macau

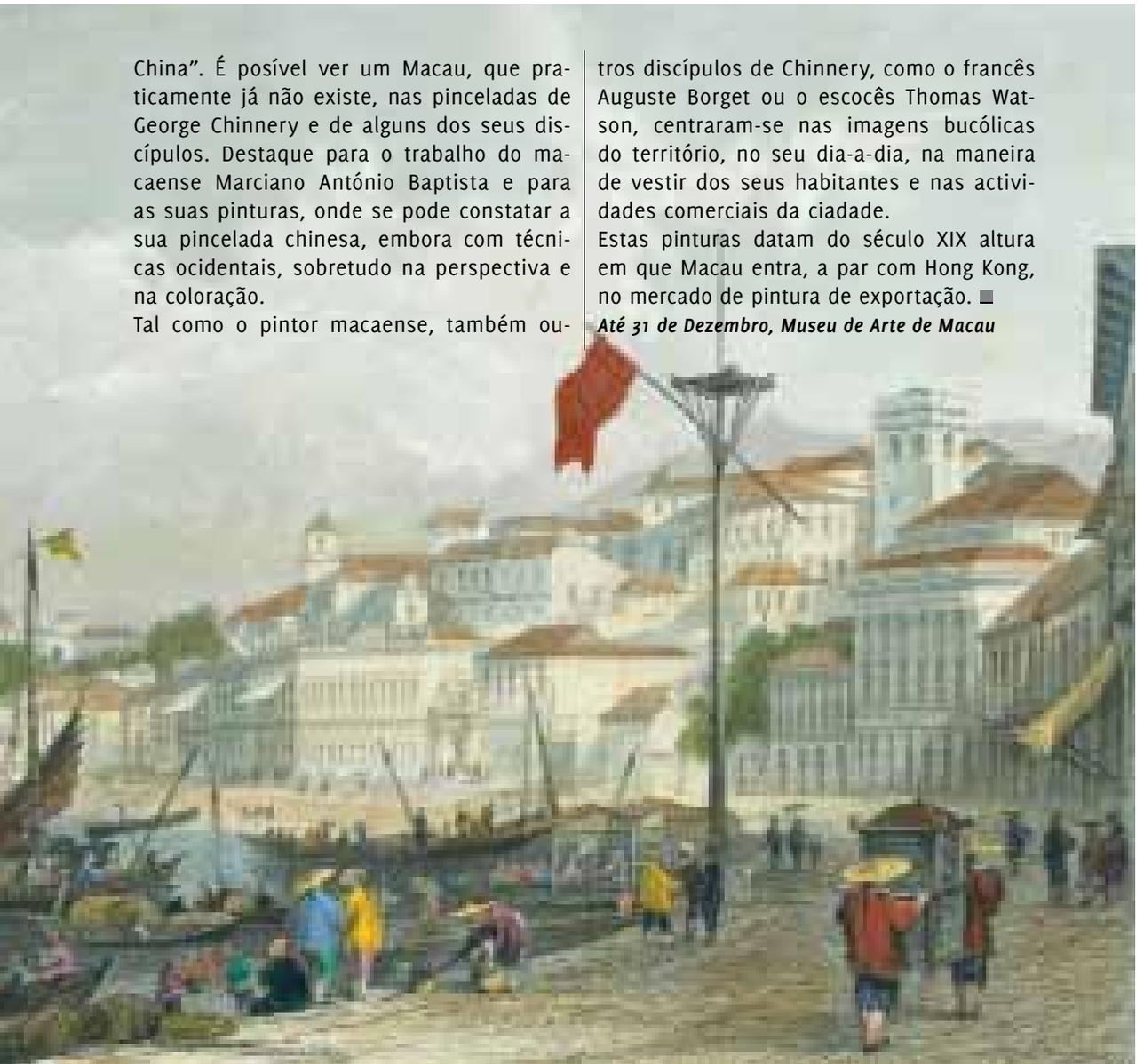
China”. É possível ver um Macau, que praticamente já não existe, nas pinceladas de George Chinnery e de alguns dos seus discípulos. Destaque para o trabalho do macaense Marciano António Baptista e para as suas pinturas, onde se pode constatar a sua pincelada chinesa, embora com técnicas ocidentais, sobretudo na perspectiva e na coloração.

Tal como o pintor macaense, também ou-

tros discípulos de Chinnery, como o francês Auguste Borget ou o escocês Thomas Watson, centraram-se nas imagens bucólicas do território, no seu dia-a-dia, na maneira de vestir dos seus habitantes e nas actividades comerciais da cidade.

Estas pinturas datam do século XIX altura em que Macau entra, a par com Hong Kong, no mercado de pintura de exportação. ■

Até 31 de Dezembro, Museu de Arte de Macau



Visões ocidentais da China

gravuras do século XIX sobre o Delta do Rio das Pérolas

ESTA É UMA VIAGEM pelo Rio das Pérolas do século XIX através das pinturas de vários artistas que tinham como missão retratar a viagem de uma delegação inglesa à China, chefiada pelo embaixador Lord George Macartney.

Nestas gravuras é possível descobrir espaços em Macau que já não existem. É ainda possível ver como era na altura a vista sobre a Praia Grande ou mesmo a

Gruta de Camões.

Esta colecção do Museu de Arte de Macau faz-nos recuar no tempo e relembrar as paisagens de Cantão e Hong Kong. No total são 50 gravuras que descrevem o ambiente e costumes das gentes do Delta do Rio das Pérolas. Esta mostra tem ainda uma série de gravuras em metal. ■

Até 31 de Dezembro, Museu de Arte de Macau

Rostos da emoção esculturas dos alunos do MAM 2010

ESTE É O RESULTADO de mais um *workshop* do Museu de Arte de Macau, actividade que tem lugar desde 2006. O tema de trabalho final foi o “auto-retrato”, para levar os alunos a reproduzir o seu ego numa forma tridimensional enquanto analisam o seu próprio papel na vida. Daí resultaram 24 esculturas de gesso colorido, ilustrando a diversidade expressiva dos alunos.

Este curso foi frequentado sobretudo por mulheres, um facto que mereceu o reconhecimento do professor do *atelier*, Wong Ka Long: “a escultura sempre foi uma arte dominada pelos homens mas em Macau, a maior parte dos alunos de escultura são mulheres, que lidam com materiais pesados e difíceis de manusear, e executam as mesmas operações que os seus colegas masculinos. O seu manuseio delicado chega até a envergonhar-me, como seu professor.” ■

Até 9 de Janeiro, Museu de Arte de Macau



Serigrafia Portuguesa O Século XX na Colecção do MAM

NUNO BARRETO dá o mote para esta viagem ao mundo de serigrafia com a visão para o lado de lá da sua persiana mal fechada. Um mundo de amarelos e vermelhos que abre portas para os trabalhos de artistas portugueses como Vieira da Silva, Júlio Pomar e Luís Demée, entre outros. Entre os trabalhos expostos destaca-se a proposta, em tons de azul, feita por Julião



Sarmento através do quadro *Scott's last entry* : “No começo do século XX poucas zonas do globo havia por ainda explorar e, para alguns espíritos aventureiros, a atracção pelas hostis regiões polares era irresistível”.

As 50 serigrafias fazem parte da colecção do Museu de Arte de Macau e põem em evidência obras de artistas que se destacaram na pintura, na escultura, fotografia, vídeo, azulejo ou gravura. ■

Até 16 de Janeiro, Museu de Arte de Macau

O Fogo e a Cor

Porcelana dos Fornos Imperiais da Dinastia Qing da Colecção do Museu do Palácio

COMO JÁ VEM sendo hábito, no final de cada ano, o Museu de Arte de Macau apresenta uma exposição especial da colecção do Museu Imperial. *O Fogo e a Cor*, traz a Macau um conjunto de 130 peças da colecção de porcelana do Museu do Palácio Imperial, do período Qing.

São peças produzidas nos fornos imperiais durante os anos de 1661 e 1796, o período áureo de Porcelana Chinesa. A exposição está organizada em cinco núcleos temáticos: “A Beleza da Gravação”, “A Beleza da Técnica”, “A Beleza do Vidrado” e “A Beleza da Forma”. A exposição é organizada conjuntamente pelo Museu de Arte de Macau e pelo Museu do Palácio, de Pequim, e está patente a partir do dia 18 de Dezembro. ■

Até 30 Março, Museu de Arte de Macau



**Ave Mundi
Luminar****Rodrigo
Leão**

Rodrigo Leão optou por editar o álbum *Ave Mundi Luminar* tal como foi publicado em 1993. Esta edição inclui uma versão remasterizada de *Ave Mundi Luminar*, material de Theatrum e ainda algumas gravações inéditas efectuadas com a participação do Coro de Câmara da Escola Superior de Música de Lisboa.

Mas há mais neste CD duplo, o disco integra temas cantados em latim mas também uma nova versão da canção *As Ilhas dos Açores*, do álbum *Existir* dos Madredeus, grupo a que Rodrigo Leão esteve ligado até 1994.

Constituído por oito temas, o segundo CD, inclui ainda três temas inéditos: *Mar me quer*, *O Labirinto* e *Dezembro em Lisboa*.

No álbum participaram vários instrumentistas e os cantores Nuno Guerreiro, Nair e também Teresa Salgueiro e Francisco Ribeiro, recentemente falecido, antigo violoncelista dos Madredeus. ■

Sony Music, 2010**Retratos****Cristina Nóbrega**

Afadista está de regresso com um novo disco, agora de inéditos. Se o primeiro álbum, *Palavras do meu fado*, foi um disco de homenagem a Amália Rodrigues com vozes de artistas convidados, agora Cristina Nóbrega aposta em dar novas sonoridades a poemas de escritores portugueses.

Retratos apresenta 16 músicas inéditas para poemas de António Botto, Reinaldo Ferreira, António Gedeão, António Aleixo e Vasco Graça Moura. Entre os poemas estão *Súplica*, de Miguel Torga e *Não sei quantas almas tenho*, de Fernando Pessoa.

Cristina Nóbrega editou o primeiro álbum em 2008 e em Setembro desse ano estreou-se no Círculo de Bellas Artes de Madrid no âmbito do festival Noches Blancas. Em Maio de 2009 recebeu o Prémio Amália Revelação. ■

Sony Music, 2010**Mestiço****Fernando Ferreira**

O nome do álbum aponta claramente para uma mistura de sons e influências: guitarra portuguesa, sons e ambiente africanos e ainda referências à música tradicional portuguesa. Uma “mestiçagem dos sons com referências claras à Guiné-Bissau mas também aos sons de Angola, Cabo Verde e Portugal. As influências são de Fausto, José Mário Branco e Sérgio Godinho, que surgem de uma forma natural” como disse o cantor.

Fernando Ferreira canta sobretudo em português mas há dois temas em crioulos, um de cabo verde e outro da Guiné-Bissau. De resto são 11 temas inéditos, assinados por Yami e Sebastião Antunes onde a fusão de linguagem e de sonoridades é notória.

Fernando Ferreira nasceu na Guiné-Bissau e aos cinco anos mudou-se para Cabo-Verde, mas é em Portugal que inicia o seu percurso escolar. Além de ter feito teatro, frequentou a Escola de Música do Conservatório Nacional. ■

MusasMusic, 2010

World Massala

Terrakota

Este disco “propõe uma viagem que parte do Oriente e segue para Ocidente através do deserto, rumo ao Senegal. Pelo caminho, cruza-se com muitas etnias africanas no seu percurso de djagandjay até Angola, onde apanha um navio negreiro até ao Caribe com escala no Brasil, diz o grupo. Tudo começa nos Himalaias depois de uma passagem pela Índia. Influências audíveis neste álbum, que, no entanto, e à semelhança dos anteriores, continua a transpor-nos para as sonoridades de Angola, Cuba ou Cabo Verde.

Para este álbum os Terrakota convidaram vários grupos de várias nacionalidades, como Paulo Flores, Mahesh Vinaykran, Vassundara Das, os Rajasthan Roots, Kumar e os portugueses Cool Hipnoise. Além das incursões por novos sons do mundo, os Terrakota mantêm um espírito crítico: letras subversivas e de consciência política elevada. Disso são exemplos os temas *Slow Food* ou *Gripe Económica*.

Os próprios se auto-intitulam como “embaixadores do multiculturalismo” e este trabalho nada mais faz que comprová-lo. ■

Ojo Música, 2010



Fotografia: Ana Telhado

Bicicletas, bolos e outras alegrias

Vanessa da Mata

A mulher, os encontros e desencontros entre eles e elas, o diálogo entre a música, as alegrias simples. São alguns dos temas que marcam este novo projecto de Vanessa da Mata e que estão bem resumidos na segunda faixa do álbum - *Fiu, fiu*.

Neste álbum da brasileira há ainda marcas de África. Além dos ritmos africanos que importou para este trabalho, há ainda a parceria com o congolês Lokua Kanza no tema *Vá*, a referência a Fela Kuti na letra de *Meu aniversário* e ainda no texto de apresentação com assinatura do moçambicano Mia Couto. O escritor não podia ser mais claro nas suas palavras: “Nesta obra nova é difícil vislumbrar um padrão musical definido. As misturas são intencionais, várias e plurais, desde um piscar de olhos à tradição popular brasileira até ao namoro com esta África onde eu faço chão e céu”.

Além de Lokua, Gilberto Gil também assina uma parceria com a cantora no tema *Quando amanhecer*. ■

Sony, Brasil, 2010



Castelos na areia

Madredeus e a Banda Cósmica

É com *Castelos de areia* que os Madredeus e a Banda Cósmica se despedem. Este é o terceiro e último trabalho da banda que termina por falta de meios para sobreviver no mundo da música, mesmo depois da segunda vida que ganhou em 2008 com a reformulação do projecto do grupo.

Com *Castelos de Areia* fecha um capítulo da história da banda e termina igualmente uma trilogia iniciada com *Metafonia*, em 2008, e a *Nova Aurora*, em 2009.

Neste último álbum os Madredeus e a Banda Cósmica mantêm o ritmo suave que contrasta com o *pop-rock* dos nossos dias. No fundo, e como eles próprios dizem, alinharam as suas “últimas 11 novas canções, baladas, grooves, dramas, danças e desafios”. Este é o fim de um capítulo da banda que nasceu em 1986, mas que pode não ser o fechar de um livro. Afinal já todos vimos os Madredeus a renascer das cinzas como uma Fénix. ■

Emi, 2010

Carlos do Carmo e Bernardo Sasseti

Não é um disco de jazz. Não é um disco de fado. É antes um disco inédito de voz e piano que resulta da junção de Carlos do Carmo e Bernardo Sasseti.

A fusão das personalidades musicais traça um repertório único entre clássicos da música portuguesa e temas eternos do cancionero internacional.

A obra inclui entre os clássicos da música portuguesa, *Cantigas de Maio* de José Afonso ou o *Porto Sentido* de Rui Veloso. No panorama internacional os dois músicos portugueses escolheram, entre outros, *Gracias de la Vida* de Violeta Parra e *Avec Le temps* de Léo Ferré.

Este trabalho apresenta ainda um original de Bernardo Sasseti com poema de Mário Cláudio, um tradicional açoriano – *Sol* – e *Talvez por acaso*, fruto de uma parceria de Manuela de Freitas e Carlos Manuel Proença. ■

Universal, 2010

Seu Jorge & Almaz

Seu Jorge & Almaz

Há cinco anos Seu Jorge já tinha surpreendido quando reinterpretou canções de Davie Bowie.

Agora volta a apostar no panorama internacional. Com

a nova banda, os Almaz, reinterpretam músicas de Michael Jackson, Roy Ayers, Kraftwerk ou Jorge Ben, sem esquecer as suas origens e os ritmos brasileiros.

Num álbum cantado em português e inglês encontra-se uma mistura de samba, funk, rock e alguns efeitos *techno*. Um dos objectivos de Seu Jorge com este grupo foi o de mostrar ao mundo um outro Brasil que nem sempre é tão divulgado: “Temos de esquecer tudo o que deu errado e começar a construir uma história nova. Acredito que as pessoas estão cansadas de conhecer a farofa, a caipirinha, todos esses estereótipos. Nós temos muito mais coisas no Brasil e acho que este é o momento para mostrar o Brasil que está indo bem, apesar da crise mundial.” ■

Now Again Records, 2010



Portrait of a Jesuit: Matteo Ricci

Gianni Criveller e César Guillén-Nuñez

ESTA OBRA RETRATA a vida e obra de Matteo Ricci, jesuíta italiano que veio para a China para difundir a fé católica. Se no primeiro capítulo se percebe o percurso de aprendizagem feito ainda em Marecata, no segundo pode acompanhar-se a viagem do jesuíta italiano até a Pequim. E é sobre esta caminhada que Gianni Criveller, que viveu na China durante os últimos 18 anos, se debruça, dedicando uma atenção especial à estadia em Macau de Li Madou, como Ricci ficou conhecido entre os chineses.

Foi aliás em Macau que o jesuíta aprendeu a língua chinesa e de onde enviava para a Europa os seus escritos sobre a cultura chinesa.

Já no terceiro capítulo, que abre com o retrato de Ricci pintado após a sua morte, é traçado o perfil do jesuíta pelo investigador César Guillén-Nuñez. Nuñez dedica ainda uma parte do livro à influência da arquitectura da Igreja Católica Romana na China. ■

Instituto Ricci, Macau, 2010

Ásia, o império das escritas

Rui Rocha

RUI ROCHA COMEÇA por abordar a evolução da escrita chinesa, uma das mais “fascinantes do mundo”, e que tem sido “o factor de forte poder unificador dentro da cultura chinesa” para depois olhar um total de 11 escritas usadas por minorias étnicas, como os Uigures, os Dai ou os Naxi.

A obra começa com uma descrição cronológica dos sistemas asiáticos desde os mais antigos signos até ao alfabeto latino que é usado em alguns países como o Vietname e as Filipinas.

Curioso neste livro são as imagens de manuais infantis de gramática que foram sendo recolhidos por Rui Rocha ao longo das últimas décadas. ■

Instituto Português do Oriente, Macau, 2010



Viagem ao tecto do mundo - O Tibete desconhecido

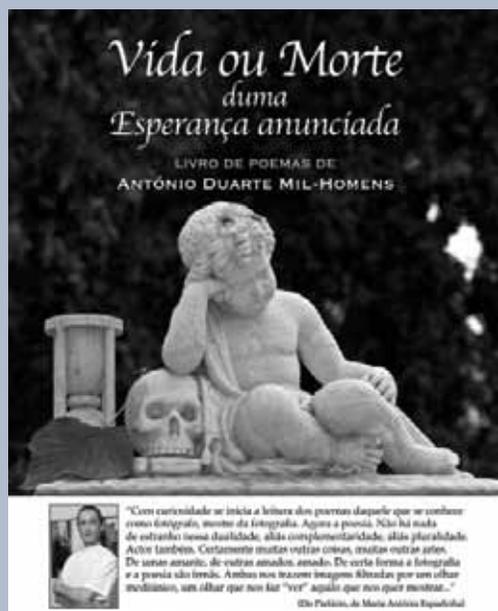
Joaquim Magalhães de Castro

NOS ANOS 90, e durante um mês e meio, Joaquim Magalhães de Castro viajou pelo Tibete. Partiu da capital, Lhasa, seguindo depois na direcção oeste. O destino era a cidade de Tsaparan, mas também o monte Kailash e o lago Manasorovar, locais de peregrinação budista a nível mundial, visitados no início do século XVII pelos jesuítas António de Andrade, Francisco de Azevedo, João Cabral e Estêvão Cacela, pioneiros europeus nos Himalaias.

Este livro é o relato de uma viagem de quase dois mil quilómetros, feita à boleia e de mochila às costas, entre algumas das paisagens mais inóspitas e sagradas do Tibete.

Joaquim Magalhães de Castro é jornalista *freelancer*, *fotógrafo* e *investigador da História da Expansão Portuguesa*. ■

Presença, Lisboa, 2010



Vida ou Morte duma esperança anunciada

António Mil-Homens

ESTE É O PRIMEIRO livro de poemas de António Mil-Homens, fotógrafo português radicado há vários anos em Macau. Nesta edição de autor constam cerca de 90 poemas, escritos entre 2002 e 2003, alguns com um tom mais sombrio e muito biográfico que retratam, segundo o autor, "uma certa inconformidade com o curso da minha vida em determinada fase, alternando desalento com esperança."

António Mil-Homens diz que estes poemas foram "saindo de jorro" face a estímulos simples, desde as viagens aos acontecimentos do quotidiano e aos sentimentos. Para o autor estas "são essencialmente palavras sentidas, daí a espontaneidade do registo e a diversidade do estilo."

Para terminar e aguçar a curiosidade, aqui fica um dos poemas desta obra: "No sal da alma/ a essência duma vida./ No sal dos olhos/ horizontes infinitos./ No sal das mãos/ as marcas desta escrita./ No sal da boca/a sede dos meus gritos." ■

Edição de autor, Macau, 2010

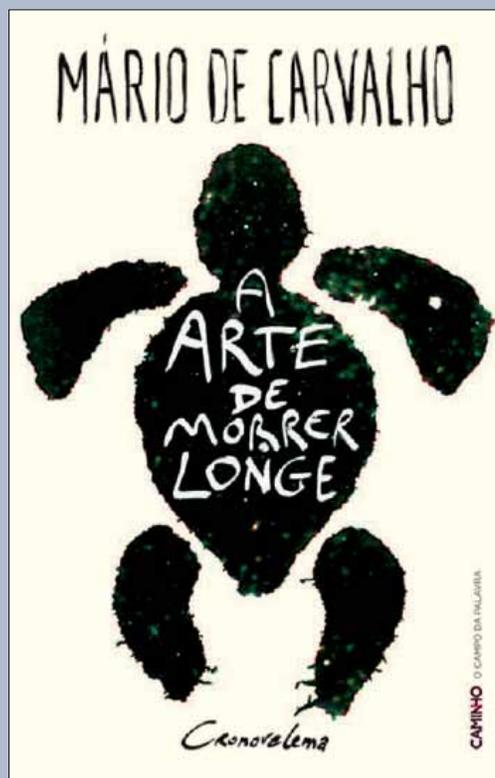
A arte de morrer longe

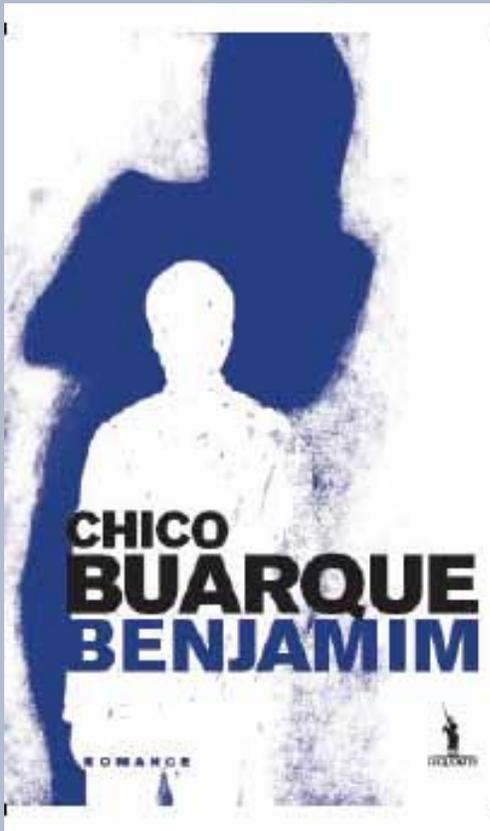
Mário de Carvalho

ARNALDO E BÁRBARA são um casal à beira da separação, e que, ao serem feitas as partilhas, não sabem que destino dar a uma tartaruga. "A solução tarda, e entretanto o casal vai vivendo com partilhas comuns mais ou menos agrestes." O desfecho da história é tudo menos o que eventualmente se estaria à espera, não fosse essa a "arte de morrer longe".

Esta é uma obra em que Mário de Carvalho mistura géneros - jornalístico e a crónica, mas também a novela e o conto – para, com ironia e uma pitada de humor, retratar uma sociedade que se diz contemporânea mas que é muito fechada em si mesma. E como falamos dos dias de hoje não faltam nesta história as incontornáveis novas tecnologias, como a redes sociais *Facebook* e *Twitter*, *verdadeiros escapes ao mundo real*. ■

Caminho, Lisboa, 2010





Benjamim

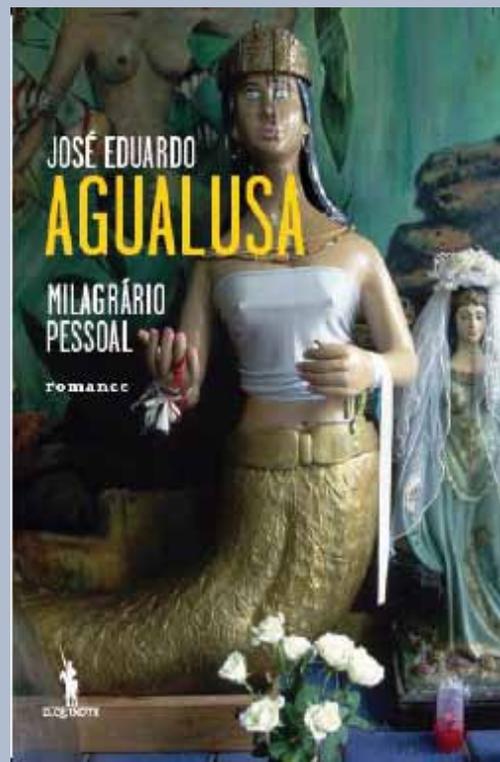
Chico Buarque

POR DETRÁS DA VIDA de Benjamim Zambraia, ex-modelo fotográfico, está a morte de uma mulher. É a obsessão que o leva a associar tudo o que o cerca no presente a esse enigma do passado e a estabelecer todo o tipo de relações, a começar pelo instante em que encontra a jovem Ariela Masé, que em tudo lhe parece outra, Beatriz.

Sem conseguir distinguir o que vê fora de si do seu passado, e de si mesmo, Benjamim avança, pouco a pouco, em direcção ao destino trágico que sua obsessão lhe reserva.

Publicado pela primeira vez em 1995, este é o segundo romance de Chico Buarque, que se tem destacado sobretudo no mundo da música brasileira, como cantor e compositor. ■

Dom Quixote, Lisboa, 2010



Milagrário pessoal

José Eduardo Agualusa

ESTE NOVO LIVRO de Agualusa é um romance de amor e, ao mesmo tempo, uma viagem através da história da língua portuguesa, das suas origens à actualidade. Uma aventura pelo mundo lusófono (que passa pelo Brasil, Angola e Portugal) realizada por Iara, uma jovem linguista portuguesa, e um antigo professor. Os dois procuram palavras porque afinal "(...) as línguas desenvolvem-se, evoluem, alimentando-se de outras. A língua portuguesa, em particular, recolheu palavras do mundo inteiro. Garoto, por exemplo, vem do francês *gars*; branco, do germânico *blank*, que também significa brilhante ou limpo. Carimbo, do quimbundo *kárima*; bule, do malaio *buli*; leque, do chinês *lieu khieu*. Jangada veio de *changadam*, uma palavra do malaia de Malabar, na Índia (...)" Além de um romance de amor esta obra é também um romance de homenagem ao amor do autor pela língua portuguesa. ■

Dom Quixote, Lisboa, 2010

- **MANTENHA-SE LIGADO À REALIDADE DE MACAU, ATRAVÉS DO CIBERESPAÇO**

- ONDE QUER QUE ESTEJA!

- **BASTA UM CLIQUE NO SEU RATO, PARA TER ACESSO AOS CANAIS PORTUGUESES DA TDM**

**COM A TDM,
MACAU ESTÁ MAIS PRÓXIMO DE SI**

ACRESCENTE O NOSSO ENDEREÇO À SUA LISTA DE PREFERÊNCIAS:

<http://www.tdm.com.mo/pl>



TDM

AGRADECEMOS A SUA PREFERÊNCIA

revista Macau

macau **actual**



Onde pode encontrar
a Revista Macau

PORTUGAL

Lisboa

Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,
1700-033, Lisboa

Tel: +(351) 21 849 5342

**Centro de Promoção
e Informação Turística**

de Macau em Portugal

**Direcção dos Serviços de Turismo
da RAEM**

Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c
1069-204 Lisboa

Tel: +(351) 217 936 542

Porto

Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2
4000-441 - Porto

Tel: +(351) 22 200 12 94

Aveiro

Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62
3810-109 Aveiro

Tel: +(351) 234421494

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22

Tel: +(853) 2856 6442

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"

Tel: +(853) 2832 3957

Plaza Cultural Macau

Av. do Conselheiro Ferreira de
Almeida, 32

Tel: +(853) 2833 8561

Revista **MACAU**

COLECÇÕES ANUAIS ENCADENADAS

[2005 2006] [2006 2007] [2007 2008]



Edição de Setembro 2010



Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,

Edif. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau

email: contacto@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome:

Morada:

Telefone: Fax: E-mail:

Angola: AOA 970.00

Brasil: BRL 22.00

Cabo Verde: CVE 925.00

Guiné Bissau: XOF 5,340.00

Macau: MOP 100.00

Mundo: USD 13.00

Moçambique: MZN 320.00

Portugal: EUROS 9.00

S. Tomé: STD 188,000.00

Timor: USD 13.00



Não inclui portes de correio. Vendas online em www.revistamacau.com/shopping/vendas.asp

www.revistamacau.com

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



— Desde 1902 —

Veja a Diferença
Sentir Macau !

Nesta cidade cosmopolitana, com a sua cultura única, suba ao topo da Torre de Macau para uma vista fascinante de Macau; assista aos magníficos espectáculos de estrelas internacionais nos grandes palcos de Macau; aproveite a oportunidade em encontrar o último grito da moda em modernos centros comerciais.

Veja a diferença em Macau, um museu vivo onde pode encontrar uma rica herança cultural por toda a cidade.



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macautourism.gov.mo

Num mundo de diferenças, a diferença é Macau